



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Tânia Regina dos Santos Fernandes

**Narrativas biográficas em cordel: a intergenericidade nas aulas de Língua
Portuguesa**

Rio de Janeiro

2021

Tânia Regina dos Santos Fernandes

Narrativas biográficas em cordel: a intergenericidade nas aulas de Língua Portuguesa



Dissertação apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof.^a Dra. Denise Salim Santos

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

F363 Fernandes, Tânia Regina dos Santos.
Narrativas biográficas em cordel: a intergenericidade nas aulas
de língua portuguesa / Tânia Regina dos Santos Fernandes. – 2021.
110 f. : il.

Orientadora: Denise Salim Santos.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Leitura – Estudo e ensino - Teses. 2. Literatura de cordel brasileira -
Teses. 3. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 4. Intertextualidade -
Teses. 5. Educação – Métodos biográficos – Teses. I. Santos, Denise Salim.
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 028:398.5(81)

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Tânia Regina dos Santos Fernandes

Narrativas biográficas em cordel: a intergenericidade nas aulas de Língua Portuguesa

Dissertação apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 16 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Denise Salim Santos (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof.^a Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Fábio André Cardoso Coelho
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a qualquer estudante, sobretudo de escolas públicas, que tenha interesse, o mínimo que seja, em desbravar o caminho das letras para aprimorar o seu conhecimento de mundo e sua formação cidadã.

AGRADECIMENTOS

A Deus, à minha família e a todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para o resultado deste estudo.

À professora Denise Salim Santos, minha orientadora e professora desde a Especialização, pela disposição em fazer numerosas leituras deste trabalho e pelo tempo dedicado às nossas conversas, inclusive com precisas sugestões de ajustes, além das palavras de incentivo durante todo o tempo que integrou nossas interações iniciadas de modo presencial e realizadas, em grande parte, pela modalidade virtual.

À professora Maria Teresa Gonçalves Pereira, do Instituto de Letras da UERJ, pelos comentários muito úteis que serviram para retificações neste trabalho. À Tania Maria Nunes de Lima Camara, professora do Instituto de Letras da UERJ, pelas acertadas observações feitas durante o exame de qualificação, em agosto de 2021. Ao professor Fábio André Cardoso Coelho, da Universidade Federal Fluminense, por aceitar o convite para participar da etapa que compôs o exame de defesa. Ao professor Sérgio Luiz Baptista da Silva, professor associado do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da UFRJ, por se dispor, atendendo ao meu convite, a atuar a qualquer momento como professor participante da Banca Examinadora. Agradeço, ainda, à minha colega de turma Ana Paula Macri pela parceria na revisão final.

Agradeço imensamente à minha ex-professora de Literatura Francesa na Faculdade de Letras da UFRJ, Celina Maria Moreira de Mello, pela gentileza em fazer as correções necessárias na tradução do resumo para a Língua Francesa.

Meus sinceros agradecimentos aos docentes integrantes da Banca Examinadora da minha dissertação de Mestrado pelas sugestões, pelos comentários, pelas retificações, enfim, por todas as observações feitas, que recebo como uma maneira de me ajudar a pensar a respeito da pesquisa, do ensino, da aprendizagem e da formação cidadã ao nível da Educação Fundamental.

I have a dream.
Martin Luther King Jr.

RESUMO

FERNANDES, Tânia Regina dos Santos. *Narrativas biográficas em cordel: a intergenericidade nas aulas de Língua Portuguesa*. 2021. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Este estudo discute o aperfeiçoamento da habilidade de leitura, considerando a correlação entre a formação escolar – ensino e aprendizagem – e a formação cidadã. A finalidade é sugerir atividades de estudo da linguagem verbal a estudantes da segunda etapa do Ensino Fundamental, a partir da leitura de textos biográficos em cordel pré-selecionados. Para isso, serão feitas análises de três textos, cuja característica monotemática associa-se a termos propostos pela LDB nº 9.394/1996, em seu artigo 26 A – conforme Lei nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Legislações que progressivamente promoveram orientação sobre a inserção de assuntos relacionados à cultura afro-brasileira e indígena ao conteúdo das disciplinas da rede de Ensino Básico. Por essa razão, a narrativa em cordel constitui-se *corpus* de análise a ser feita pela perspectiva da estilística fônica e da estilística lexical, a partir de um dos temas frequentes no cordel, a biografia. O estudo trata a composição elaborada em versos como unidade textual, no intuito de seguir orientações propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a disciplina de Língua Portuguesa, no que diz respeito à recomendação do texto como unidade básica para o ensino. O objetivo desta pesquisa é detalhar os aspectos composicionais e expressivos, buscando destacar as especificidades que servirão para identificar a característica composicional híbrida denominada intergenericidade, objeto de análise, utilizada como estratégia para verificar a predominância das funções da linguagem, dentre elas a poética e a referencial, que serão estudadas nos textos biográficos *Luisa Mahin*, *Tia Simoa* e *Antonieta de Barros* – poemas publicados em folhetos de cordel, de autoria de Jarid Arraes. Com isso, projeta-se o aprimoramento da habilidade de leitura e da compreensão textual. Metodologicamente, o desenvolvimento deste estudo parte dos itens lexicais e gramaticais, tendo-os como termos estruturantes dos versos e dos elementos significativos e textualmente organizados na elaboração da narrativa biográfica, ressaltando-se o plano fonético-fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico, níveis atribuídos à macroestruturação da produção poética em cordel, assim como à unidade enunciativo-discursiva. A proposta reúne como aportes teóricos: Silva (2009), Vigotsky (2007), Langacker (1972), Jakobson (1974), Martins (2012), Marcuschi (2008, 2010), Koch e Elias (2018) e Bakhtin (2011, 2016).

Palavras-chave: Leitura. Intergenericidade. Cordel biográfico. Estilística. Ensino.

RÉSUMÉ

FERNANDES, Tânia Regina dos Santos. *Récits biographiques en cordel: l' intergénéricité dans les cours de Langue Portugaise*. 2021. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Cette étude est le résultat d'une recherche de master qui discute l'amélioration de la capacité de lecture, tenant en compte la corrélation existante entre la formation scolaire – l'enseignement et l'apprentissage – et la formation citoyenne. La finalité en est de suggérer des activités d'étude du langage verbal aux élèves de la deuxième étape de l'Éducation Fondamentale, en prenant pour point de départ la lecture de textes biographiques en *cordel* pré-sélectionnés. À cet effet, l'on a fait un travail d'analyse et de compréhension textuelle de trois textes dont la caractéristique monothématique correspond aux termes proposés par l'article 26A de la LDB n° 9.394/1996, d'après la Loi n° 10.639/2003 et n° 11.645/2008. Il s'agit là d'un ensemble de lois qui progressivement ont mis en avant des orientations visant l'insertion de thèmes portant sur la culture afro-brésilienne et indigène aux programmes scolaires des matières du réseau d'institutions scolaires de l'Éducation de Base. À cet effet, des récits en *cordel* constituent un *corpus* du travail d'analyse qui sera faite pour la perspective de la stylistique phonique et de la stylistique lexicale, à partir du type de récit le plus fréquent en *cordel*, celui de la biographie. Cette étude considère la composition en vers en tant qu'une unité textuelle, visant réaliser ce qui est proposé par les *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN): troisième et quatrième cycles de l'Enseignement Fondamental, aussi bien que par la *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), en matière de Langue Portugaise, quant à la recommandation de considérer les textes comme unité de base pour l'enseignement. L'objectif de cette recherche consiste à détailler les aspects compositionnels et expressifs de ces textes, prenant en compte les spécificités qui permettent d'identifier la caractéristique compositionnelle hybride appelée intergénéricité. C'est là l'objet d'analyse proposé, qui sera utilisé en tant que stratégie pour vérifier la prédominance des fonctions du langage, parmi lesquelles la fonction poétique et la fonction référentielle, observées à propos des textes biographiques *Luisa Mahin*, *Tia Simoa* et *Antonietta de Barros* – poèmes publiés sous forme de feuillets de *cordel*, dont l'auteure est Jarid Arraes. Ce travail mène à une proposition pour l'amélioration des compétences de lecture et de compréhension de textes. Méthodologiquement le développement de cette étude part des items lexicaux et grammaticaux qui fonctionnent comme termes structurants des vers, aussi bien que des éléments significatifs textuellement organisés dans la composition du récit biographique, en mettant l'accent sur le plan phonétique-phonologique, morphologique, syntaxique et sémantique, niveaux attribués à la macro-structuration de la production poétique en *cordel* et à l'unité énonciative-discursive. Cette proposition est fondée sur les contributions théoriques suivantes: Silva (2009), Vigotsky (2007), Langacker (1972), Jakobson (1974), Martins (2012), Marcuschi (2008), Koch et Elias (2018) et Bakhtin (2011, 2016).

Mots-clés : Lecture. Intergénéricité. *Cordel* biographique. Stylistique. Enseignement.

LISTA DE SIGLAS

INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
TDIC	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	LEITURA E APRENDIZADO.....	17
1.1	Formação leitora.....	20
1.2	Unidade textual por uma perspectiva enunciativo-discursiva.....	31
2	A ESTILÍSTICA NO CORDEL.....	36
3	O CORDEL E A FUNÇÃO SOCIOCOMUNICATIVA DA LINGUAGEM	43
3.1	A macroestrutura das produções textuais em cordel.....	51
3.2	Composições monotemáticas	69
3.3	Composição do conteúdo temático com base nos fatos linguísticos	76
4	FUNÇÃO DOS POEMAS ANALISADOS.....	86
4.1	Intergenericidade: o cordel biográfico e a matéria didática no ensino.....	87
4.2	Análise da intencionalidade comunicativa por um viés narrativo-discursivo	92
5	FORMAÇÃO CIDADÃ PELA LEITURA: UMA ABORDAGEM DE ENSINO	95
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
	REFERÊNCIAS.....	103
	ANEXO A - Cordel biográfico <i>Luisa Mahin</i>.....	107
	ANEXO B - Cordel biográfico <i>Antonieta de Barros</i>	108
	ANEXO C – Cordel biográfico <i>Tia Simoa</i>	109
	ANEXO D – Legislações citadas	110

INTRODUÇÃO

Narrativas biográficas em cordel: a intergenericidade nas aulas de Língua Portuguesa é resultado de uma pesquisa sobre as características composicionais de textos biográficos elaborados em cordel. Inicialmente intitulado “Descrição estilístico-discursiva a partir da expressividade apresentada em poemas biográficos”, esse foi o projeto apresentado em 2019 para ingressar no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL-UERJ). Ideia que deu origem a este estudo, proposta direcionada a estudantes das séries finais do Ensino Fundamental.

A finalidade deste estudo é servir ao aperfeiçoamento da habilidade de leitura e compreensão textual, o que deve ser feito a partir da compreensão da unidade semântica vinculada à unidade estrutural dos próprios textos, tratados como unidade básica de estudo da linguagem verbal. Para isso, coloca-se em evidência a característica monotemática concebida pelos poemas biográficos para destacar certa referencialidade afirmativa no que tange à historicidade das personalidades negras narradas nos poemas.

A problematização deste estudo parte do seguinte questionamento: é verdade que, ao final do Ensino Básico, os estudantes, sobretudo aqueles de escolas públicas, passam a ter uma formação plena e consolidada que lhes possibilite reconhecer as especificidades de boa parte dos gêneros textuais com os quais eventualmente possam se deparar em diferentes situações sociocomunicativas de seus cotidianos e para as quais muitos gêneros textuais são requeridos?

O objetivo geral desta pesquisa consiste em verificar a unidade textual por meio de uma perspectiva composicional híbrida em que as narrativas biográficas foram elaboradas em formato de cordel, com o intuito de destacar a função comunicativa e a intencionalidade discursiva percebida durante a leitura dos textos analisados. Considera-se a hipótese de que a intergenericidade pode ser uma estratégia, na área de estudo da linguagem verbal, para o reconhecimento das especificidades básicas dos gêneros textuais, abordados a partir da leitura.

Como objetivos específicos, pretende-se: a) analisar três textos intitulados *Luisa Mahin*, *Tia Simoa* e *Antonieta de Barros*, de autoria de Jarid Arraes. Produções textuais elaboradas em versos e selecionadas para examinar a função referencial da linguagem devido à característica monotemática deduzida da sequência de leitura desses textos biográficos sobre mulheres negras que fizeram parte da história, temática que vai ao encontro de propostas sobre a abordagem da história e da cultura afro-brasileira, vinculando-se, assim, a assuntos de conteúdos didáticos nas

disciplinas do Ensino Básico, conforme artigo 26-a¹ da Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/1996, resultante da atualização do artigo 26², de acordo com as leis 10.639³/2003 e 11.645⁴/2008; b) destacar os itens lexicais como elementos linguísticos componentes da unidade de significação semântica e verificados como recursos estilísticos que serviram à unidade estrutural de elaboração poética e, por fim; c) relacionar conteúdo da disciplina Língua Portuguesa ao tema étnico-racial, a ser considerado tema transversal, conforme tratado pelos PCN. Assim, será apresentada uma proposta para o aprimoramento da habilidade de leitura e compreensão textual que, relacionada à prática enunciativo-discursiva, auxilie na formação de uma referencialidade afirmativa resultante da leitura de textos ora tidos como uma espécie de micro biografia das personalidades narradas nos poemas.

A função social da linguagem estudada nos textos foi apresentada tendo em vista a predominância de algumas funções da linguagem, na perspectiva de Roman Jakobson, dentre as quais a emotiva, a conativa, a referencial e a poética, verificadas a partir das propriedades linguísticas constituídas pela escolha lexical. O propósito foi criar condições, pelo próprio manuseio dos níveis estruturantes do código linguístico destacados do contexto de produção textual, para o estudo das características dos textos biográficos em cordel. Observando-se, com isso, a intencionalidade discursiva alcançada durante a leitura, o que possibilitou também, quanto à recepção leitora, suscitar aquilo que será tratado como referencialidade afirmativa sobre a atuação prática e histórica das personalidades narradas, levando a um entendimento amplo sobre a historicidade cultural dessas personagens.

Este trabalho considera a prática da intradisciplinaridade, aquela que relaciona leitura, análise linguística e produção textual, como principal planejamento para a abordagem da função social de uso da linguagem verbal. Para isso, a descrição dos fatos linguísticos no estudo da elaboração das especificidades textuais também foi relacionada aos recursos estilísticos, aqueles tidos como características composicionais. Por consequência, este estudo está sendo apresentado como contribuição a outros estudos que, eventualmente, já tenham sido desenvolvidos em torno do reconhecimento de características das composições poéticas em versos ou, ainda, a estudos sobre as especificidades que compõem o gênero textual biografia.

A metodologia da pesquisa parte de orientações estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), recentemente reforçadas pela Base Nacional Comum Curricular

¹ Anexo D

² Anexo D

³ Anexo D

⁴ Anexo D

(BNCC), que recomendam o texto como unidade básica no ensino. Para isso, foi feita a leitura de uma série de poemas em cordel, dentre os quais foram selecionados três textos que, em sua totalidade e partindo de uma percepção leitora, simbolizam e auxiliam cronologicamente para a formação de uma referencialidade afirmativa sobre a trajetória de mulheres negras. Alguns dos fatos neles narrados destacam a participação ativa dessas personalidades na construção de suas histórias, por um viés afirmativo de receptividade leitora.

O acesso ao material utilizado para a análise neste estudo ocorreu mediante leitura do livro de autoria de Jarid Arraes (2017), intitulado *Heroínas negras brasileiras em quinze cordéis*, onde estão reunidos alguns dos textos elaborados como relatos biográficos ou narrativas biográficas em cordel sobre a vida de personalidades negras, algumas delas historicamente conhecidas: Tia Ciata, Carolina Maria de Jesus, Laudelina de Campos e outras. Além de outras pouco conhecidas como: Tereza de Benguela, Maria Felipa de Oliveira e Maria Firmina dos Reis. Vale mencionar, no entanto, que os relatos biográficos a serem analisados no decorrer desta dissertação foram referenciados por suas edições impressas em folhetos. Assim, os três poemas biográficos escolhidos para a análise neste estudo foram: *Luisa Mahin*, *Antonietta de Barros* e *Tia Simoa*, registrados neste trabalho como anexos A, B e C, respectivamente.

Além da motivação biográfica, o que auxiliou a escolha do material para a análise foi a percepção, durante a leitura, do estilo composicional híbrido, a partir do qual percebe-se o trabalho de versificação do texto biográfico. Apesar de estar estruturado em poema, a leitura empreendida por alguém que desconhecesse o estilo característico típico das produções escritas em versos ou em formato de cordel poderia ser uma leitura realizada como normalmente se lê um texto em prosa, ou seja, sem qualquer preocupação com a métrica e sem atenção à disposição dos pares de rima, característica composicional dos versos em cordel.

Ainda em relação à metodologia, o referencial teórico abrange o conceito de Vigotsky⁵ (2007) sobre *zona de desenvolvimento proximal*, que trata da relação entre aprendizado e desenvolvimento ou formação global da criança. Para o desenvolvimento da abordagem ora pretendida, esse foi um dos conceitos aplicados para a discussão sobre a progressão ou o aperfeiçoamento da compreensão leitora de estudantes das séries finais do Ensino Fundamental. Este estudo também considerou, com base nos textos selecionados, a predominância de algumas funções da linguagem mencionadas por Roman Jakobson (1974). Também foram realizadas

⁵ Na sétima edição do livro *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* publicado pela editora Martins Fontes, a grafia do nome do autor desse livro aparece de duas formas (Vigotski e Vigotsky). Quanto à referência desse autor neste estudo, a opção foi pelo uso da segunda forma (Vigotsky) por estar mais aproximada da forma gráfica (Vygotsky) encontrada quando feita uma breve busca pelo nome do autor na internet.

análises, pela perspectiva da estilística fônica e lexical, conforme Martins (2012) e Henriques (2018, 2019). Foram, ainda, apresentadas algumas ponderações sobre o cordel enquanto um gênero de expressão literária e cultural, de acordo com estudos de Veríssimo de Melo (1983). Além disso, integram o aporte teórico os estudos gramaticais que tratam dos níveis de estruturação da linguagem verbal, segundo preceitos linguísticos verificados em Cunha e Cintra (1985), em Bechara (1999, 2009) e em Azeredo (2018). As observações quanto à estruturação composicional híbrida partiram da noção apresentada em Marcuschi (2008) sobre a intergenericidade, ao comentar a intertextualidade entre função e forma de gêneros textuais. A valoração semântica para a composição da característica do que foi tratado por gênero biográfico baseia-se na teoria de Bakhtin (2011) e relaciona-se à perspectiva de uso social da linguagem verbal, conforme Calvet (1975). Esses foram os aportes teóricos utilizados neste estudo, visando descrever meios para o aperfeiçoamento da habilidade de leitura que também leve ao aperfeiçoamento das práticas enunciativo-discursivas, ou a competência metagenérica, conforme Koch e Elias (2018).

As estilísticas fônica e lexical serviram, respectivamente, ao desenvolvimento do estudo sobre as dimensões de estruturação formal quanto à elaboração dos versos e manutenção da métrica e à composição do conteúdo temático quanto à elaboração do gênero textual biografia, assim como à intencionalidade discursiva explicitada pelas pelos itens linguísticos.

Essas dimensões serão exemplificadas por intermédio dos itens linguísticos. Serão demonstradas alterações fonéticas relacionadas à metrificação, assim como os itens lexicais que evidenciam o campo semântico, para a compreensão da unidade de sentido, conforme a percepção leitora.

Mediante a proposta em prol do aperfeiçoamento da habilidade leitora de estudantes e na intenção de tentar responder a questão-problema deste estudo, é preciso considerar que a prática de leitura mediada pode auxiliar na identificação das características da estruturação composicional e da estruturação temática, constituídas por itens linguísticos – componentes de significação nas produções textuais.

Esta não é uma proposta inaugural. Ela apenas coloca em evidência estudos anteriores e voltados ao ensino, pautados em produções textuais e que serviram para destacar os níveis dos estudos gramaticais, principalmente como meio de descrição sobre funcionamento da linguagem verbalizada. Isso já aparecia, por exemplo, no *Curso de gramática aplicada aos textos*, de Ulisses Infante (1996), perspectiva de estudo a partir da qual os tópicos gramaticais

vinculados à análise do texto são meios utilizados para aprimorar a leitura e a produção escrita, tópicos exemplificados por intermédio de diversos gêneros textuais.

Ainda hoje, discute-se a ineficiência leitora de estudantes. Um indicativo para a pouca habilidade em leitura podem ser os resultados dos programas que avaliam o grau de aprendizado de estudantes ao término do Ensino Fundamental. Dentre eles, o PISA recentemente sinalizou o baixo nível de proficiência leitora, sobretudo o de estudantes de escolas públicas. No último relatório divulgado em 2020 pelo INEP, instituto responsável pelo planejamento de exames educacionais e pela operacionalização da avaliação do aprendizado no Brasil, fatores como raça e renda social apareceram como variáveis para demonstrar o elevado percentual de alunos com baixa proficiência leitora. Esse resultado explicitou problemas de aprendizagem relacionados a questões socioeconômicas, prejudiciais à boa formação da maioria dos estudantes avaliados, principalmente em relação ao domínio da leitura. A má formação leitora pode interferir no próprio desenvolvimento educacional, pois traz limitações para a compreensão em várias matérias que compõem a grade curricular das disciplinas escolares. Por isso, toda atuação que resulte no aperfeiçoamento da competência leitora dos estudantes que não conseguem atingir o nível mínimo de proficiência nesse quesito, na prática, pode servir à melhoria do aprendizado como um todo.

Está disposto no § 2º do artigo 26-a, que “os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras”. Por entender que essas áreas estão intrinsecamente relacionadas à própria aquisição e estabilização da língua pelos membros de uma sociedade; interrelacionadas durante as práticas sociais e comunicativas, e que estas, historicamente, vêm estabelecendo as próprias relações socio discursivas realizadas pela oralidade e pela escrita, o resultado do estilo empregado para a composição dos textos poéticos é tornado elemento de análise, tendo a temática biográfica como meio de apresentar questões que estimulem um fazer científico de observação da língua, vinculado ao desenvolvimento de um pensamento crítico sobre questões sociais.

Importa esclarecer que a escolha de textos que apresentem relatos biográficos sobre personalidades negras não é fator condicional tampouco preceito para que, neste estudo, seja necessário fazer referência a qualquer fonte histórica que comprove ou revogue informações acerca dos relatos sobre quaisquer nomes ou acontecimentos narrados nas produções biográficas em cordel selecionadas. De igual modo, também não há intenção de se levantar

qualquer tipo de discussão sobre a procedência das informações que constituem o conteúdo temático para as biografias como assunto da proposta deste estudo.

O estudo desenvolvido pretende demonstrar como as palavras da língua, funcionando como elementos linguísticos nas composições, constroem unidade de significação. Considera-se a leitura proficiente uma maneira para (re)constituir sentido a partir do léxico, em contexto de unidade textual vinculada ao uso da linguagem verbal, estruturada pelos planos fonético-fonológico, morfológico, semântico e sintático, níveis gramaticais destacados para ilustrar os eixos narrativos e descritivos atrelados à elaboração do plano de expressão discursiva e atribuídos às funções de linguagem predominantes nos textos. Dessa maneira, a organização do procedimento metodológico desta pesquisa parte da leitura dos poemas elaborados em cordel, considerando o recomendado pelas diretrizes educacionais.

A descrição das características é proveniente dos gêneros textuais estudados. Isso põe em relevância aspectos sobre as funções da linguagem para o detalhamento sobre a versificação na produção literária em cordel e a elaboração do conteúdo temático que constitui o gênero biografia neste estudo. Serão esses os aspectos que embasarão o desenvolvimento dos seguintes tópicos:

- Aquisição do aprendizado escolar sistematizado a partir da leitura do texto, tendo-o como unidade textual para o aprimoramento da habilidade e compreensão leitora, a partir da composição estruturada pelo código linguístico e visando uma perspectiva enunciativo-discursiva.
- Estudo dos recursos estilísticos proporcionadores do efeito expressivo rítmico na elaboração do gênero textual em cordel, destacando-se a utilização das palavras do léxico da língua como meio de elaboração do conteúdo temático biográfico e da estruturação do que será analisado como a função poética.
- O detalhamento da função sociocomunicativa da linguagem pela macroestrutura do cordel, derivado de características linguísticas na organização dos eixos narrativo, descritivo, bem como da descrição da percepção leitora da intencionalidade discursiva. Eixos que compuseram a propriedade monotemática das biografias estudadas.
- Aplicação ao ensino da noção referente à intergenericidade proporcionada pela identificação das funções da linguagem predominantes. Uma estratégia de estudo para abordar características composicionais sobre gêneros textuais

tornados mecanismos de intenção sociocomunicativa a ser utilizada, pela característica monotemática, para depurar uma referencialidade afirmativa.

- Roteiro de aplicação para proposta no ensino sobre o estudo da linguagem verbal em aulas de língua materna, articulado ao uso das tecnologias digitais para a formação cidadã a partir de mecanismos relacionados à formação educacional.

Esses serão, portanto, os tópicos a serem desenvolvidos ao longo dos capítulos, em função da proposta apresentada, pondo em destaque aspectos sobre o aprimoramento do aprendizado a partir do aperfeiçoamento da habilidade de leitura e compreensão textual, vinculados ao reconhecimento das especificidades dos gêneros textuais utilizados como constructos para as interações sociocomunicativas e estudados com base em estudos linguísticos vinculados ao conteúdo da disciplina Língua Portuguesa.

1 LEITURA E APRENDIZADO

Este estudo leva em conta o conceito de Vigotsky (2007) sobre a relação entre o aprendizado escolar e o desenvolvimento intelectual global da criança. No que diz respeito ao ensino mediado pela instituição escolar, é esperado que o aprendizado ocorra de modo sequenciado e que auxilie no desenvolvimento do estudante sem, no entanto, desconsiderar outros ciclos de aprendizado que deem suporte e já possam ter sido alcançados.

Sob esse ponto de vista, a avaliação sobre o nível de leitura em que o aluno se encontra pode facilitar o reconhecimento das reais condições de aprendizagem do aluno por parte do profissional da educação. Esse tipo de avaliação pode ser um meio de criar condições didáticas para a proposição de novas etapas de aprendizagem. Constatação que também pode influenciar na aplicação, na adaptação da proposta ou mesmo na reformulação de abordagens, visando alcançar qualidade no ensino. Nesse caso, o reconhecimento das verdadeiras circunstâncias para atuação do agente mediador da educação é um passo importante para projetar ou reformular procedimentos de aperfeiçoamento do aprendizado.

Ao considerar a etapa iniciada pela leitura, sempre que possível, é preciso ter atenção à escolha dos textos quanto ao plano de significação de uso da linguagem verbal. É preciso ter atenção ao modo como é expresso o objeto do dizer, à forma como o texto é apresentado ou à maneira como o assunto é abordado. Importante observar, ainda, se houve explicitação do assunto, se essa foi feita de modo indireto, explorando-se ou utilizando-se, por exemplo, o plano de significação conotativa. Finalmente, convém verificar se o assunto foi tratado de modo direto, mais objetivo, priorizando-se o plano de significação denotativa, o que pode facilmente levar a uma compreensão literal quanto ao uso da linguagem verbal.

Observar esses aspectos mediante a etapa de leitura é um passo importante para propor meios de aprimorar a compreensão leitora em aulas de língua materna. Quando o estudante não consegue fazer esse tipo de distinção por si mesmo, isto é, identificar se a produção é predominantemente literária ou não literária, essa tarefa tende a ser da pessoa que assume a função mediador(a) do processo de ensino e aprendizagem.

Ao desconsiderar o nível de desenvolvimento quanto à proficiência leitora no qual o estudante se encontra, dependendo da situação, qualquer abordagem de ensino pode ser ineficaz, principalmente quando as circunstâncias sinalizam para o histórico de crianças com

pouco ou nenhum hábito de leitura. Inabilidade que pode, inclusive, influenciar a compreensão básica de significação das palavras e dificultar as práticas sociocomunicativas do cotidiano.

A situação a ser considerada seria aquela na qual, pelo pouco ou nenhum conhecimento quanto aos arranjos de produção intencionalmente produzidos para fim de estabelecimento do uso da linguagem no plano de significação conotativa, ao se depararem com leituras cujas composições são feitas com essa finalidade, existe a possibilidade de estudantes não interpretarem o propósito comunicativo e de compreenderem esse ornamento a partir de um sentido mais literal, priorizando o plano de significação denotativa da linguagem verbal quanto à percepção do sentido construído pela leitura.

Essa tendência de decodificação da palavra considerando o seu sentido literal converge com a situação de busca pela acepção de qualquer verbete, pois, normalmente, durante o processo de leitura, quando a palavra não é do conhecimento do leitor a tendência é que ele vá em busca de seu significado em um dicionário impresso ou mesmo por intermédio das tecnologias digitais. Normalmente, as primeiras acepções apresentadas são as atribuídas, conforme a significação da palavra em seu sentido denotativo. Cabe ao leitor avaliar se aquela acepção corresponde, de fato, ao contexto no qual a palavra está sendo utilizada.

O modo de organização de acepções das palavras já convencionado no dicionário parece sugerir que o primeiro plano de significação de um termo lexical converge para o plano denotativo. Com isso, a percepção de uso desse termo para outro plano que permita a construção de sentido atribuído à linguagem figurada pode ser um processo de aprendizagem mais vagaroso. Isso implica um planejamento de ensino que precisa ser bem delimitado por etapas a serem realizadas no decorrer do processo de ensino e aprendizagem, pois, provavelmente, depende de que o leitor compreenda as especificidades de elaboração empregadas nos vários tipos de produção.

Percebe-se, a partir dessas considerações, que o trabalho de mediação escolar pode auxiliar o progresso do desenvolvimento da habilidade leitora no que diz respeito à compreensão do texto, considerando não apenas as produções literárias como também os mais diversos gêneros textuais com os quais os leitores possam se deparar em seus cotidianos para além dos muros da escola.

Tendo em vista o resultado do PISA 2018 sinalizando um alto percentual de ineficiência quanto à habilidade de leitura por parte dos estudantes que iniciam o Ensino Médio, a justificativa para a escolha do *corpus*, constituído por poemas em cordel sobre a biografia de mulheres negras, favorece: i) propagar orientações a respeito da importância do trabalho em

salas de aula, considerando o estudo da linguagem sob uma perspectiva sociocultural para cidadania, tendo-a como assunto de matéria escolar nas instituições de ensino; ii) adotar uma abordagem que abranja os níveis de detalhamento do texto para o reconhecimento dos níveis gramaticais; iii) contribuir com os estudos da linguagem verbal acerca das características das composições textuais que, ao servirem às situações sociocomunicativas, conseqüentemente vinculam propriedades identificadoras do gênero textual.

Sendo assim, a intergenericidade constitui artifício de produção textual e está sendo apresentada como estratégia para a compreensão do funcionamento da língua em um contexto específico de uso da linguagem para o estudo dos gêneros textuais ora analisados. A partir desse tipo de produção está sendo destacada a intencionalidade narrativo-discursiva explicitada por elementos linguísticos, tendo-os como finalidade para aprimorar a habilidade de compreensão leitora de estudantes, levando-se em conta o conteúdo temático pré-selecionado sobre a biografia de personalidades. Conteúdo utilizado para a depuração de uma referencialidade afirmativa que simbolize culturalmente uma identidade histórica, com o objetivo de estimular a reflexão enunciativo-discursiva sobre a relação entre o desenvolvimento intelectual global da criança e a formação escolar.

Além disso, a regularidade temática constatada nos textos coloca-se como conteúdo que pode facilitar atividades em perspectiva interdisciplinar com outras áreas de estudo. Quanto ao estudo da língua materna, a característica monotemática proporcionada pelos textos selecionados suscita atividades em perspectiva intradisciplinar, contemplando a possibilidade do trabalho com a linguagem verbal a partir da leitura. Dessa maneira, a constatação dos níveis da língua associados à descrição dos fatos linguísticos e estilísticos, proporcionam um olhar descritivo quando ao funcionamento da língua em sua modalidade escrita, por vezes, influenciada pela modalidade falada.

Por conseqüência, essa dupla funcionalidade levou ao estudo da elaboração poética, em relação aos versos, e ao estudo da construção da referenciação temática em relação à unidade de significação. Em síntese, com este estudo busca-se reforçar o entendimento de que o ato de ler e compreender está além da simples decodificação do signo linguístico, o que pode auxiliar o detalhamento da função comunicativa e, conseqüentemente, aprimorar o reconhecimento das especificidades das produções textuais ao nível da leitura.

1.1 Formação leitora

Desde sua primeira edição nos anos 2000, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) vem apresentando resultados com base em pesquisas realizadas, relacionadas a três domínios de aprendizagem: Ciências, Leitura e Matemática. Segundo informações extraídas do último relatório divulgado, em 2018 a ênfase do PISA foi mensurar o nível de proficiência, tendo o domínio da leitura como eixo principal daquela avaliação de estudantes. Segundo divulgado, o método de avaliação consistiu em coleta de dados, por intermédio da aplicação de tarefas vinculadas à leitura de diversos textos, incluindo um questionário cujo propósito era verificar o desempenho dos estudantes.

Apesar da metodologia por amostragem poder ser um fator de disparidade, sobretudo se não for relativizada quanto à diferença dos níveis socioeconômicos entre os países avaliados ou, ainda, se não for considerado o número de abstenções nas respostas dos participantes, o último relatório do PISA demonstrou que, no quesito leitura, cerca de cinquenta por cento – metade do percentual dos estudantes avaliados – não conseguiram atingir o nível mínimo de proficiência, aquele que, segundo a metodologia adotada para a avaliação, os jovens deveriam alcançar ao final de todas as etapas do Ensino Básico.

Conforme relatório final divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), é a partir do nível 2 de proficiência que estudantes

começam a demonstrar a capacidade de usar suas habilidades de leitura para adquirir conhecimento e resolver uma ampla variedade de problemas práticos. Os estudantes que não alcançam proficiência no nível 2 em leitura geralmente têm dificuldade quando confrontados com material que não lhes é familiar ou que é de extensão e complexidade moderadas. Eles geralmente precisam receber dicas ou instruções antes de conseguirem se envolver com um texto (Relatório do Brasil no Pisa, 2020, p. 77).

De modo recorrente, esse pode ser considerado um dos motivos pelo qual grande parte da população brasileira segue historicamente apresentando um alto *déficit* quanto ao grau de proficiência que estabeleça boa prática de leitura. Estatisticamente, isso tem contribuído como dado percentual para elencar negativamente a realidade da formação educacional no que se refere à leitura e compreensão textual em vários contextos da sociedade letrada, comprovando, portanto, um contrassenso.

Nesse caso, a situação paradoxal pode ser percebida quando se compara, por um lado, o aumento do número de ingressantes no sistema escolar nas últimas décadas em função da democratização do ensino. De certo modo, isso ampliou a parcela total de escolarizados; por outro, ainda há a percepção de que grande parte da sociedade, mesmo sendo alfabetizada, não consegue exercer práticas de média e alta complexidade quanto ao nível de compreensão de leitura em seu cotidiano. Esse fato sugere algumas inabilidades, algumas delas comparadas ao que se entende por analfabetismo funcional. Como exemplo, há casos em que uma pessoa não consegue distinguir aplicações que diferenciam os diversos gêneros textuais quanto à sua funcionalidade ou estrutura formal, como uma carta, um bilhete, uma entrevista, um conto, uma crônica e, por vezes, um poema.

Embora há muito tempo haja direcionamentos e reiteradas recomendações para o aperfeiçoamento da competência leitora de estudantes, ainda assim é possível constatar a existência de um *déficit* social persistente nesse ramo, que continua demonstrando a falta de resultados eficazes para qualificar melhor o processo de formação escolar, principalmente quanto ao trabalho na área de linguagem, encerrado ao final do Ensino Básico e que deveria levar a atuações práticas mais proficientes nas interações sociais de uso da linguagem.

A fim de apresentar o ponto de partida para a formulação de práticas didático-pedagógicas que possam auxiliar no processo de aperfeiçoamento da compreensão leitora, será considerado neste estudo o conceito de zona de desenvolvimento proximal, desenvolvido por Vigotsky (2007). Nessa abordagem, a fim de demonstrar a interrelação existente entre o aprendizado e o desenvolvimento cognitivo, o estudioso apresenta dimensões que podem auxiliar a compreensão do processo de desenvolvimento global da criança. Em função disso, o autor estabelece dois níveis que compreendem as possibilidades de aprendizado: o nível de desenvolvimento real, aquele que mensura a habilidade da criança em resolver problemas de modo independente com os conhecimentos adquiridos previamente; e o nível de desenvolvimento potencial, quando a criança resolve questões sob orientação ou com a cooperação de outras pessoas.

Ao discorrer sobre a diferença entre esses níveis, sem, no entanto, deixar de ressaltar a progressão atuante e vinculante entre o aprendizado proporcionado pela escola e o desenvolvimento intelectual global da criança, o teórico proporciona meios para diagnosticar circunstâncias para atuações mediadoras e para inserções de novas etapas como proposta de ensino, o que pode configurar progressão para novo estágio de aprendizagem. Constitui-se,

assim, um ciclo de novos aprendizados que se superpõem no curso de desenvolvimento das crianças, em função de suas habilidades que vão sendo aperfeiçoadas.

Por essa perspectiva vigotskiana, o ponto de partida que deverá servir como parâmetro circunstancial para a proposta de mediação quanto ao aprendizado escolar com fins de aprimorar o desenvolvimento da competência metagenérica⁶ (KOCH; ELIAS, 2018) é o nível da habilidade leitora em grande parte de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Mesmo que já estejam avançados no processo de alfabetização, tem sido demonstrado que muitos desses alunos, por razões diversas, não têm tido experiências ou acúmulo de diversificadas leituras que possam subsidiá-los com formação prévia que sirva como recurso auxiliador para o reconhecimento dos modos de organização e estruturação dos textos, com vistas a favorecer a identificação das produções ou dos gêneros textuais veiculados na sociedade para as mais variadas práticas de uso da linguagem.

A Base Nacional Comum Curricular, dentre outras atribuições, veio balizar e ampliar possibilidades de procedimentos para o aperfeiçoamento da leitura e compreensão de textos. Em primeiro lugar, o faz quando reforça os PCN ao destacar o texto como meio estruturante da unidade de sentido da linguagem verbalizada, estabelecendo-o para o estudo de assuntos curriculares relacionados à língua materna. Em segundo lugar, ao confirmar o ambiente digital como novo meio de circulação e suporte para gêneros textuais já convencionados bem como para a propagação de novos modos de produção textual que vêm sendo produzidos predominantemente em ambiente digital, o que pode ampliar as interações sociocomunicativas.

Ao dispor sobre as já consagradas e sobre as novas práticas de linguagens, favorecidas pelas tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), a BNCC reforça alguns parâmetros para a aprendizagem e fornece orientações para que certos conceitos da área de estudo da linguagem estejam integrados a novas vertentes propagadas pela cultura digital. Conseqüentemente, isso faz com que os novos tipos de produção de linguagens possam proporcionar e ampliar as condições para diferentes letramentos na formação do indivíduo. Desse modo, a formação leitora já não está restrita apenas ao texto impresso, mas se estende aos textos não impressos, aqueles próprios do ambiente digital, bem como a outras modalidades textuais que também podem compor unidade para uma proposta enunciativo-discursiva de estudo da linguagem.

⁶ Cf. Koch e Elias (2018) - competência desenvolvida por sujeitos sociais e que permite a cada indivíduo interagir de forma adequada em suas variadas atuações de práticas sociocomunicativas.

No que se refere a um dos eixos de integração da disciplina de Língua Portuguesa, considerado pela BNCC, a leitura:

compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BRASIL, 2018, p. 71).

Ao dispor sobre os eixos integrantes da disciplina Língua Portuguesa, a BNCC apresenta um quadro em que descreve dimensões que estão inter-relacionadas às práticas leitoras mais reflexivas de uso das linguagens. Dentre as quais, a possibilidade de adesão às práticas de leitura, ao destacar que o leitor pode “mostrar-se ou tornar-se receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativa, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas” (BRASIL, 2018, p. 74), ou, ainda, em conhecimentos previamente adquiridos para a identificação do gênero textual. Plano de adesão a leituras reflexivas que podem ser compreendidas tanto como meio de inserção a novos letramentos da cultura digital ou como um caminho para romper expectativas de leituras, apresentando produções elaboradas em cordel sobre assuntos que auxiliem para o letramento.

O ambiente digital como meio de proporcionar e para ampliar a formação do indivíduo evidencia a perspectiva enunciativo-discursiva e fornece condições para que outras culturas sejam conhecidas e tornem-se objeto de estudo. Na impossibilidade de haver uma síntese que cumpra, nos livros didáticos, a função de fonte histórica para obter conhecimento sobre algumas personalidades biografadas nos poemas, o ambiente digital coloca-se como uma das possibilidades mais acessível para a busca de informações sobre os nomes das personagens *Luísa Mahin*, *Tia Simoa* e *Antonieta de Barros*, biografadas em cada um dos cordéis estudados nesta dissertação.

No mundo contemporâneo, essa prática evidencia a importância da integração das modalidades de linguagens para a composição do eixo da leitura, pois esse eixo é uma das competências de grande utilidade para proporcionar melhorias na formação educacional de estudantes, principalmente quando o público-alvo está inserido no percentual daqueles que não conseguem alcançar o nível médio de proficiência leitora, tendo em vista a utilização de critérios como raça ou condições socioeconômicas. Nesse caso, evidencia-se a importância do trabalho escolar, mesmo na área de linguagens, que proporcione um parâmetro de

referencialidade positiva em prol da formação e do conhecimento por parte desses estudantes quanto à sua própria etnia, o que pode auxiliar o desenvolvimento intelectual global desses estudantes, ou seja, o seu aperfeiçoamento sociocognitivo.

Sob orientação ou mediação de um professor ou de uma professora, a utilização do ambiente digital para busca de informações sobre um determinado assunto para o processo educativo também auxilia a compreensão de novas práticas e usos de linguagens. Diante disso, expor possibilidades de atividade híbrida como complementação ao estudo da linguagem verbal ou mesmo a mescla de procedimentos didático-pedagógicos para auxiliar a compreensão e aprimoramento da competência leitora é reconhecer as necessidades e atribuições do mundo moderno, às quais as novas gerações de estudantes vêm sendo precocemente expostas. Com isso, as práticas já consagradas do processo educacional confrontam-se com os novos desafios, tanto para integrá-los aos conteúdos didáticos quanto para adaptar as práticas pedagógicas às reais necessidades da sociedade quanto ao processo de formação educacional.

É importante não desprezar que, quando a BNCC passa a considerar as novas práticas de linguagens atribuídas ao ambiente das tecnologias da informação e comunicação, ela propõe um olhar para a diversidade cultural, o que pode estimular a inclusão e a democratização da formação. Pode, inclusive, alcançar uma variedade de público. De certa forma, o efeito positivo é que essa confluência entre modalidades de linguagens e diversidade cultural serve para “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 9).

Essa é a primeira competência geral da Educação Básica apresentada pela BNCC e vai ao encontro daquilo que é colocado por Antunes (2009) ao enfatizar as aplicações sociais e funcionais da leitura. Para a pesquisadora, as funções individuais e as funções sociais da leitura são “funções que envolvem, além do acesso ao conhecimento já produzido, a produção de novos conhecimentos, a continuidade e o avanço das descobertas científicas e do patrimônio artístico-cultural da sociedade” (ANTUNES, 2009, p. 186).

A partir disso, destacando propostas apresentadas na BNCC quanto às dimensões que se inter-relacionam no tratamento das práticas leitoras, quando a leitura é vista como parte do procedimento de ensino para a formação, inclusive em proposta didático-pedagógica, há a ampliação da possibilidade para a criança desenvolver habilidades leitoras, aperfeiçoando o que foi designado como competência metagenérica e, conseqüentemente, esse aperfeiçoamento pode auxiliar no reconhecimento das especificidades das produções textuais.

Por mais que as novas práticas tecnológicas proporcionem novos letramentos e outros usos de linguagens e que isso sirva como instrumento para a inclusão social e para a democratização dos saberes, há, entretanto, algumas habilidades básicas relacionadas à leitura, à compreensão e, até mesmo, ao uso das novas tecnologias da informação e da comunicação que ainda dependem de atividades mediadas por profissionais da educação de maneira sistemática, principalmente na etapa da Educação Básica que compreende o Ensino Fundamental.

É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. Contudo, também é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, e interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (BRASIL, 2018, p. 61).

A atividade de leitura, como a conhecemos, é considerada uma prática de apreensão da significação geral, composta por uma sequência de signos linguísticos expressos e representados pelo código da escrita, no entanto, essa modalidade de leitura não parece ser a primeira atividade prática dessa competência de uso da linguagem a ser realizada com a finalidade de captar, assimilar ou apreender algum tipo de mensagem, de significação ou mesmo de informação.

Quando comparada à atividade de leitura realizada por intermédio de imagens, figuras ou, até mesmo, por meio da observação de situações e cenas do cotidiano – para destacar apenas os tipos de leituras no âmbito da linguagem visual – a leitura como decodificação do significado expresso pela palavra mediante uso seletivo de itens lexicais contextualizados pode vir a ser entendida como uma atividade secundária no que concerne ao ato de ler, pois, de modo geral, a nível de alfabetização, assim como a fala, a imagem precede à escrita.

Isso se deve ao fato de que a leitura resultante da observação de imagem pode ser considerada um tipo de leitura primária por ser uma das primeiras atividades de percepção em âmbito visual a ser exercida por qualquer pessoa, antes mesmo de ser alfabetizada, desde que, obviamente, essa pessoa não seja acometida por qualquer tipo de problemas em sua visão. Dessa maneira, supõe-se como ocorre a primeira experiência de recepção feita pela linguagem que futuramente poderá, inclusive, influenciar o processo de alfabetização de algumas crianças na fase pré-escolar, quando elas ao darem seus primeiros rabiscos na intenção da escrita formal,

normalmente utilizam-se, para sequenciação do registro de suas palavras, de algum tipo de ilustração em desenho que, segundo elas, corresponde ao significado da palavra que supostamente estão escrevendo.

Dessa maneira, é possível considerar que as modalidades de uso de linguagens estão muito vinculadas à questão da construção do sentido motivado pela percepção visual. O progresso disso, adaptado ao registro da escrita, torna a percepção de leitura um meio de (re)construção de sentido a ser alcançado ou refutado durante a prática de leitura compreensiva e reflexiva. Nesse caso, as imagens deixam de ser o parâmetro de leitura, o que leva a destacar os níveis gramaticais como mecanismos linguísticos e estruturantes da linguagem, evidenciando, portanto, a metalinguagem como uma característica para o estudo da linguagem verbal.

Refletir sobre o ato de ler, no que diz respeito a este estudo, ou seja, como fenômeno de decodificação e ao mesmo tempo de construção de sentido a partir do registro da escrita, não poderia, entretanto, partir de uma generalização dessa prática, como se não houvesse uma multiplicidade de produções em gêneros textuais que implicasse certa habilidade para reconhecer as especificidades de cada texto por parte de quem o leia.

Isso envolve, sobretudo, reconhecer a diversidade dos textos, inclusive quanto à sua organização estrutural, composicional e funcional, o que necessariamente leva a observações de estilos inerentes às circunstâncias da produção textual, mas não apenas. Tem a ver também com características relativas à função sociocomunicativa a que se propõe o texto, principalmente quanto à sua receptividade; ou mesmo quanto àqueles fatos linguísticos relativos à intenção interacional de uso da linguagem, que podem ser observados com as escolhas lexicais passíveis de serem reconhecidas como elementos da intenção discursiva e até argumentativa. Essas, identificáveis mesmo quando se trata da modalidade escrita, já que o recurso de interação dialógica é tido como uma prática muito relacionada ao ato conversacional de uso da linguagem verbal. Assim, a interação discursiva deixou de ser exclusiva do contexto da oralidade e teve sua aplicabilidade no universo da modalidade escrita como progressão de uso da linguagem.

Para que haja qualidade de leitura é necessário, sobretudo, o domínio da relação existente entre a expressão e a significação do vocábulo. Em função do uso e do emprego do léxico da língua, essa é uma competência da linguagem que ocorre muito antes do processo de alfabetização escolar. A aquisição da língua materna ocorre independentemente de ensino sistematizado sobre a língua falada ou escrita, mas para a abordagem da sistematização e da

estruturção lógica da língua que vão criando os níveis da gramática quanto ao uso da linguagem verbal vale considerar que

a língua, no seu conceito saussuriano, se deduz apenas da função representativa, pois compreende a estrutura, o esquema, o padrão ou a pauta que rege, em termos linguísticos, a nossa representação do mundo exterior e interior. Resulta de um trabalho de intuição infra-racional, mas de caráter intelectual, que justamente a gramática se propõe a trazer para o plano da consciência, pondo-lhe em evidência os sistemas de sons, de formas, de significações e de ordenação de elementos, ou sejam – o fônico, o mórfico, o semântico e o sintático (CÂMARA Jr., 1978, p. 10)

Para uma concepção de compreensão do sistema linguístico e para que haja aprimoramento da compreensão textual a partir da leitura de um texto, como já tem sido comentado e debatido em variados estudos, Antunes (2009), não basta transpor para dentro das salas de aula todas as nomenclaturas epistemológicas dos níveis de estudos descritivos da língua sem que haja uma contextualização enunciativo-discursiva, ou seja, sem que a unidade textual seja considerada propósito efetivo de uso da linguagem na formação de estudantes.

Isso, a nível de exemplificação, implicaria na escolha de textos que sinalizem contextos enunciativos e discursivos, destacando a função metalinguística para a abordagem de um determinado assunto, por exemplo:

o cordel pode ser muito bem utilizado no estudo da variação linguística, por exemplo. São inúmeras as possibilidades do uso do cordel em sala de aula. Ele pode contribuir muito no processo de aprendizagem de nossas crianças. Isso porque é uma literatura simples, acessível, em que há música, métrica, ritmo, graça, humor. Nesse sentido, explorando a criatividade existente nos folhetos com muita sensibilidade, clareza e humor, o cordel pode ser utilizado não só para ensinar gramática, mas também geografia, história, biologia etc. Pode também servir de iniciação à leitura e incutir no aluno o gosto por ela. E o cordel está enraizado no nosso povo; ele ajudou no processo de letramento do nordestino, durante várias décadas do século passado (DANTAS, 2019, p. 15-16).

De modo geral, o propósito de uso da linguagem evidencia que é no contexto de produção que as propriedades básicas e necessárias são atribuídas ao texto. Além de o estruturarem, também auxiliam na formação das propriedades funcionais e discursivas desse mesmo texto. Assim, servindo à configuração da materialidade textual essas propriedades podem ser observadas em um processo que envolve um fazer científico integrado à prática de leitura.

Durante o estudo da língua, em cumprimento ao plano de aperfeiçoamento da leitura, muitas dessas características podem ser objeto de verificação da função sociocomunicativa e dos fatos da língua como meios estruturantes dessa função para finalidade discursiva própria

do uso da linguagem verbal. Nesse sentido, esta proposta necessariamente apresenta um arranjo teórico no qual estudos da área de linguagem são postos em convergência, para dar embasamento ao procedimento de análise e por intermédio da qual pretende-se demonstrar mecanismos didáticos para a prática de compreensão textual, bem como detalhar a intenção narrativo-discursiva evidenciada nos textos biográficos a serem analisados, a fim de se destacar a finalidade de uso da linguagem verbal em sua modalidade escrita para atividade de leitura.

Mesmo em versos, o texto é apresentado como unidade textual enunciativo-discursiva, conforme proposto pelos PCN e pela BNCC. Isso porque, no que se refere aos conhecimentos da língua, “as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciados de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas” (BRASIL, 2018, p. 139).

Provavelmente, esse tipo de direcionamento pode levantar algumas discussões sobre o que seria pertinente ao ramo de estudo da língua materna e o que seria delimitado para competência de outra área de estudo, principalmente quando esse questionamento leva em conta o assunto relacionado aos textos utilizados para representar situações de uso da linguagem verbal, o que pelos PCN pode ser entendido como tema transversal.

Quanto a isso, é preciso reconhecer que há muitos textos abordados nas aulas de Língua Portuguesa que podem suscitar discussão e reflexão sobre questões referentes a outras áreas de ensino ou mesmo sobre temas circunstanciais que estejam em voga pelas relações sociais discursivas, favorecendo o entendimento de como é possível utilizar o plano discursivo de estudo da linguagem por via da interdisciplinaridade como mecanismo para a formação de estudantes nas séries finais do Ensino Fundamental.

Junta-se a isso o fato de que as competências específicas quanto à prática de linguagens têm como finalidade o aprimoramento e o desenvolvimento tanto da habilidade de produção quanto da habilidade leitora de estudantes, durante as etapas do Ensino Básico. Essa atribuição fragmenta-se em fases instituídas durante o processo de aprendizagem que, ao final de todas as etapas, podem ou não resultar em qualidade para a formação educacional desses estudantes.

Para Vigotsky (2007), o aprendizado sistematizado tem como aspecto fundamental a possibilidade de conceber meios para atuação do que propôs como zona de desenvolvimento proximal. Em síntese, as etapas de aprendizado devem auxiliar os vários processos de desenvolvimento da criança, inclusive em sua formação geral. Para que essa tarefa seja bem sucedida na área de linguagem, é preciso considerar um conjunto de temáticas diversificadas e os variados modos de elaboração de produções textuais que instituem as características dos

gêneros textuais, auxiliando o desenvolvimento de competências referentes ao âmbito do estudo das linguagens, inclusive o aprimoramento da habilidade leitora.

Isso porque, mais que desenvolver práticas massivas sobre questões que constituem o campo da ciência da linguagem, é necessário desenvolver nos falantes de uma determinada língua a consciência sobre as finalidades discursivas de uso da linguagem verbalizada, cuja prática proficiente pode, inclusive, levar ao redirecionamento ou ao aperfeiçoamento das próprias práticas de relações humanas e sociais.

Trazer a lume a complexidade que pode vir a ser o desenvolvimento de etapas para a abordagem de conteúdos de estudo da língua e que sirvam ao aperfeiçoamento da leitura tem como intuito, por um lado, destacar que a leitura proficiente pressupõe mais que a decodificação de cada um dos termos lexicais quanto à sua significação e, por outro lado, ressaltar que é exatamente esse o ponto que faz com que a prática de leitura de um texto se torne mais difícil quando comparada à leitura realizada a partir de produções feitas em outras modalidades de linguagens, já tão disseminadas como meio de expressão na contemporaneidade.

Isso porque a linguagem verbal estruturada graficamente pressupõe o domínio prévio de vários aspectos da língua, muitos deles adquiridos de forma inconsciente e descritos em vários compêndios como resultados de pesquisas linguísticas. Os estudos gramaticais da língua, na maioria das vezes, não são apreendidos de modo consciente por seus falantes, contudo, são utilizados estruturalmente quando organizam expressões da linguagem para comunicar, informar, simbolizar e interagir discursivamente.

Diante disso, a mesma facilidade com que se dá a aquisição da linguagem verbal em sua modalidade falada nem sempre ocorre para a proficiência em leitura, principalmente quando se leva em conta os variados contextos e a diversidade dos gêneros textuais em modalidade escrita. Isso porque, enquanto a fala surge como um processo natural de aquisição da língua, motivada pelo meio social, as habilidades de leitura e escrita precisam ser apreendidas como meios de aperfeiçoamento das próprias práticas sociocomunicativas no contexto da sociedade letrada.

O reconhecimento sobre o que pode vir a ser a dificuldade da maioria dos estudantes é o que conduz a proposta ora aqui apresentada como possibilidade e mecanismo para auxiliar no entendimento sobre os dois níveis de organização de um texto, aquele que se refere à sua estrutura composicional ou formal e aquele que se refere ao nível da linguagem responsável pela construção da unidade temática dos textos em questão, ou seja, seu conteúdo temático. Isso, por considerar que o propósito da escola deve ser o de relacionar os vários elementos que compõem a lógica estruturante da linguagem verbalizada – constituída pelos mecanismos

linguísticos – a uma aplicação para o aperfeiçoamento da leitura, da compreensão textual e, conseqüentemente, para o aperfeiçoamento da escrita.

Logo, destacar a especificidade composicional apresentada como modelo de produção textual híbrida, aqui neste estudo, se deve ao fato de considerá-lo como um instrumento de análise para o mecanismo composicional que pode servir para suscitar em estudantes habilidades cognitivas, oferecendo-lhes condições para o reconhecimento dos planos constitutivos de qualquer unidade textual, seja quanto à sua estrutura seja quanto às propriedades linguísticas que compõem o conteúdo temático elaborado pelos itens lexicais da língua. Contextualizados, passam a ser constituídos fatos linguísticos que, além de estabelecerem a possibilidade funcional do texto, compõem a identificação e categorização do próprio texto, sinalizando para o plano de significação denotativa de uso da linguagem.

É esse o aspecto composicional em que a noção de produção textual híbrida, na qual dois gêneros textuais constituem aquilo que Marcuschi (2008) menciona como intergenericidade, é posta como parâmetro de observação para análise, a fim de criar condição para que estudantes das séries finais do Ensino Fundamental aperfeiçoem descritivamente sua habilidade leitora pelo manuseio dos próprios recursos da língua que estabelecem e que possibilitam a interrelação entre forma e função do conteúdo temático. Logo, a intergenericidade proporciona meio para a identificação das produções que representem, nesse caso, a função poética da linguagem pela estruturação em versos, rima e metrificação na manutenção do ritmo, elementos expressivos que compuseram os textos biográficos da autoria de Jarid Arraes como produções em cordel.

Esse tipo de proposta surge do incentivo à leitura vozeada, trazendo noção sobre a leitura rítmica propiciada pelas produções desse gênero, que guardam influências das cantigas e do repente como expressões culturais próprias da oralidade, da fala entonada e da própria arte de declamação de poemas, destacando recursos estilísticos marcados expressivamente pela assonância e pela aliteração constituidoras de paralelismos entre os pares de rima que integram a forma e o rítmico de estruturação do gênero cordel. “Trata-se de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica” (BRASIL, 2018, p. 156).

Quanto à análise, esses recursos assemelham-se ao que a BNCC coloca como “recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários” (BRASIL, 2018, p. 160). Em parte, porque a temática biográfica nos cordéis será apresentada a partir de

sua característica funcional sociocomunicativa, proporcionada pela leitura dos textos analisados a partir das escolhas lexicais, o que restringe as análises estilísticas ao critério lexical e fônico, sendo este último utilizado para a verificação do recurso que constitui a técnica de versificação para as produções em cordel.

A partir dessa restrição condicionada pela estrutura composicional dos textos, a primeira análise a ser feita visa o efeito expressivo como habilidade para as práticas de linguagem versada para o campo artístico-literário, conforme mencionado pela BNCC. Vinculado ao estrato sonoro, esse efeito proporciona paralelismo marcado pelas rimas nos poemas que, por serem elementos caracterizadores da função poética da linguagem, explicitam a intenção de escolha da autora dos poemas por estruturá-los em formato de cordel. Essa inferência sobre a intencionalidade por traz da produção desses textos em cordel se deve ao fato de que esses poemas permitem facilmente uma leitura feita de maneira prosaica, isto é, sem a manutenção do ritmo característico da estrutura em cordel, principalmente quando lido por alguém que sequer tem conhecimento sobre o modo de elaboração em versos e segue a própria intuição sobre a unidade melódica da frase. Isso porque:

A extensão de uma unidade melódica pode variar de uma palavra monossilábica a um conjunto de cerca de quatorze, quinze sílabas. Em português a extensão predominante está por volta de sete sílabas. As frases simples de sete, oito sílabas constituem uma só unidade, a menos que se faça uma pausa expressiva ou enfática. Nas frases de sete a quatorze sílabas há vacilação na divisão, podendo ser ditas numa só unidade, sem pausa, ou em duas unidades. As frases com mais de quinze sílabas se dividem em duas ou mais unidades. Sendo a unidade melódica predominante a de seis a oito sílabas, explica-se que o verso mais popular seja o de sete sílabas. Os versos mais longos, de dez, onze, doze sílabas, dividem-se em hemistíquios, que geralmente correspondem a unidades melódicas (MARTINS, 2012, p. 217).

O segundo âmbito de análise decorre dos eixos narrativo-descritivo, narrativo-discursivo, da finalidade comunicativa-discursiva e do propósito interacional percebidos com a leitura, características predominantes em textos estruturados em prosa, cumprindo a finalidade de divulgar a biografia de personalidades narradas nos poemas.

1.2 Unidade textual por uma perspectiva enunciativo-discursiva

A noção de gêneros textuais será considerada a partir das recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais - terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental/Língua Portuguesa,

bem como pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quando instruem para que o trabalho prático com a linguagem verbalizada durante o processo de Ensino Fundamental possa partir da unidade textual.

não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto (BRASIL, 1998, p. 23).

Essas orientações demonstram o que durante muito tempo pode ter se tornado um dos equívocos atrelados à maneira de trabalhar níveis de estudo da língua no ensino de forma descontextualizada do eixo da leitura, da escrita ou mesmo da oralidade, pois já é de amplo conhecimento que:

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, os conhecimentos sobre a língua, sobre as demais semioses e sobre a norma-padrão se articulam aos demais eixos em que se organizam os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de Língua Portuguesa. Dessa forma, as abordagens linguística, metalinguística e reflexiva ocorrem sempre a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos de leitura, escrita ou oralidade (BRASIL, 2018, p. 139).

Com isso, torna-se indispensável articular as várias etapas de atividades durante as aulas de língua materna às abordagens metalinguísticas contextualizadas e referenciá-las por intermédio das unidades textuais. Assim trabalha-se a compreensão textual, pois o “texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem.” (BRASIL, 2018, p.67).

Conforme a BNCC, o objetivo do trabalho com a língua materna deve levar em conta o “desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas” (BRASIL, 2018, p. 67). Essas colocações orientam para um trabalho que propicie ampla formação, tendo por finalidade o aprimoramento da habilidade discursiva em vários setores da sociedade, reafirmando o que já estava posto pelos PCN quanto ao “domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade plena de participação social” (BRASIL, 1998, p. 19).

A convergência entre elementos linguísticos, unidade composicional e intenção discursiva, tende a auxiliar na estruturação da materialidade textual e historicamente vai expondo a variedade funcional dos propósitos sociocomunicativos e socioculturais da sociedade. Conforme reafirmado pelos PCN, como atividade verbal,

os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos: conteúdo temático – o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero; construção composicional – estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero; estilo – configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição do locutor; conjuntos particulares de sequências que compõem o texto etc. (BRASIL, 1998, p. 21).

Essa materialidade pressupõe o aspecto formal do texto que precisa ser considerado como elemento base para análise daquilo que Bakhtin (2016) apresenta como gênero discursivo ao afirmar que:

o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2016, p.11-12).

Fica evidenciado, portanto, que a concepção de gênero textual considerada neste estudo está intrinsecamente⁷ relacionada ao plano discursivo apresentado por Bakhtin.

A partir dessa perspectiva, ao discorrerem sobre os gêneros textuais, Koch e Elias (2018) apresentam algumas ponderações acerca da habilidade quase que imperceptível, por parte dos falantes, de suas próprias formulações discursivas. Com isso, além de reafirmarem que a discursividade é estabelecida pelas práticas sociais e comunicativas, as autoras sinalizam para a aptidão própria dos falantes, relacionando-a à competência metagenérica, certa habilidade desenvolvida por indivíduos, usuários de uma língua qualquer e que “lhes possibilita interagir de forma conveniente, na medida em que se envolvem nas diversas práticas sociais” (KOCH;

⁷ A perspectiva de estudos sobre gênero textual está relacionada ao gênero cordel e ao gênero biográfico, mas a perspectiva discursiva está relacionada à intencionalidade discursiva sobre o tema étnico-racial, inferido na leitura.

ELIAS, 2018, p. 102). As autoras ressaltam, ainda, que essa competência possibilita a produção e a compreensão de gêneros textuais, partindo do princípio de que “a escrita e a fala baseiam-se em formas padrão e relativamente estáveis de estruturação” (KOCH; ELIAS, 2018, p. 101).

Mediante o posicionamento teórico apresentado pelas autoras, emergem para este estudo algumas observações a respeito das reais condições sobre a habilidade leitora da maioria de estudantes que ainda não tenham alcançado o que é esperado como resultado de boa formação para compreensão leitora. Com isso, surge a intenção de propor meios para estimular o desenvolvimento da *competência metagenérica*, um tipo de habilidade discursiva vista como uma prática de interação discursiva natural; no entanto, o aprimoramento dessa competência parece não ocorrer sem que haja algum tipo de estímulo, como, por exemplo, uma maior frequência da leitura de exemplares de textos dos mais variados gêneros textuais que sirvam como mecanismo de apreensão a nível didático, visando o exercício para o reconhecimento das formas relativamente estáveis e já consolidadas de gêneros textuais, ou seja, um método que funcione como um mecanismo desencadeador para o desenvolvimento ou aprimoramento da chamada competência metagenérica.

Para além de sua forma, é preciso considerar, sobretudo, o texto como “unidade máxima de funcionamento da língua”, conforme também colocado por Marcuschi (2008, p. 88), pois “trata-se de uma unidade funcional (de natureza discursiva)”. Nesse sentido, o tratamento do texto como unidade tem a ver com a relação semântico-discursiva estabelecida e constituída pelos níveis gramaticais. Desse modo, os gêneros textuais são “padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas” (MARCUSCHI, 2008, p. 190). Em complemento vale destacar as palavras do linguista quando afirma que os gêneros textuais:

são históricos e têm origem em práticas sociais; são sociocomunicativos e revelam práticas; estabilizam determinadas rotinas de realização; tendem a ter uma forma característica; nem tudo neles pode ser definido sob o aspecto formal; sua funcionalidade lhes dá maleabilidade e definição; são eventos com contrapartes tanto orais como escritas (MARCUSCHI, 2008, p. 191).

Embora, em grande parte, haja uma tendência natural e, na maioria das vezes, uma aquisição involuntária dos modelos discursivos para fins de usos conversacionais ou até mesmo para algumas produções da modalidade escrita equiparados àqueles gêneros discursivos primários mencionados por Bakhtin (2011), a assimilação involuntária dos mais variados modelos de gêneros textuais, na prática, não é uma realidade. É preciso levar em conta que há

uma certa diferenciação entre o processo natural de aquisição da língua e a aquisição das especificidades composicionais que caracterizam textos, especificidades essas cujo desconhecimento, quando não revertido durante a formação escolar, torna complexa a probabilidade de alcançar qualidade na leitura e na própria produção textual.

A tomada de consciência da estruturação formal, composicional e temática de textos é critério importante para melhorar a habilidade de leitura e, portanto, fator condicionante ao processo de aperfeiçoamento da competência metagenérica. Desse modo, conclui-se que há aspectos inerentes à elaboração dos gêneros textuais que orientam tanto para a regularidade de produção quanto para a leitura de composições textuais e que, muitas vezes, só são apreendidos e assimilados em um processo de ensino e aprendizagem planejado para esse propósito.

Essas colocações servem como base para a proposta de aprimoramento da leitura neste trabalho, que apresenta a biografia de personalidades negras como conteúdo temático linguisticamente estruturado em poemas de forma fixa versificada e reconhecidos como gênero textual em cordel para o aperfeiçoamento da competência metagenérica que, em tese, é uma aptidão discursiva de uso da linguagem inerente a cada falante quando põe em prática suas competências de uso da linguagem. Contudo, apesar de reconhecer a competência inata relacionada à linguagem como recurso discursivo em contextos de interação social por parte de todos os falantes de uma língua, em relação ao aprimoramento da habilidade leitora e da produção escrita, questões sobre a regularidade estrutural, sobre significação global resultante da unidade textual, elementos coesivos integrados à textualidade da composição ainda precisam ser abordados nas etapas do processo de ensino e aprendizagem.

2 A ESTILÍSTICA NO CORDEL

Em sua versão eletrônica, no dicionário Aurélio, as acepções da palavra ‘estilística’ são apresentadas como “disciplina que estuda a expressividade duma língua, i.e., a sua capacidade de suggestionar e emocionar mediante determinados processos e efeitos de estilo; tratado ou compêndio dessa disciplina; exemplar de um desses tratados ou compêndios”.

No início do século XX, a estilística tornou-se a nova disciplina do ramo da linguística e passou a ser discutida sob três vertentes de análise: Estilística da Língua, Estilística em perspectiva Sociolinguística e Estilística Literária. Martins (2012) explica que Charles Bally, buscando ampliar os estudos de Saussure, atribuiu à estilística a função de descrever duas faces da linguagem, “a intelectual ou lógica e a afetiva”.

No que se refere à Estilística da Língua, na perspectiva de Bally, a autora informa que essa Expressão Linguística “se ocupa da descrição do equipamento expressivo da língua como um todo, opondo a sua estilística ao estudo dos estilos individuais e afastando-se, portanto, da literatura” (MARTINS, 2012, p. 21). Nessa perspectiva, a estilística partiria das manifestações expressivas, restringindo-se aos fatos da língua e distanciando-se da análise discursiva.

Quanto à Estilística em perspectiva Sociolinguística, considerando o fato de que a língua não é apresentada como um todo homogêneo, a partir de estudos ingleses, a autora destaca a linguística como a ciência da linguagem e a estilística como a responsável pelos aspectos variacionais da língua.

Já no que diz respeito à Estilística Literária, Martins (2012) afirma que Leo Spitzer foi quem repercutiu essa vertente, ao desenvolver um estudo sobre textos literários. A autora destaca, ainda, pela perspectiva de Dámaso Alonso, os modos pelos quais uma obra literária pode ser compreendida, enumerando-os como sendo: a) pelo ponto de vista do leitor comum; b) pela leitura cuidadosa do crítico; c) pelo método científico conhecido como Estilística.

O objeto da estilística é bem amplo, global, abrangendo ‘o imaginário, o afetivo, e o conceitual’. A obra literária caracteriza-se pela unicidade, por ser ‘um cosmo, um universo fechado em si’. Toda obra literária encerra um mistério e sua compreensão depende basicamente da intuição, podendo-se, entretanto, estudar cientificamente os elementos significativos presentes na linguagem (MARTINS, 2012, p. 25).

Quando observada em texto elaborado em poema, ao que Saussure apresenta como significante e significado, retomando perspectiva de Dámaso Alonso, a autora afirma ser uma dicotomia acrescentada de “carga psíquica que pode incluir emoção, afetividade, volição,

intencionalidade, imaginação” (MARTINS, 2012, p. 26). Características implícitas ou não e tornadas fonte de análise estilística. Assim na estruturação poética:

O significante total A é ligado ao significado total B por numerosos nexos parciais. Além dos nexos verticais, há os horizontais.

Como significantes totais temos: a obra, o poema, a estrofe, o verso, o vocábulo, e como significantes parciais o ritmo, a entoação, a sílaba, o acento. O significado total é a representação da realidade e os significados parciais são os múltiplos elementos sensoriais, afetivos e conceptuais que essa representação comporta.

As séries de nexos verticais ($a_1 - b_1$) e horizontais ($a_1 \dots a_2$), ($b_1 \dots b_2$) é que constituem o poema como um organismo – extremamente complexo e delicado A primeira função da estilística é investigar as relações entre os elementos parciais e, sendo estes muito numerosos, selecionar os mais relevantes e reveladores. É necessário acrescentar que Dámaso Alonso se mostra pessimista quanto ao alcance da estilística na apreensão da essência do poema, que lhe parece um mistério indevassável (MARTINS, 2012, p. 26).

Considerando orientação sobre as funções da linguagem apresentadas por Roman Jakobson, este estudo vincula-se à noção apresentada sobre Estilística funcional e estrutural, pois “a estilística se diz funcional, quando relacionada às funções da linguagem, conforme a apresentação que delas fez o autor checo; diz-se estrutural quando se baseia nas relações dos elementos do texto” (MARTINS, 2012, p. 28). Nesse sentido, as articulações entre os elementos do texto, além de serem destacadas para demonstrar a composição do sentido global, serão também observadas quanto ao plano fônico para auxiliar na identificação do arranjo acústico. Elemento sonoro que propicia a manutenção da regularidade métrica, dos pares de rima que compõem as estrofes e, ao mesmo tempo, especifica a composição biográfica como um poema elaborado em cordel. Isso significa que o aspecto sonoro é um fator que compõe e identifica a característica poética desse tipo de produção.

Tendo por objetivo destacar a estrutura formal constituinte da forma fixa pela qual os textos biográficos são apresentados, vale mencionar o estilo empregado na elaboração dessas composições em forma de poema. Fonicamente, evidencia-se pela leitura vozeada, as assonâncias e, por vezes, as aliterações resultantes da escolha dos itens lexicais empregados ao final de cada um dos versos que compõem os pares de rima, por exemplo. Para efeito de estudo, a estruturação da função poética fica compreendida como recurso de

repetição de fonemas em palavras diversas (rima, aliteração etc.) de um mesmo padrão vocabular (palavras com um número de sílabas e posição de acento equivalentes), a série sinonímica, os antônimos, a repetição de um mesmo segmento melódico (pé métrico, verso), a simetria, o paralelismo, são, pois, exemplos de equivalências transpostas para a sequência do discurso, constituindo recursos poéticos (MARTINS, 2012, p. 31).

Pela simultaneidade de funções da linguagem nos poemas, considera-se o plano fônico recurso artístico nos textos, cumprindo a função de estruturação da forma pela qual as biografias foram narradas. A repetição e a regularidade do aspecto fonêmico podem ter a função de “realçar determinadas palavras, reforçar o liame entre dois ou mais termos, ou ainda contribuir para a unidade de um texto ou parte dele. Pode ser ainda um processo lúdico que crie harmonia e seja agradável ao ouvido” (MARTINS, 2012, p. 59). Quanto aos textos em análise, a expressividade acústica como recurso de manutenção da versificação, da regularidade métrica e da junção dos pares de rima será explicada tendo por base a estilística fônica.

Para efeito de ajuste da métrica, podem aparecer algumas alterações fonéticas como supressão ou acréscimo de fonemas. Muitas dessas modificações podem ser comparadas ao que se conhece por metaplasmo, fenômeno que não será tratado em perspectiva diacrônica, mas apenas para ilustrar variação como meio de explicar algumas mudanças de articulação fonética quanto à segmentação de determinado vocábulo em contexto de uso nos poemas estudados.

Frequentemente, essa oscilação fonética na estruturação do verso é observada como alteração e pode representar ressonância relacionada a modificações frequentemente observáveis em contexto de conversação. Historicamente, a oralidade, mesmo sem qualquer intenção para ornamentação poética de uso da linguagem, é o mecanismo de articulação prática e próprio para mudanças na pronúncia de algumas palavras.

Para explicar a metrificação nos versos, foi preciso recorrer à estilística fônica para destacar fenômenos como a sinérese (ditongação), a diérese (grupo vocálico em duas sílabas), a crase (fusão de duas vogais iguais), a elisão (desaparecimento da vogal final de uma palavra antes da vogal inicial da palavra seguinte), a sinalefa (fusão da vogal final de uma palavra, reduzida a semivogal, com a vogal inicial da palavra seguinte, podendo ocorrer um ditongo), a eclipse (elisão ou sinalefa de vogal nasal constituída pela preposição ‘com’ mais artigo).

Em determinados versos, onde era esperada fusão entre as vogais final e inicial de vocábulos, pôde ser verificado a expressão em hiato funcionando como “um recurso de expressividade para realçar determinada palavra” (MARTINS, 2012, p. 80). Em relação à segmentação no interior dos vocábulos, por vezes, onde há hiato, forma-se uma sílaba em ditongo, como efeito de mudanças ocorridas nos grafemas < e > e < o >, que passam a semivogais [ɪ] e [ʊ].

Tais propriedades fonéticas elencadas anteriormente serão consideradas para justificar a contagem do arranjo em unidade métrica de sete sílabas na possibilidade de estruturação

rítmica na leitura dos poemas em cordel intitulados *Luisa Mahin, Tia Simoa e Antonieta de Barros*.

Percebe-se nessa relação de fenômenos fonéticos uma correspondência entre o aspecto fonológico da palavra e sua expressividade circunstancial, para efeito de segmentação sonora e de metrificação. Essa constatação tem relação com pressupostos tratados em Silva (2009, p. 216) sobre a fonologia métrica cujo objetivo é de “descrever e formalizar os padrões acentuais e de ritmo da fala”. Essa linearidade traz intersecção entre a sintaxe e o nível fonético-fonológico em contexto de versificação e para o qual o aspecto sincrônico apresenta-se como fator circunstancial para a verificação da variação ocasionada pelos efeitos das adjacências fonéticas que constituem segmentação fônica nos versos. Para tanto, o segmento de estrutura linear e a relação entre as palavras dos versos que compõem os relatos biográficos colocam-se como contexto de observação desse plano fônico, em que a estabilização da acústica em termos fonéticos, por vezes, expõe o traço variacional do fonema em relação aos seus traços característicos básicos quando expressados na palavra fora do contexto de metrificação apresentado.

O emprego dos itens linguísticos verificados morfológica e semanticamente será analisado pela ótica da estilística da palavra, considerando a proposta de categorização do léxico da língua em palavras gramaticais e lexicais. A partir dessa noção, podem constituir exemplos de palavras gramaticais: pronomes, advérbios, numerais, preposições, por serem palavras cuja “significação só é apreendida no contexto linguístico” e pelo fato de que a “função pode estar relacionada com o ato de enunciação, com a organização do discurso ou texto, ou com a estruturação da frase” (MARTINS, 2012, p. 99). Para a autora, constituem exemplos de palavras lexicais, os nomes (substantivos e adjetivos), os advérbios derivados de adjetivos ou de substantivos e os verbos. Palavras lexicais são aquelas cuja significação é estabelecida por convenção social, o que sugere certa estabilidade quanto à significação, pois são palavras que

despertam em nossa mente uma representação, seja de seres, seja de ações, seja de qualidades de seres ou modos de ações. Diz-se que elas têm significação extralinguística ou externa, visto que remetem a algo que está fora da língua e que faz parte do mundo físico, psíquico ou social (MARTINS, 2012, p. 104).

A partir da própria significação, as palavras lexicais apresentam-se como elementos linguísticos que, em seu conjunto, compõem e podem proporcionar intencionalidade discursiva. Característica essa que será demonstrada com exemplos nos capítulos seguintes, exemplificando-as como elementos significativos no contexto de produção, e atribuídas,

juntamente com as palavras gramaticais, à composição do eixo narrativo-descritivo e narrativo-discursivo, na composição dos relatos biográficos.

Em contexto enunciativo-discursivo, as palavras gramaticais são examinadas como elementos necessários para o estabelecimento da tessitura e da significação global do texto. Quanto à elaboração da significação geral, as palavras pertencentes ao léxico da língua categorizadas como gramaticais têm sua função estabelecida a partir de sua relação com o ato da enunciação, ou seja, elementos linguísticos empregados na organização discursiva do texto.

Textualmente, as palavras gramaticais também podem ser denominadas como sendo elementos dêiticos. Exemplos disso são os pronomes a serem observados nos textos biográficos, explicitando interação discursiva e constituindo funções emotiva e conativa, a saber, “relacionar o enunciado com a situação de enunciação, indicando os participantes da comunicação, o espaço e o tempo em que ela se dá” (MARTINS, 2012, p. 99). Em contexto de uso da linguagem, essas palavras gramaticais, assim como as palavras lexicais, conferem relações coesivas para a macroestrutura do texto, retomando ou projetando significados.

Sobre a Estilística, importa ainda mencionar a contribuição de Câmara Jr. (1978) ao considerar o sistema intelectual da língua associado a um sistema de expressividade, o que o autor denomina linguística do estilo. Para o teórico em questão, retomando Karl Bühler, essa junção demonstra que a linguagem reúne pelo menos três funções: aquela representada no empirismo da *langue* de Saussure, além das funções não intelectivas, como a manifestação anímica ou psíquica, e a atuação social ou apelo. Segundo o linguista,

a língua, no seu conceito saussuriano, se deduz apenas da função representativa, pois compreende a estrutura, o esquema, o padrão ou a pauta que rege, em termos linguísticos, a nossa representação do mundo exterior e interior. Resulta de um trabalho de intuição infra-racional, mas de caráter intelectual, que justamente a gramática se propõe a trazer para o plano da consciência, pondo-lhe em evidência os sistemas de sons, de formas, de significações e de ordenação de elementos, ou sejam – o fônico, o mórfico, o semântico e o sintático (CÂMARA Jr., 1978, p. 10.)

De acordo com o que se propõe nesta pesquisa a respeito da análise da composição de textos em cordel como instrumento de ensino e aprendizagem e representação simbólica de uma historicidade afirmativa sobre personalidades negras, a fim de destacá-los empiricamente, como estratégia para o reconhecimento das funções da linguagem predominantes nos textos, foi preciso reconhecer que apenas a perspectiva saussuriana de estudo da língua não contemplaria, nos textos escolhidos, todas as manifestações da linguagem proporcionadas. Por isso, foi necessário recorrer à ciência do estilo como meio de destacar a expressividade da linguagem

poética, pela perspectiva da estilística fônica, bem como o valor nocional ou referencial das palavras, pela estilística lexical.

Apesar dos estudos sobre a função da linguagem poética serem predominantes no ramo da poesia literária, neste estudo a função poética tem como objeto de verificação o efeito sonoro gerado, como fator integrante e estabilizador da própria estruturação dos versos e das estrofes enquanto produção em cordel originada, sobretudo, pelos traços da linearidade fônica acusticamente percebidos, principalmente, pela pausa métrica ocasionada pelos pares de rima. Isso porque, à maneira de alguns estilos de composições em verso, tradicionalmente o cordel é conhecido pela versificação em forma fixa. A sistematicidade do esquema rítmico e a regularidade nas rimas tornam-no produto de um trabalho artístico. Por ser a Estilística uma vertente de estudos normalmente direcionada a textos do gênero literário, faz-se necessário observar que “a estilística tem como *corpus* os textos literários, mas não apenas eles” e “a linguagem poética é a linguagem literária, mas não apenas ela” (HENRIQUES, 2018, p. 52).

A percepção leitora conduz à observação de que os relatos biográficos evidenciam uma elaboração narrativa e com propósito comunicativo inferido a partir do conteúdo temático. No entanto, a sistematicidade métrica expressa atribui-lhes o que será tratado como uma característica de ornamentação artística, por remeter, à maneira do formalismo parnasiano, à regularidade da versificação como técnica de elaboração da forma fixa do poema. Nesse caso, a sextilha em heptassílabos, tipo de estrutura predominante em composições de cordel, torna-se um artifício poético, uma espécie de evocação retórica resultante do estrato fônico que constitui a forma de versificação.

Esse tipo de versificação põe em evidência a Estilística da expressão, conforme Guiraud (1970), pois, para esse autor, a expressão relacionada ao plano fonético pode ser apresentada por três aspectos: a) os sons dos vocábulos expressam valor comunicativo, informando o significado da mensagem; b) o acento ou sotaque feito de modo consciente ou inconsciente, denotando a origem social ou regional do falante; c) a entonação feita de modo espontâneo para causar determinada impressão sobre o interlocutor. No que se refere ao que o teórico categoriza por valores estilísticos, há o “expressivo, mais ou menos inconsciente, uma sócio-psicofisiologia da expressão” e o “impressivo ou intencional, isto é, uma estética, uma ética, uma didática da expressão.” (GUIRAUD, 1970, p.71). Outro valor advindo da expressão, segundo o autor, é o valor nocional da língua, considerado não estilístico, aquele que define a lógica da expressão.

A imanência das composições biográficas em cordel, aqui tratadas como objeto do dizer, tem a ver com os itens linguísticos tornados fatos da língua e estes, concebidos fatos estilísticos para a compreensão das características de estruturação composicional e da função sociocomunicativa da linguagem nos poemas. Essa dupla funcionalidade denota os estratos que compõem a hibridização intergêneros de onde está sendo inferida a intenção comunicativa atrelada à propriedade expressiva (ou impressiva na perspectiva de Guiraud). Essa dualidade estruturante é manifestada por intermédio dos níveis gramaticais verbalizados pela língua.

A intenção para interação discursiva é identificada nos próprios elementos linguísticos organizadores do eixo narrativo-discursivo. Isso ocorre devido à percepção leitora da primazia da função referencial da linguagem (aquela centrada no referente – devido ao valor nocional dos vocábulos) sobre a função poética, pois o procedimento de construção da significação semântica da referencialidade biográfica inferida nas composições, pôs em destaque as funções emotiva e conativa da linguagem apresentadas por Jakobson. Assim, destacam-se os principais fatores constituintes da comunicação vinculados à intenção discursiva, identificados pelos seguintes elementos: quem fala; a quem fala; sobre quem ou sobre o que se fala.

Nos textos, percebe-se o aspecto interacional discursivo de uso da linguagem de modo explícito e verificável devido ao emprego de palavras da língua que cumprem a função de pronomes, por exemplo, tratados pela perspectiva da estilística como palavras gramaticais. No contexto de imanência de uso da linguagem verbalizada, sendo a leitura um parâmetro de verificação, nas produções biográficas em cordel, quando analisadas, essas palavras foram tidas como dêiticos, formas de coesão referencial. A referência identificada pelo uso dos pronomes em terceira pessoa, demonstra função endofórica quando o item a que se refere está no próprio texto. A referência produzida pelo uso dos pronomes em segunda pessoa, por sua vez, é a exofórica, aquela em que, para a compreensão da significação do termo, é preciso que o pronome tenha um referente extratextual, conforme Marcuschi (2008). Serão essas, portanto, as diretrizes que compõem a perspectiva estilística ora adotada para a compreensão dos eixos de uso da linguagem a serem descritos e ilustrados por exemplos extraídos dos próprios textos selecionados.

3 O CORDEL E A FUNÇÃO SOCIOCOMUNICATIVA DA LINGUAGEM

Mesmo sendo considerado um gênero textual comumente atribuído à manifestação da cultura popular⁸, o cordel, enquanto composição textual, mantém regularidade de forma fixa. Sua estruturação remete à tradicional técnica de elaboração de poemas. Nesse sentido, para este estudo será mantido o uso do termo ‘popular’, não com intenção pejorativa, mas para reconhecer sua importância histórica como meio de manifestação e parte de um espectro cultural que vem buscando consolidar seu espaço, firmando-se como patrimônio histórico e sociocultural, ao lado de outros tipos de manifestações culturais e literárias canônicas.

Junto à histórica trajetória de consolidação do cordel como expressão literária que contribuiu para traçar a identidade cultural da região nordestina, é preciso destacar a língua, principal código de atividade humana, não apenas como fator identitário de um povo, mas como forma genuína de suporte das expressões socioculturais desse povo. Isso porque, quando comparadas ao que é concebido por cor local⁹, essas manifestações literárias verbalizadas estão ligadas a expressões culturais de cunho histórico, de entretenimento, como também podem estar relacionadas a fatos circunstanciais do cotidiano, a crítica social, ou ainda a assuntos que sirvam para fins didáticos. Verbalizadas oralmente e tendo a escrita como meio de propagação, esse tipo de manifestação pôde extrapolar as fronteiras de seu habitat tradicional, chegando às metrópoles e aos grandes centros urbanos, tornando-se também meio de expressão para novas influências adquiridas, atualizando ou ampliando temas.

Uma característica que parece peculiar às produções em cordel é a sua relação intrínseca com a oralidade, muitas vezes referenciada na escrita dos versos. É provável que, em sua origem, isso tenha relação com outras manifestações culturais advindas da oralidade, se considerado ser justamente o registro escrito um marco entre o gênero cordel e as manifestações culturais em versos cantados. Tal inovação serviu como meio para que essas produções transpusessem as fronteiras nordestinas, o que foi facilitado pelo código escrito da língua.

⁸ Conforme artigo intitulado “Reconhecimento do cordel”, publicado pela revista *Conhecimento Prático – Língua Portuguesa e Literatura*, o rótulo “popular”, tido como pejorativo, advém do fato de que “grandes poetas, fundadores do cordel foram pessoas comuns do interior nordestino, não raramente pobres e sem educação formal” (REDAÇÃO, 2018, p. 63).

⁹ Em referência ao ensaio crítico *Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade (1873)*, de Machado de Assis.

No caso das produções em cordel, é preciso especificar o aspecto de expressão sonora quanto ao plano da expressão da linguagem verbal fonicamente percebida nos versos e que, por vezes, pode representar traços de mudança na língua. Essa característica, como fenômeno intrínseco de consolidação da própria língua, está a serviço da observação dos recursos destacados para descrever a elaboração métrica dos versos. O plano fônico, então, torna-se objeto de análise a ser verificado a partir do aspecto fonético considerado para fins de descrição de algumas alterações quanto à dicção, modificações que podem ocorrer no interior da palavra, intraverbal ou intravocabular; ou no contato entre palavras, interverbal ou intervocabular, conforme Henriques (2019).

Essas alterações são observadas em contexto de versificação, estão relacionadas à função poética de uso da linguagem e vinculadas ao nível fonético. A partir desse ponto de vista, considera-se que a “fonética descritiva, aproximando-se das ciências físicas e biológicas, interessa-se pelos efeitos acústicos elementares que a nossa audição apreende como unidades sônicas, produzidos pela articulação dos órgãos fonadores” (HENRIQUES, 2019, p. 158). No plano fônico, o trabalho de descrição põe em destaque fenômenos inerentes à expressividade acústica de palavras além de algumas alterações relativas à dicção, explicadas como fenômenos de metaplasmos.

Há quem defenda, Petter (2009), que alguns desses traços fonéticos podem ser considerados meio de expressão linguística para identificar um *continuum* afro-brasileiro entre as variedades da Língua Portuguesa faladas por povos de países africanos e a variedade falada pelo povo brasileiro. Para a pesquisadora, as características que definem a língua falada no Brasil têm sido descritas pelo método comparativo, a partir do qual são estabelecidas algumas das diferenças e das semelhanças entre o que se convencionou chamar de variedade do Português do Brasil (PB) e variedade do Português Europeu (PE). No entanto, pelo fato desse método não contemplar a Língua Portuguesa falada em outros países lusófonos, a autora coloca em discussão um *Continuum afro-brasileiro do português* para demonstrar que, devido às “diferentes situações de contato, em épocas diversas, mas envolvendo o português e um conjunto de línguas muito próximas – as do grupo banto” (PETTER, 2009, p. 160), há realizações linguísticas entre esses povos que se assemelham aos níveis fonético-fonológico, lexical e morfossintático.

Acerca dos metaplasmos, para efeito de observação dos fatos linguísticos provenientes do nível fonético-fonológico identificados como recursos sonoros e estilísticos nos poemas biográficos estudados, vale a pena destacar algumas características que explicitam alteração na

segmentação sonora de certas palavras na composição dos versos. Com isso, serão ilustradas alterações silábicas identificadas, sobretudo quanto ao traço vocálico, destacando-se nos versos a sonoridade por intermédio de exemplos que comprovem a substituição, o acréscimo ou a subtração de fonemas na expressão da cadeia sonora como recursos para composição do cordel quanto à manutenção de sua métrica.

Metaplasmos são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução. Os fonemas constituem o material sonoro da língua. Este material está, como tudo o mais, sujeito à lei fatal das transformações. Não é mister ascender ao latim para mostrar que grande foi a evolução das palavras portuguesas veiculadas pelo povo. No próprio idioma se deparam essas modificações, quando comparamos vozes de épocas distanciadas. É que cada geração altera inconscientemente, segundo as suas tendências, as palavras da língua, alterações essas que se tornam perfeitamente sensíveis, só depois de decorrido muito tempo. De quatro espécies podem ser tais modificações. Com efeito, verificamos que elas são motivadas pela troca, pelo acréscimo, pela supressão de fonema e ainda pela transposição de fonema ou de acento tônico (COUTINHO, 1976, p. 142 - 143).

Além disso, é preciso mencionar que há alterações que causam oscilações, mesmo no uso contemporâneo da língua. Procura-se, com isso, demonstrá-las como artificios de produção poética nas estrofes, o que será feito a partir de certas comparações entre termos lexicais equivalentes quanto à significação para ilustrar a métrica. Tipos de alterações que podem demonstrar variação linguística. Tal fato destaca outra contribuição do cordel: ser suporte de registros da língua em sua modalidade escrita, materializando fontes para estudos que tenham como objeto de análise os níveis do sistema linguístico.

Mesmo quando a composição em cordel não apresenta muita variedade lexical, comparada aos usos típicos da oralidade – como se observa nos textos analisados, o trabalho de descrição da métrica dos versos favorece a identificação de certas transformações que talvez possam ser vinculadas ao próprio desenvolvimento da língua e, eventualmente, puderam ou possam constituir marcas da oralidade em épocas passadas ou mesmos nos dias atuais, porque “o cordel é essencialmente oral. A oralidade, traço marcante do cordel, está também no fato de ele ser um texto que é transmitido oralmente. O cordel é quase que um texto feito para ser declamado, lido em voz alta, falado, compartilhado pela fala” (DANTAS, 2019, p. 102). Nesse sentido, toda prática de uso da linguagem pela modalidade oral pode expor fenômenos de alterações fonéticas inerentes ao processo evolutivo da língua.

Pensar o contexto de uso da língua via segmentação fonética de seus termos dispõe alguns aspectos que tratam da condição heterogênea da língua quanto à sua variedade no tempo e no

espaço geográfico e pode auxiliar na compreensão de processos de mudanças que levaram à própria standardização de alguns níveis estruturantes da linguagem verbal durante a consolidação da língua. Princípio esse importante para traçar a homogeneidade constatada pela gramaticalização, sendo exemplo disso o nível morfológico que constitui a palavra como vocábulo e a partir do qual efetivamente a significação de cada item vocabular, uma vez convencionalizada, pode vir a ser apreendida pelos falantes dessa língua em contextos sociocomunicativos.

De acordo com Castilho (2010, p. 197), “as línguas são constitutivamente heterogêneas” e, acrescentado a isso, historicamente marcadas por traços culturais específicos evidenciados pela unicidade do propósito de uso da linguagem verbal. Essa comparação poderia suscitar certo paradoxo, por exemplo, em relação ao aspecto homogêneo da Língua Portuguesa de variedade brasileira que, assim como outras línguas, segue em um contínuo processo de manutenção da unidade em meio à heterogeneidade identificada pelos diferentes sotaques regionais, pela variação de termos lexicais empregados para expressar a mesma significação, pelas variedades de construção sintática, pelas diferenças de estilos empregados para dar materialidade às composições textuais, enfim, pelos variados modos de expressão que servem a uma determinada intenção comunicativa ou mesmo às muitas dimensões discursivas que dão origem aos mais variados gêneros de produção textual.

A constatação de fenômenos que possibilitam mudanças estruturais para consolidação da língua serve como indicativo de que “o evento, os hábitos de cada povo não são mais o meio indiferente do movimento unívoco pelo qual as línguas se aproximam progressivamente da universalidade da razão” (PRADO Jr., 2008, p. 76), portanto, a homogeneidade estruturante com a qual “Rousseau opõe uma espécie de *estilística* que enquadra a verdade da linguagem no sistema das diferenças locais e históricas, num pluralismo de linguagens *qualitativamente* diferentes” (PRADO Jr., 2008, p.78).

Uma aplicação dessa constatação ocorre mediante a variedades de determinado item lexical. Nesse sentido, a variação da forma é apenas uma maneira diferenciada de expressar a mesma significação atribuída a determinados lexemas, como será detalhado e exemplificado mais adiante neste estudo entre os termos ‘nós’ e ‘a gente’. Ou ainda, o aspecto de variação pode ser observado pela expressão de itens linguísticos resultantes da alternância de algum ponto de articulação em função da segmentação fonética da própria palavra ou em função desta com os itens que a antecedem ou a sucedem, como é o caso da preposição ‘para’ > ‘pra’ / ‘pro’, a ser também exemplificada, demonstrando alteração na pronúncia.

A modificação fonética pode ser verificada em estruturações sintagmáticas ocorridas entre vocábulos e facilmente perceptíveis pela emissão sonora que, na versificação métrica, pode não manter a segmentação fonética própria das palavras. Nesse sentido, a análise tem a ver com o plano da expressividade fônica, percebido durante a leitura expressiva ritmada, principalmente quando se trata da estrutura composicional de poemas em cordel, em que prevalece a escanção em sílabas métricas sobre a segmentação de sílabas gramaticais, uma vez que há um padrão rítmico a ser mantido em sete sílabas métricas, estilo de composição ao qual este estudo se restringe.

O cordel é definido por Melo (1983) como poesia narrativa, popular, impressa – umbilicalmente vinculado à cultura do povo nordestino. Quanto a isso, é importante lembrar que os folhetos dão materialidade a esse gênero que traz consigo as marcas de expressão cultural da literatura popular oral em versos.

Sobre esse gênero poético, é importante ressaltar também a sua relevância como fonte de conhecimento sobre assuntos que podem ser expressão legítima de uma referencialidade social, cultural e histórica. Importância essa que, provavelmente, foi levada em conta para que, desde 2018, esse tipo de expressão literária passasse a ser reconhecida como Patrimônio Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Uma das atribuições que pode servir como um exemplo de função social dos folhetos em cordel no contexto de sua produção, é que, de acordo com Melo (1983), os livretos eram utilizados como suporte para a alfabetização de muitas pessoas carentes da região nordestina do país. Nas palavras do pesquisador, muitas pessoas “aprenderam a ler deletreando esses livrinhos de feira, através de outras pessoas alfabetizadas. Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras” (MELO, 1983, p. 8).

Um outro aspecto importante do cordel é que, ao longo de sua história, desde sua origem vem servindo como

veículo de comunicação em massa. Foi o primeiro jornal do nosso sertanejo, antes do aparecimento, nas zonas rurais, do jornal propriamente dito, do rádio, da TV. Levado pelos vendedores ambulantes às nossas feiras do interior e mercados, ele difundia notícias sobre grandes acontecimentos de repercussão internacional, nacional, estadual e local. Notícias e inovações do mundo moderno, da tecnologia, do progresso contemporâneo. Inovações sempre recebidas com espanto pelo homem rural, que é, por princípio, um conservador (MELO, 1983, p. 8).

Além dessas atribuições, existem outras relacionadas a esse tipo de manifestação literária que podem vincular o cordel às origens da organização social e cultural das terras

provincianas precursoras do território brasileiro como ideia de nação. A função utilitária desse tipo de manifestação literária ocorreu nas práticas educativas, nas campanhas de políticas sanitárias, nos meios de propaganda político-partidária, de expressão e manifestações críticas relacionadas a questões sociais, além de ser um meio propagador de narrativas lendárias originadas do imaginário popular, conforme tratado em Melo (1983).

Apesar da grande possibilidade de influência de fatores externos, a predominância temática nos folhetos de cordel foi voltada para a realidade e os problemas da comunidade local, sobretudo na região do Nordeste, por ter sido o território de entrada de imigrantes de outros continentes. A diversidade linguística e cultural constitui a nova fisionomia que passou a figurar nos versos, assim como a tradição das terras longínquas. Isso porque é consenso por parte de estudiosos que, embora a literatura de cordel tenha sido recebida “via Portugal e Espanha, as fontes mais remotas dessa manifestação estão bem mais recuadas no tempo e no espaço. Elas estão na Alemanha, nos séculos XV e XVI, como estiveram na Holanda, Espanha, França e Inglaterra do século XVII em diante.” (MELO, 1983, p. 11).

A respeito das expressões culturais elaboradas em cordel, denominadas literatura popular em versos, quando consideradas como expressões literárias resultantes da mútua convivência entre povos de diferentes etnias, culturas e línguas à época das primeiras manifestações culturais concebidas em terras nordestinas, essas expressões poderiam servir como referencialidade ao que Machado de Assis trata por cor local. Referencialidade para um cenário do período colonial, relacionado a ocupações das terras dos povos nativos e à exploração de mão de obra e do trabalho de pessoas africanas escravizadas, que ainda ecoa na sociedade brasileira contemporânea. Fatores sociais, econômicos e políticos que muito influenciaram na formação do povo brasileiro, bem como na consolidação da língua. Esses mesmos fatores foram os que, fisiologicamente, contribuíram, como propõe Melo, para que o Nordeste

fosse o ambiente ideal à eclosão daquele tipo de literatura popular. Não apenas da literatura popular em versos – escrita, portanto, mas igualmente da literatura oral, em versos, típica dos chamados cantores de viola. Repentistas e exímios cantadores em desafios e pejejas (MELO, 1983, p.12).

Influências sociais, políticas, econômicas tornadas assuntos circunstanciais de uma época, que compuseram a fisionomia sociocultural expressada em muitos versos considerados literatura de cordel. Uma prática que, de certa maneira, se equipara às tradições socioculturais praticadas e mantidas como registros escritos em outras civilizações, cujos poetas, de alguma

maneira, também puderam versar “os feitos notáveis dos povos. Alguns poemas da antiguidade clássica, como a *Iliada* e a *Odisséia*, são algumas das fontes mais remotas que o historiador pode ainda manipular daquela época distante” (MELO, 1983, p. 39).

Essa comparação não poderia ser feita sem que fossem levadas em consideração as características que constituem as diferenças entre as diversas formas de produção literária, sobretudo quanto ao gênero textual, especificamente, no que diz respeito às características do estilo de uso da linguagem que compõem um texto intencionalmente produzido para fins de produção estética frente a uma composição sem intenção artístico-literária e para a qual pretende-se ou percebe-se uma finalidade mais objetiva e informativa.

Muitas vezes, no entanto, são as motivações geradas por fatores externos ao sistema estável da língua que concorrem como aspectos vinculantes à produção textual. Esse *status* de uso social da linguagem é mencionado por Calvet (1975) ao considerar conclusões de Júlia Kristeva sobre estudos na linguagem poética. No que se refere ao uso da língua para a composição dessa função de linguagem,

O fato linguístico, no domínio poético, está na intersecção de duas grandes direções: a direção *simbólica*, isto é, a língua no sentido em que a entendem os linguistas, e a direção *semiótica*, as das pulsões que se manifestam em forma de ritmo, entonação, transformações léxicas e sintáticas, etc (CALVET, 1975, p. 82-83).

Historicamente, as manifestações literárias em cordel foram vinculadas à expressão artística da cultura popular, no entanto, parece não haver muita precisão quanto à época em que essa literatura eclodiu em território nordestino como gênero com finalidade poética:

Dos varais onde as poesias de cordel eram penduradas, pouco ou nada sobrou. O cordel genuinamente brasileiro tem, como data de nascimento, o ano de 1893, quando Leandro Gomes de Barros, paraibano nascido em 1865 e morto em 1918, teria publicado seus primeiros poemas. Surgiram folhetos, anteriormente, mas como não se sabe acertadamente se eram cordéis de autores brasileiros ou adaptação de cordelistas portugueses, Gomes é considerado a referência máxima (ASCOT et al, 2019, p. 63).

Apesar da imprecisão de datas, sob o ponto de vista de quem considera que as raízes da literatura de cordel podem ser provenientes da tradição dos violeiros repentistas, a origem da poesia popular nordestina estaria na terceira década do século XIX. No entanto, quando o marco de distinção entre os versos cantados e os versos escritos passa a ser a sua impressão em folhetos,

o movimento editorial do cordel, como se sabe, inicia-se com Leandro Gomes de Barros, Chagas Batista e Pirauá. Embora acredite-se que Leandro e Pirauá começaram a publicar folhetos antes de 1900, não existem provas materiais desse fato. Em 1902, Chagas Batista publicou um folheto, em Campina Grande, [...]. Há um outro de Leandro, publicado no Recife, em 1904 (MELO, 1983, p. 18-19).

Esse novo *status* de expressão da poesia popular se constitui formalmente não apenas como suporte para estabelecer o registro, como também serve para fixar estruturalmente a forma de expressão poética cujos traços de regularidade são parte do modo de expressão convencionalizado cordel, particularidades estruturais que o identificam e por vezes também demonstram alguma variabilidade em seu formato. Dentre o limitado número de formatos em que essa modalidade de expressão artística e cultural é veiculada quanto à sua métrica – estrofe de seis versos em sete sílabas, os chamados heptassílabos – a sextilha constitui o padrão predominante na métrica poética do cordel.

De acordo com estudioso da área,

os poetas populares costumam afirmar que o cordel se equilibra em um tripé que o caracteriza e, de certo modo, o define. Esse tripé é composto por métrica, rima e oração. Métrica e rima dispensam a definição. O mesmo não se pode dizer da oração, que para os poetas é aquilo que dá sentido ao texto. Pode estar relacionada à fluência, mas, também, pode ser sinônimo de verossimilhança. O verso, também chamado de pé, é preferencialmente o de sete sílabas poéticas, ou redondilha maior. Quando essa medida é desrespeitada, diz-se que o cordel é de “pé quebrado” (MARCO HAURÉLIO, 2013, p. 111).

No que se refere à estruturação formal da literatura popular em verso, de acordo com Ribamar Lopes (1983), o cordel, quanto aos versos e seu número de sílabas métricas, pode ser classificado como: DÉCIMA – 10 versos de 5 sílabas (também chamada em cantoria, parcela de cinco ou décima de versos curtos); QUADRA – 4 versos de 7 sílabas; SEXTILHA – 6 versos de 7 sílabas; SETILHA – 7 versos de 7 sílabas; OITAVA – 8 versos de 7 sílabas; DÉCIMA – 10 versos de 7 sílabas; DÉCIMA EM MARTELO AGALOPADO – 10 versos de 10 sílabas.

Tradicionalmente esse tipo de produção impressa em folhetos, dependendo da extensão da poesia, pode variar em números de páginas com 8, 16, 24, 32, 48, podendo chegar até 64 páginas, contudo, segundo Veríssimo de Mello (1983), a depender do número de páginas, há cordéis que podem ser considerados romances. Nesse caso, a partir do artifício utilizado para a elaboração, é provável que a intenção estética seja uma característica a ser considerada.

As estruturações métricas do cordel ora apresentadas servem apenas para ressaltar e explicitar a característica rítmica desse tipo de produção artística que configura linguagem poética, pois para fim das análises dos textos em cordel, serão consideradas nesta dissertação

apenas o formato em sextilha e setilha com versos heptassílabos para ilustrar o estilo composicional híbrido portador da temática biográfica, propriedades de análise constituídas a partir dos recursos linguísticos.

3.1 A macroestrutura das produções textuais em cordel

O cordel tem por característica ser uma produção textual constituída por rimas e dotado de regularidade rítmica, propriedades decorrentes da sonoridade das próprias palavras. Isso constitui um traço para a identificação da função poética da linguagem que, no contexto de produção referenciado, quando comparada ao ato de ler os relatos biográficos de modo prosaico, é vista como um ornamento de composição artística intencionalmente empregado para elaboração das composições que tendem para uma finalidade comunicativa e discursiva.

O tratamento da característica estrutural como forma será proposto com base na própria composição dos versos construtores dos pares de rimas, que acrescentados à segmentação métrica elaborada em sete sílabas, constituem estrofes em sextilha e setilha para compor unidade textual com temática biográfica nos textos: *Luisa Mahin* (anexo A), *Antonieta de Barros* (anexo B) *Tia Simoa* (anexo C). Esse tipo de estruturação em forma fixa demonstra regularidade quanto à métrica e ao ritmo, inerentes às produções em cordel, formato de expressão poética, tradicionalmente elaborado em sextilha, forma essa também exemplificada no *Tratado de versificação*, de Olavo Bilac, do início do século passado, em que os parnasianos demonstravam preocupações com a regularidade dos versos.

O destaque que vem sendo feito em relação à característica de forma fixa inerente ao trabalho de elaboração em versos no cordel tem a finalidade de ilustrá-la como macroestrutura prototípica para identificação do trabalho intencional de ornamentação poética que resulta em sonoridade facilitada pela leitura expressiva e ritmada, principalmente quando utilizada para ilustrar mecanismos de versificação próprios da produção literária em cordel cujos versos, entretanto, também possibilitam leitura prosaica nos textos estudados. Possibilidade que pode levar a discussões como a que foi apresentada em Melo (1983) sobre produções em cordéis categorizadas como meros pastiches – nesse caso, produções em cordel elaboradas por poetas considerados não populares, resultando nas chamadas produções cidadinas, porque escritos por poetas eruditos. No entanto, o próprio Melo dispõe a opinião de um especialista sobre o assunto

explicando, já na década de 1970, sobre a possibilidade da inexistência desse tipo de comparação e diferenciação com o passar do tempo, ao alegar que estabelecer fronteiras entre o que seria de característica popular e o que seria de característica não popular na literatura de cordel é sempre uma tarefa difícil.

Como consequência desse tipo de discussão, o que importa de fato é promover um dos objetivos específicos desta dissertação que diz respeito a criar condições didáticas para o aprimoramento da competência leitora de estudantes das séries finais do Ensino Fundamental – fase de aprendizagem em que o empenho para o aprimoramento da habilidade leitora não deveria ser desprezado, pois tendo como premissa a consolidação de um processo eficaz de alfabetização, o passo seguinte precisaria ser em prol da inserção de noções acerca do reconhecimento de características que compõem as especificidades composicionais dos textos. Esse tipo de abordagem não precisa ser desvinculado dos níveis constituidores da linguagem como sistema de signos que constituem a língua, muito pelo contrário, as instâncias gramaticais servem para balizar a estrutura composicional a fim de que a leitura compreensiva tenha como suporte a unidade textual formada pelas palavras.

As especificidades aqui tratadas têm a ver com as características composicionais híbridas constituídas pelo cordel biográfico. Esse termo ainda serve como estratégia para auxiliar a percepção leitora quanto ao gênero textual e a finalidade a que se aplica o conteúdo temático. Essa estratégia de ensino pode ajudar a desenvolver a habilidade de leitura e estimular a atenção, mas, sobretudo, a atenção em contexto de leitura para estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, visando a melhoria da compreensão textual e, a depender de outros meios de produção a serem apresentados em outras etapas, auxiliar na interpretação, na aceitação ou na refutação sobre aquilo que se lê, desenvolvendo pensamento crítico a respeito do que é lido.

Para dar início a essa proposta, é preciso considerar o plano fonético-fonológico percebido pela emissão da estruturação rítmica fornecida pelas propriedades acústicas de cada fonema como componente dos vocábulos que cumprem função linguística e compõem significação à construção dos versos. No entanto, é importante estabelecer que essa estruturação rítmica percebida pelo plano fônico dos versos é especificada pela cadência e pelo ritmo. A “*cadência* de um verso é consequência da relação de equilíbrio entre a tonicidade e a atonicidade poéticas, o *ritmo* é também consequência de uma forma de contenção, de equilíbrio, entre o tempo forte e o compasso de espera de um verso” (NAIEF SAFADY, 1972, p. 24). Esse é, portanto, um traço importante para compreender as propriedades acústicas de cada sequência métrica na construção do plano fônico como aspecto participante e estabilizador da regularidade

fixada em função da manutenção do número de sílabas segmentadas em sete sílabas poéticas conforme tradição da métrica popular das produções em cordel.

Conforme sinalizado em Callou e Leite (2009), pela fonética expressiva ou estilística fônica os elementos linguísticos, quanto à sua natureza imitativa e à sua “natureza expressiva (alongamento, intensidade, repetição de fatos melódicos), podem traduzir um certo valor”. Nesse sentido, de acordo com as autoras,

esses aspectos expressivos e imitativos podem ser observados na fala usual e sobretudo na poesia, que representa, na verdade, um emprego sistemático de fatos fonológicos. Numa frase em prosa, a composição fônica é determinada única ou essencialmente pela escolha dos morfemas desejados. Por outro lado, todo enunciado poético comporta elementos rítmicos (CALLOU; LEITE, 2009, p. 106).

Essas escolhas constituem os esquemas rítmicos que funcionam como recurso atribuidor de características expressivas para os gêneros textuais em estudo. São esses os traços que, colocados a serviço da função poética estruturante do cordel, tornam-se preceito para a análise do plano da expressão e podem ser verificados, sobretudo, pelo esquema de rimas cujo efeito de regularidade sonora auxilia na percepção do estrato fônico.

Acrescenta-se a isso o fato de que a duração do segmento sonoro entre os vocábulos de um verso encerra-se após um contínuo sintagmático expressivo de emissão fônica demarcado pelas sílabas dos vocábulos cuja tonicidade constituem os pares de rima, observância que, de certa maneira, vai ao encontro das observações já feitas por Câmara Jr. (1978) quando verifica o valor estilístico na poesia, afirmando que os

grandes efeitos no ritmo poético, em português, dependem das quantidades vocálicas de valor estilístico. Elas, juntamente com a variável duração das pausas no interior do verso, alteram o tempo regular do verso silábico e fazem da métrica, aparentemente rígida e invariável, um desdobramento rítmico que se pode cingir maleavelmente ao pensamento e trazer harmonias inesperadas (CÂMARA Jr. 1978, p.32).

Apesar dessa declaração ter a ver com o valor estilístico na poesia, é importante não perder de vista que o ritmo poético como valor estilístico tem origem na propriedade fonética de cada unidade sonora que compõe o vocábulo em contexto de versificação, designando o plano da expressão que é um traço observado também pela leitura dos poemas biográficos em cordel.

Quanto a isso, no capítulo em que aborda o plano fônico, Silva (1981) considera que o significativo, uma das propriedades do signo linguístico, é um “elemento singularmente motivado” (SILVA, 1981, p.25). Para este estudo, essa motivação diz respeito ao estilo por

estabelecer-se como escolha feita pela autora em estruturar a narrativa biográfica das personalidades em cordel, gênero no qual as propriedades fônicas (fonema, sílaba, cadência da fala) podem ser ritmadamente expressadas por versos.

Esse estilo, como resultado da escolha para o modo de dizer a biografia, coloca em primeiro plano a função expressiva da linguagem como parte integrante da estruturação de cada verso, mas sem desconsiderar o plano de significação de cada palavra. Assim, os dois planos motivadores e constitutivos do signo linguístico, da expressão (significante) e do conteúdo (significado), tornam-se as particularidades de uso da linguagem verbal com significação denotativa e com função poética.

A confluência de fatores definidos pela regularidade rítmica verificada nos versos equipara-se à extensão da linha melódica expressada na fala. Essa cadência sistematizada pela versificação ritmada em composição poética apresenta função para o que Calvet (1975) descreve ser fenômeno dos slogans. Função que “se caracteriza pela concordância entre o sentido (direção semântica), a voz (escansão) e a marcha (direção rítmica)” (CALVET, 1975, p. 88), portanto, uma espécie de estilo composicional em que o aspecto rítmico serve à função poética como matriz estruturante da composição textual em versos no gênero cordel.

Uma vez que essas elucidações tenham sido trazidas, é importante fazer uma menção quanto ao suporte físico de publicação dos poemas em cordel *Luisa Mahin*, *Tia Simoa* e *Antonieta de Barros* de Jarid Araes. Assim como nos livretos das produções tradicionais da literatura em cordel havia ilustrações feitas em xilogravuras, na capa de todos os folhetos em cordel biográfico da autora consta um subtítulo para todos os livretos feitos em papel jornal e uma figura ilustrativa representando cada uma das personalidades que dão título às narrativas em versos. Além disso, a diagramação é apresentada por oito páginas que dispõem o texto do poema em colunas organizadas em estrofes compostas por seis versos (*Antonieta de Barros* e *Luisa Mahin*) e sete versos (*Tia Simoa*).

No que diz respeito às rimas, elas são fixadas pelas terminações de vocábulos que encerram alguns pares de versos, o chamado esquema de rimas. Os poemas *Antonieta de Barros* e *Luisa Mahin*, por exemplo, são apresentados em sextilhas e seus versos podem ser representados por x-a-x-a-x-a, “com x são indicados os versos que não rimam e, com a, os versos que rimam entre si” (HAURÉLIO, 2013, p. 112), portanto, como sextilhas constituem pares de rima os versos (2º, 4º e 6º) para esses poemas. No poema *Tia Simoa*, a rima em setilha é representada pelo esquema x-a-x-a-b-b-a. Nesse caso, os versos (1º e 3º) representados pela letra x, assim como nas sextilhas não constituem rima; no entanto, rimam entre si, os versos (2º,

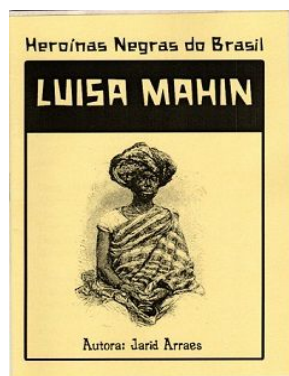
4º e 7º) representados pela letra **a**; e os últimos pares desse tipo de estrofe que constituem rima com essa estruturação são os versos (5º e 6º) representados pela letra **b**, ou seja, há plena similaridade fonética no final desses versos para a constituição do esquema de rima utilizado como recurso expressivo nesse tipo de composição.

Pela perspectiva da Estilística, “a rima é a coincidência de sons, geralmente finais de palavras (alguns falam também em rima aliterante, inicial), que se dá na poesia em conformidade a um esquema mais ou menos regular” (MARTINS, 2012, p.63). Essa recorrência sonora como recurso estilístico contribui para a função poética cuja expressividade pode ser ilustrada pelos esquemas de rimas em sextilha e setilha destacados das estrofes dos poemas *Antonieta de Barros*, *Luisa Mahin* e *Tia Simoa*, respectivamente exemplificados conforme estrofes apresentadas abaixo:



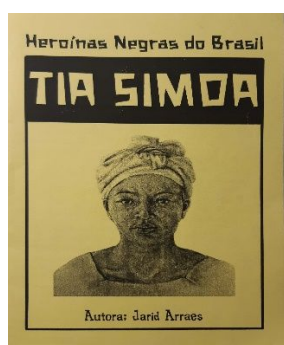
Fonte: *fac-símile* da capa do cordel *Antonieta de Barros*

Conto aqui neste cordel	x
Uma história inspiradora	a
De uma preta muito forte	x
Que foi tão batalhadora	a
E com a sua inteligência	x
Se mostrou norteadora .	a



Fonte: *fac-símile* da capa do cordel *Luisa Mahin*

No século 19	x
Luísa Mahin nasceu	a
Com origem africana	x
Sua história aconteceu	a
E com incessante gana	x
Seu nome prevaleceu .	a



Fonte: *fac-simile* da capa do cordel *Tia Simoa*

Eu saúdo quem me lê	x
Para aqui poder contar	a
A história dum pretta	x
Que preciso aqui lembrar	a
Na história do Brasil	b
Seu relato não se viu	b
Para enfim se memorar .	a

A atribuição funcional aos sons nos poemas como recurso estilístico auxilia na consolidação e estruturação do cordel efetuando-os como

motivação sonora que especialmente justifica do ponto de vista estilístico a rima. O poeta se fixa, para ela, nos sons que a sua intenção poética condiciona, ou num vocábulo que é praticamente evocado pelos sons que encerra. O pensamento lógico da poesia decorre não raro dessa atmosfera sônica, que se estabelece por um impulso de exteriorização anímica; [...] A insistência no som o torna, por sua vez, o centro emotivo da composição e prepara a ambientação emotiva do leitor ou do ouvinte (CÂMARA Jr., 1978, p. 45).

Desse modo, em sua estruturação formal, o esquema de rima no cordel apresenta-se com uma função matricial. Para a configuração desse gênero, a produção estrutural regularmente fixada pelo paralelismo rítmico é estabelecida pela escolha dos itens lexicais cujos significados servirão como sustentáculos da elaboração temática, ao mesmo tempo em que estabelece o paralelismo sonoro dos versos. Em outros termos, constata-se dupla função para os vocábulos empregados quando são sequenciados para o estabelecimento do sentido global, primeiramente quando encaminha a leitura para a percepção semântica quanto ao gênero textual biográfico e, num segundo momento, quando marca a estruturação rítmica e participa da composição dos pares de rima, o que designa o gênero cordel.

A partir desse ponto de vista, é importante ressaltar que tradicionalmente o cordel – também denominado gênero textual, literatura de cordel, gênero textual com vertente poética ou mesmo gênero cordel – se constituiu como portador de uma grande variedade de temas. É essa ampla variedade que mantém a proposta deste estudo restrita apenas à análise da temática biográfica. Apesar dessa restrição, sabe-se, entretanto, que historicamente qualquer tema pode ser veiculado em composições feitas em cordel. Contudo, quanto à natureza semântica, a depender de sua regularidade e funcionalidade, há formas de composições que, ao longo do

tempo, conforme as necessidades sociocomunicativas podem ser estabilizadas e, cumprindo função socio discursiva, são convencionadas e legitimadas socialmente tornando-se “forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Para os textos estudados, a estabilidade textual constituída com objetivos específicos é vista como propulsora das características que estabelecem tanto a definição do gênero textual biográfico quanto do gênero cordel. Essa dupla funcionalidade quanto à intertextualidade intergêneros facilita para a compreensão de que mesmo sendo uma elaboração poética existe uma finalidade comunicativa, ambos constituídos planos de expressão para a linguagem.

Essas não deixam de ser, entretanto, as mesmas características estruturantes e a partir das quais neste estudo busca-se trabalhar a noção dada por Marcuschi (2008) sobre intergenericidade, proposta atribuída ao aspecto composicional híbrido das composições em formato de cordel, sobretudo, para ter nesse tipo de produção textual um exemplo de expressão de linguagem a serviço da manifestação e identificação sociocultural, utilizada como mecanismo para o aperfeiçoamento da leitura associada ao estudo linguístico. Isso porque, conforme detalhado por Langacker,

todas as línguas exemplificam o mesmo esquema básico de organização. Mais especificamente, todas as línguas humanas compreendem uma série infinita de frases, cada uma das quais manifesta, de forma fonética, uma estrutura conceptual. Uma série complexa de regras sintáticas serve para ligar as estruturas conceptuais às estruturas superficiais, as quais são cadeias lineares de unidades lexicais agrupadas hierarquicamente. Uma série de regras fonológicas liga a estrutura superficial de cada frase à sua manifestação fonética com base nas representações fonológicas subjacentes de suas unidades lexicais. Cada unidade lexical individual consiste na associação de propriedades semânticas, sintáticas e fonológicas, sendo arbitrária na maior parte dos casos a relação entre propriedades semânticas e fonológicas. Uma unidade lexical é representada fonologicamente como uma série linear de segmentos, sendo cada segmento especificado com relação à informação fonológica distintiva (LANGACKER, 1972, p. 252).

A fim de demonstrar como a unidade de sentido delimitada pela extensão do verso – quanto aos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico – pode servir à expressão da linearidade métrica dos versos e compor um todo significativo, este trabalho redireciona-se ao seu objetivo principal já pré-estabelecido na figura da formação do leitor enquanto agente do processo de leitura. Diante dessa perspectiva, o esperado de uma criança em fase escolar, especificamente nos últimos anos do Ensino Fundamental, é que ela já se encontre capacitada para processar sem grandes dificuldades um sentido concebido a partir dos seguintes vocábulos:

‘conto’, ‘aqui’, ‘neste’, ‘cordel’, itens lexicais que compõem o primeiro verso da primeira estrofe do poema *Antonieta de Barros*.

Conto aqui neste cordel
 Uma história inspiradora
 De uma preta muito forte
 Que foi tão batalhadora
 E com sua inteligência
 Se mostrou norteadora.
 (*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p.1)

Esses itens, quando sequenciados no primeiro verso, “Conto aqui neste cordel”, do poema biográfico, demonstram que as palavras escolhidas a partir do acervo da língua podem ser combinadas seguindo as regras de uso do sistema quanto à estruturação sintática, evidenciadas por características nos níveis fonológico, morfológico e semântico, níveis de consolidação da língua concebidos e estruturados pelos próprios falantes quanto à sua pretensão de comunicar, de significar a realidade, de manifestar ideias, de simbolizar o mundo em que vive etc. A fim de destacar o aspecto sonoro pelo qual essas intenções expressivas são elaboradas em produções de cordel, é importante frisar que, quanto ao gênero cordel, a segmentação sintática, ora tratada, evidencia-se pelo ápice tonal da sétima sílaba poética nos versos ritmados que alternadamente destacam-se em pares de rimas construídas com base na sétima e/ou oitava sílaba poéticas pelo aspecto fonêmico de cada palavra, marcando as pausas da leitura rítmica.

Para efeito de ilustração do plano fônico, é destacado o esquema de rimas **-x-a-x-a-x-a**, construído pelos itens lexicais (inspiradora, batalhadora e norteadora) dos versos sinalizados pela letra **-a**. Esses pares constituem, alternadamente com outros versos, uma regularidade que produz um paralelismo entre os versos 2, 4 e 6. Essa alternância ocorre com versos que não constituem pares de rima entre si, totalizando os seis versos, uma das características das estrofes em sextilha no cordel. Uma outra característica desse tipo de estrofe em sextilha tem a ver com a harmonização de sons que constitui as sílabas métricas. Quanto a esse aspecto, a linha métrica que compõe a harmonização tanto dos versos que rimam entre si quanto dos versos que não rimam entre si, é constituída por sete sílabas métricas, conforme proposto a seguir:

Con | to a | qui | nes | te | cor | **del**
 U | ma his | tó | ria ins | pi | ra | **do** | ra
 De u | ma | pre | ta | mui | to | **for** | te
 Que | foi | tão | ba | ta | lha | **do** | ra
 E | com | sua | in | te | li | **gên** | cia
 Se | mos | trou | nor | te | a | **do** | ra.

(*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p.1)

São, pois, essas as sílabas poéticas que, constituídas em linha métrica no verso, auxiliam na exposição do plano fônico verificado nos poemas em cordel selecionados para ilustração.

A fim de especificar melhor o que constitui esse plano fônico neste estudo foi preciso recorrer às formulações de Silva (1981) quando expõe que o plano fônico da expressão é constituído por quatro níveis que se inter-relacionam, são eles: o nível melódico ou entonacional; o nível quantitativo ou de duração; o nível acentual ou de intensidade e o nível fonemático ou de sequência sônica.

Quanto ao nível de entonação, para cada verso da estrofe do poema *Antonieta de Barros* há uma linha melódica (ou métrica) cuja emissão rítmica pode ser melhor percebida quando feita uma leitura vozeada e expressiva para marcação da sequência sonora constituída quantitativamente por sete sílabas métricas que ora ascendem ora recaem. Essa cadência rítmica dos versos no poema, quando exposta pela sequência sonora, além de ser uma marca do gênero cordel, pode ser um recurso para memorizar o conteúdo temático tratado no texto.

Pensando em um ambiente de ensino, essa seria, portanto, uma das funções da pessoa que se propõe a mediar a aprendizagem de estudantes: fazer uma demonstração de leitura expressiva e propor a memorização das estrofes para recitação do texto em cordel, fazendo com que cada estudante perceba o estilo da composição específica para textos em versos, principalmente quanto ao emprego da leitura expressiva marcada pelas rimas que identificam essas produções.

a leitura rítmica de um texto poético (enquanto ritmo exterior) auxilia a compreensão desse mesmo texto, na medida em que permite perceber: a) os efeitos expressivos da musicalidade estrutural de qualquer verso; b) o tom, indefinível por palavras, que essa musicalidade contém (NAIEF SAFADY, 1972, p. 25-26).

Como ilustração, o primeiro verso do poema *Antonieta de Barros* apresenta uma sequência sonora constituída por sílabas ascendentes e descendentes cuja leitura ritmada, para a perspectiva leitora da criança, deve ser melhor percebida mediante uma leitura vozeada, o que permite identificar o trabalho de metrificação dos versos. Assim, a entonação delimitada pela linha métrica dos versos tem como acento tonal a marca de intensidade atribuída às sílabas métricas finais tônicas, que na estrofe destacada, podem ser exemplificadas por: **-del**, **-do**, **-for**, **-do**, **-gên**- e **-do**. Seria, portanto, uma das características quanto à harmonização métrica que justifica a estruturação de todas as estrofes que classificam tanto o poema *Antonieta de Barros* quanto os poemas biográficos *Luisa Mahin* e *Tia Simoa* como heptassílabos.

Quanto ao nível de intensidade, percebe-se que há no sistema gramatical da língua falada uma distinção entre sílabas tônicas e sílabas átonas no que se refere à tonicidade da pronúncia silábica gramatical. Embora possa haver alterações para manutenção do padrão métrico, na maioria das vezes, as sílabas poéticas são equivalentes às sílabas gramaticais e o aspecto de intensidade observado gramaticalmente também pode ser observado como marcador de segmentação silábica quanto à linearidade métrica, constituindo a cadência ou harmonização expressa pela tonicidade ou atonicidade das sílabas nos versos quanto ao plano fônico típico de ser observado na estruturação dos poemas.

Ainda no que se refere ao nível de intensidade, é possível notar que, quanto ao número de sílabas em cada verso nessa estrofe, as sílabas métricas são atributos essenciais para a classificação do poema biográfico como heptassílabo, onde é destacada a cadência que apresenta equilíbrio entre tonicidade e atonicidade, fixando a sétima sílaba que se apresenta como acento tonal da métrica no verso, encerrando-se assim a própria cadência fônica ascendente na estruturação da linha métrica.

Quanto a destacar a cadência formada pelo equilíbrio entre tonicidade e atonicidade foi possível notar que, na estrofe ilustrada, apenas o primeiro verso tem uma estruturação cuja última sílaba da sequenciação poética também representa o realce tonal – aquele que marca a tonicidade da sílaba métrica que encerra a própria cadência fônica do verso e que caracteriza o esquema de rimas do poema biográfico em heptassílabo. Conforme observado nos outros versos dessa mesma estrofe, a sétima e última sílaba métrica de cada verso é seguida por uma sílaba final átona. Desses versos, vale destacar uma percepção análoga que diz respeito ao que se convencionou gramaticalmente como padrão de tonicidade expresso pela maioria dos itens vocabulares da língua portuguesa no português brasileiro.

todos nós sabemos que a língua portuguesa é predominantemente grave. Isto quer dizer que não só a maior parte dos vocábulos termina por uma cadência acentual constituída de sílaba forte mais uma sílaba átona, mas que as unidades melódicas terminam sempre com duas unidades de tempo, aquela sobre a qual incide o cume tonal e outra, que a prolonga com leve descaída. (SILVA, 1981, p.32)

Para efeito de constatação dos modos de expressão silábicos que envolvem o plano fônico de estruturação métrica das composições, tendo em vista um determinado termo lexical, é preciso um olhar mais atento quanto ao seu contexto de uso, pois, quanto à leitura expressiva, ora as sílabas poéticas podem ser estruturadas de um jeito ora de outro. Essas diferenciações quanto à segmentação métrica de algumas palavras provavelmente se devem a ajustes ocasionais quanto à dicção fonética em relação ao contexto de produção. Isso tem a ver com a

segmentação dos componentes fonéticos no interior da palavra ou entre as palavras, assegurando a manutenção do encadeamento sonoro entre os vocábulos formadores da sequência métrica no verso.

Essa observação foi feita em decorrência da contagem das sílabas que constituem a métrica de dois versos apresentados em diferentes estrofes, ou seja, em outros contextos de versificação, nos quais o nome ‘antonieta’ pôde ser expressivamente segmentado de duas maneiras para a manutenção da segmentação rítmica e o padrão métrico dos versos em heptassílabos. A sonorização percebida mediante a leitura expressiva leva a acreditar que, coincidentemente, ora é mantida a segmentação das sílabas gramaticais do vocábulo ora é preciso recorrer a outro tipo de segmentação para que seja mantido o padrão métrico dos versos.

Desse modo, conclui-se ser esse um artifício para que não haja um desvio da harmonização rítmica quanto à caracterização da função poética da linguagem. No entanto, é sempre importante ressaltar que essa arquitetura de uso da linguagem ocorre apenas no plano da expressão fônica e tem a ver com a própria configuração rítmica e métrica, o que pode ser compreendido como a forma macroestrutural do cordel. O primeiro exemplo disso pode ser ilustrado pelo segundo verso da estrofe abaixo:

Era uma catarinense
De Antonieta nomeada
Sendo de origem pobre
Teve a vida permeada
Por muita dificuldade
E por luta semeada.
(*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 1)

Para que a característica estruturante do gênero cordel que vem sendo tratada para dar embasamento à regularidade da unidade rítmica seja mantida, no verso “de Antonieta nomeada”, percebe-se o realce da intensidade tonal da métrica na sétima sílaba do verso marcada pelo fonema [a] do item linguístico ‘nomeada’. Coincidentemente, essa é a mesma sílaba que marca a tonicidade do vocábulo fora desse contexto de produção poética (no-me-a-da). O tipo de estruturação (dean | to | nie | ta | no | me | a | da) só será possível se houver uma leitura que condicione a junção da preposição ‘de’ com a primeira sílaba do nome ‘antonieta’, para manutenção da regularidade das sílabas métricas.

Observa-se também uma tendência à ditongação durante a articulação do fonema [e] da preposição ‘de’ quando passa a [ɛ] diante da sílaba formada pelos grafemas <an> que constituem sílaba nasal no nome ‘antonieta’ representados pelo fonema [ã]. Essa junção pode ser

comparada ao fenômeno chamado sinalefa, que indica a “fusão da vogal final de uma palavra, reduzida a semivogal com a vogal inicial da palavra seguinte, formando um ditongo” (SANT’ANNA, 2012, p. 78-79). Esse processo demonstra o alteamento da vogal média representada pelo grafema <e> que passou a fonema [ɪ] diante da nasal [ã] do nome ‘antonieta’, constituindo a sílaba métrica [dʒɪã]. Outro exemplo de ditongação pode ser ilustrado com o nome ‘antonieta’ na composição e manutenção do verso em (dean | to | nie | ta | no | me | a | da). Para essa leitura do verso, o encontro vocálico entre os grafemas <i> e <e> formadores de hiato no interior da palavra, ou seja, do nome ‘an | to | ni | e | ta’, é lido como ditongo formado pelos fonemas [ɪ] e [e], em que a vogal [i] quando emitida sem pausa diante da vogal [e], compara-se a semivogal e juntas constituem uma única sílaba poética [nɪe]. Essa oscilação no interior do vocábulo genuinamente constituído por hiato quando passa a ditongo demonstra o fenômeno fonético conhecido por sinérese. Assim, ficam demonstradas dois tipos de reestruturação na segmentação dos versos causadas por alterações externa (interverbal) e interna (intraverbal). Fenômenos fonéticos que participam da formação das sílabas poéticas nos versos. Sobre essas junções, entre palavras ou no interior da palavra, Henriques (2019) afirma que

alguns fatores da realização oral podem influenciar determinadas mudanças linguísticas, especialmente nas vogais e nos encontros vocálicos (hiatos, ditongos e tritongos). Referimo-nos às figuras de dicção denominadas sinérese, diérese, elisão e crase. Sua ocorrência pode se dar no interior de uma palavra (ser intraverbal ou intravocabular) ou no contato entre palavras (ser interverbal ou intervocabular) (HENRIQUES, 2019, p. 159).

Essa possibilidade de alteração quanto à expressão do nome ‘antonieta’ na leitura do verso também pode ocorrer no contexto abaixo, conforme exemplificado com a estrofe a seguir:

Para que a população
 Pudesse alfabetizar
 Foi que Antonieta fez
 Esse curso prosperar
 Cheia de dedicação
 Colocou-se a lecionar.
 (*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 3)

Há duas possibilidades de metrificação para o verso “foi que Antonieta fez” destacado da estrofe acima: uma forma é quando o hiato do encontro vocálico para o nome ‘antonieta’ é mantido para compor a sílaba poética segmentada em: (foi | quean | to | ni | e | ta | fez); outro modo, seria pela ditongação do encontro vocálico. Para isso, as sílabas que formam hiato no nome ‘antonieta’ constituiriam ditongo e o verso seria expresso: (foi | que | an | to | nie | ta | fez).

Quando comparadas as duas formas de segmentação, percebe-se, no segundo exemplo, uma estruturação mais artificiosa para ilustrar o padrão métrico pré-estabelecido como esquema rítmico de versificação.

Recorrer a esses ajustes para explicar a expressão do plano sonoro de uma composição poética já não é uma prioridade em estudos sobre o uso da linguagem verbal, no entanto, para a averiguação dos recursos estilísticos fônicos observados na estruturação da composição, houve a necessidade de demonstrar alguns fenômenos fonéticos próprios da versificação, pois constituem o aspecto da organização e percepção acústica que, sonorizada, ressalta a função poética da linguagem, principalmente em contexto de leitura vozeada. Além disso, para descrever o aspecto artístico para ilustrar característica do cordel é importante destacá-los como recursos composicionais estilísticos para dar orientação, por exemplo, a outros leitores em ambiente de ensino e aprendizagem, pois se o aspecto de estruturação rítmica que constitui principalmente os pares de rima não for considerado, é provável que qualquer leitor ao ler esses poemas biográficos, realize uma leitura em prosa, destacando apenas o contexto de composição temática, orientada para leitura pouco ou nada ritmada.

Partindo de observações sobre alterações na segmentação fonética de vocábulos não apenas pela oralidade, mas marcada graficamente, há, no terceiro verso da primeira estrofe a ser apresentada na sequência, o termo linguístico, ‘inda’ – a partir do qual é possível comentar a realização de dois fenômenos quando esse termo é comparado ao que atualmente compreende-se sendo uma variação para o item linguístico ‘ainda’ no terceiro verso da estrofe subsequente.

Compreendidos aqui como variações, a comparação entre esses dois termos pode ser explicada pela omissão do fonema [a] da palavra ‘ainda’, ilustrando o que seria um exemplo de alteração fonética por subtração conhecido como aférese “queda de fonema no início da palavra” (COUTINHO, 1976, p. 147), ou seja, um contexto em que houve a supressão do fonema no início do vocábulo. O outro modo seria observar essa variação tendo a forma ‘inda’ como referência, o que denotaria em relação ao registro ‘ainda’ na estrofe seguinte uma alteração quanto à dicção para a pronúncia dessa palavra no verso, variação que explicita alteração pelo fenômeno da prótese, quando ocorre um “aumento de som no começo do vocábulo” (COUTINHO, 1976, p. 146).

No entanto, é preciso
 Uma coisa mencionar
Inda era os anos vinte
 Quando ela foi estudar
 Veja só que grande feito
 Ela estava a desbravar!

(*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 2)

Tinha muito envolvimento
Com o assunto cultural
E **ainda** em vinte e dois
Ela fundou um jornal
Que chamou de A Semana
Escrevendo para o tal.

(*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 3)

Essa comparação é feita para ilustrar alterações em contextos de versificação que sinalizam para o que Bakhtin (2016) denomina como sujeito do discurso, ou seja, aquele que determina as peculiaridades estilístico-composicionais, nesse caso é destacada a escolha feita pela autora em utilizar a forma ‘inda’ como registro de item lexical em um contexto de versificação e o termo ‘ainda’ em outro contexto de versificação. No ensino, destacar o registro ‘inda’ como exemplo de variação para o item lexical ‘ainda’ pode ser relevante para demonstrar que em contexto de produção poética, a escolha feita entre um ou outro desses registros serve como recurso estilístico na manutenção do padrão métrico do poema em heptassílabo.

Direcionado para um contexto de ensino e aprendizagem, a depender do gênero de produção textual que esteja sendo abordado, esse tipo de demonstração aparece como artifício para ilustrar a diferenciação quanto ao emprego desses itens linguísticos (ainda/inda), podendo propor adequações quanto a contextos de produções literária e não literária, comparação entre modalidade oral e modalidade escrita da língua, contexto de fala monitorada e contexto de fala não monitorada, variedade de registros regionais. Enfim, o próprio contexto de ensino e aprendizagem passa ser a circunstância condutora para se chegar a melhor maneira de trazer a diferenciação entre um termo e outro à discussão, inclusive como um fato estilístico utilizado para a manutenção da versificação em poemas.

Um detalhe importante a ser mencionado a partir do contexto de produção em cordel é quanto ao aspecto variacional da língua. Com esse exemplo foi possível perceber que, tendo a escrita como parâmetro, a variação entre ‘inda’ e ‘ainda’ está apenas no plano da expressão sonora e é mais fácil de ser percebida do que as variações que ocorrem entre os termos da língua no nível da sintaxe, por exemplo.

Outros exemplos que podem demonstrar peculiaridades estilístico-composicional frente à escolha da autora quanto ao posicionamento do item lexical ao nível da sintaxe, por exemplo, pode ser demonstrado pelo emprego do pronome oblíquo átono ‘se’ em posição de próclise no último verso da estrofe a seguir:

Conto aqui neste cordel
 Uma história inspiradora
 De uma preta muito forte
 Que foi tão batalhadora
 E com sua inteligência
 Se mostrou norteadora.
 (*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p.1)

Observa-se no verso “se mostrou norteadora” a utilização da próclise possibilitando a seguinte segmentação: (se | mos | trou | nor | te | a | do | ra). No entanto, esse mesmo pronome ‘se’ no contexto do verso “colocou-se a lecionar” da próxima estrofe aparece posposto ao verbo, em ênclise, possibilitando a seguinte segmentação do verso: (co | lo | cou | sea | le | cio | nar). Esse último exemplo serve para demonstrar que, caso o pronome oblíquo ‘se’ estivesse anteposto ao verbo, a metrficação em (se | co | lo | cou | a | le | cio | nar) não seguiria o mesmo padrão estabelecido nos outros versos da mesma estrofe.

Para que a população
 Pudesse alfabetizar
 Foi que Antonieta fez
 Esse curso prosperar
 Cheia de dedicação
 Colocou-se a lecionar.
 (*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 3)

Outro exemplo de variação em nível da sintaxe que pode demonstrar o trabalho de elaboração poética da autora na manutenção da unidade métrica e da rima, pode ser ilustrado a partir dos dois primeiros versos da estrofe acima. Uma elaboração hipotética possível sem preocupação com a métrica seria ‘para que pudesse alfabetizar a população’. Se comparada aos versos estruturados, essa modificação serve como exemplo de inversão, que pode ser um artifício para

colocar em evidência um termo que se deseja privilegiar, rompe a monotonia da ordem usual, podendo favorecer o ritmo mais adequado ou proporcionar um tom mais elegante na poesia, pode atender à imposição da métrica ou da rima, além da intenção de ênfase. Nos poemas sem rima da poesia tradicional é comum haver maior emprego de inversão, que se torna marca da linguagem poética (MARTINS, 2012, p. 209).

A partir dos exemplos, foi possível observar alguns ornamentos composicionais para a manutenção da linearidade rítmica das estrofes de cada um dos versos exemplificados. Também foi possível verificar outros eventos fonéticos que podem ocorrer nesse processo de segmentação fônica, e por já estarem tão incorporados à fala cotidiana em vários contextos de

interação sociocomunicativa, quase poderiam não ser percebidos como formas de manutenção da versificação nessas produções poéticas. É o que ocorre, por exemplo, em versos que aparecem a preposição ‘para’/’pra’.

O registro dessa preposição em ‘pra’, muito comum na fala, ajusta-se perfeitamente à estruturação rítmica de muitos versos do poema, o que pode ser considerado “um valioso recurso estilístico ou comunicativo” (HENRIQUES, 2019, p. 203) denominado síncope, “supressão de fonema no interior da palavra” (p.194). Essa variação de uso do registro lexical, a princípio vista como um fenômeno fonético da língua muito comum na modalidade oral, na maioria das vezes foi percebida como um recurso para a harmonização do verso.

Por já estar consolidada, quando a forma em ‘pra’ é comparada ao seu registro em ‘para’, em contexto de produção poética, o efeito sonoro da proposição realizada em ‘para’ soa um tanto artificial no verso “para que a população” e pode, inclusive, também ser considerado um recurso estilístico para a manutenção da métrica em (pa | ra | quea | po | pu | la | ção), pois se fosse realizado em ‘pra’, forma sincopada (pra | quea | po | pu | la | ção), apesar de parecer ser um modo mais natural, não possibilitaria a manutenção da métrica para esse verso.

Poderia haver, entretanto, outra possibilidade de uso para essa forma em síncope, uma em que pudesse ser mantida a segmentação com o acento tonal na sétima sílaba poética, por exemplo, (pra | que | a | po | pu | la | ção). Esses exemplos, além de comprovarem as possibilidades de articulação fonética na composição da métrica do verso, também sinalizam para a escolha de estruturação métrica quanto à percepção de leitura, em que se observa o trabalho artístico vinculado à função poética de uso da linguagem.

Para que a população
 Pudesse alfabetizar
 Foi que Antonieta fez
 Esse curso prosperar
 Cheia de dedicação
 Colocou-se a lecionar.
 (*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 3)

Na próxima estrofe ocorre o mesmo fenômeno fonético conhecido como síncope, no entanto, seguido de uma crase realizada com o artigo definido no feminino plural. Para a realização do termo ‘pras’, infere-se que primeiramente houve a perda do primeiro fonema vocálico da preposição ‘para’ e, logo em seguida uma crase entre o [a] da preposição ‘pra’ e o artigo feminino ‘as’, “fusão de dois sons vocálicos contíguos” (COUTINHO, 1976, p. 148),

idênticos, ou seja, nesse fenômeno, estabelecendo o registro ‘pras’, pode ser conjecturado um recurso estilístico para manutenção da metrificação do verso como pode ser observado a seguir:

Pras mulheres brasileiras
Ela é grande liderança
Deve ser muito lembrada
De adulto até criança
Pela sua honestidade
Por sua perseverança.
(*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 7)

Outra maneira de utilização da preposição ‘para’ no poema biográfico aparece a seguir:

Conto ainda mais um fato
Que ela protagonizou
E marcou a nossa história
Como líder de valor
Pois abriu mais uma porta
Pro futuro que chegou.
(*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 5)

Diante do registro do item linguístico ‘pro’ em “pro futuro que chegou” é observado alteração gradual que começa com a síncope e chega a uma fusão entre a preposição ‘para’ > ‘pra’ com o artigo ‘o’. Esse exemplo também serve como recurso sonoro de reestruturação silábica para manutenção da métrica, demonstrando os traços no plano da expressão que auxiliam na identificação da linguagem poética.

A alteração fonética que ocorre no contato entre as palavras, ou seja, a junção interverbal também pode ser exemplificada pelo item linguístico ‘duma’ apresentado no verso “a história dumã preta”, destacado da estrofe do poema *Tia Simoa*.

Eu saúdo quem me lê
Para aqui poder contar
A história dumã preta
Que preciso aqui lembrar
Na história do Brasil
Seu relato não se viu
Para enfim se memorar.
(*Tia Simoa*, ARRAES, sem data, p. 1)

No verso “a história dumã preta”, a palavra ‘dumã’, também pode ser considerada um exemplo de variação gramatical e ao mesmo tempo expressiva ocasionada pela fusão decorrente da reestruturação fonética explicitada entre as palavras ‘de’ e ‘uma’, em que ocorre a queda do fonema [e] da preposição ‘de’ diante do artigo indefinido ‘uma’. O verbete ‘dumã’ é encontrado

no Dicionário Aurélio, como: “contr. da prep. *de* e do num., art. e pron. *um*”, e suas formas de flexão são: *duma*, *duns*, *dumas*. Esse tipo de fusão entre preposição e artigo indefinido, constitui-se uma prática menos frequente, de acordo com Bechara (2009), contudo, no verso pode demonstrar um recurso estilístico.

Para finalizar as observações feitas a partir da variação quanto à alteração da preposição ‘para’ como arranjo métrico na estruturação das estrofes, é destacado o último verso da estrofe do poema *Antonieta de Barros* apresentada abaixo para ilustrar o uso da preposição em outro contexto de versificação.

É por isso que eu digo:
 Antonieta é exemplar
 E além de inspiradora
 Pode muito desbravar
 Foi abrindo os caminhos
 Pra gente também passar.
 (*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 6)

No verso “Pra gente também passar”, na sequência da preposição ‘pra’ é percebido o item vocabular ‘gente’ que, embora lexicalmente possa ser categorizado como um substantivo feminino, no contexto de uso apresentado acima esse item lexical compõe termo com a função de pronome indefinido (Lopes, 2011), de ampla utilização na língua portuguesa de variedade brasileira registrado como ‘a gente’, uma espécie de locução pronominal equivalente ao pronome ‘nós’.

Em função de uma acomodação fonética que vem sendo considerada aqui para explicar ajustes da segmentação métrica de expressão dos versos, no último verso da estrofe houve uma alteração que só pode ser compreendida se for considerada uma etapa no processo de alterações fonéticas ocorridas gradualmente para a estabilização da unidade sonora do verso.

Em relação à preposição para > pra, as alterações ocorridas já se encontram exaustivamente detalhadas pelos outros exemplos comentados, no entanto, cabe destacar do verso, ‘pra gente também passar’, o pronome indefinido ‘a gente’, inserido em um contexto de segmentação do verso e do qual pode ser inferida a crase entre o fonema [a] que antecede a palavra ‘gente’ e o fonema [a] final da preposição ‘para’ registrada ‘pra’.

Por essa sequência, embora muitas das segmentações da textura sonora dos versos permaneçam apenas como realizações acústicas para a manutenção métrica, é possível compreender como as alterações do plano fonético podem influenciar não apenas no plano da expressão de muitas palavras realizadas em modalidade de fala, como também puderam ser

observadas em contexto de produção poética, definindo e ajustando algumas segmentações fônicas, por vezes, alterações fonéticas registradas graficamente, fixando-se como exemplos de variações de alguns termos vocabulares da língua, demonstrados a partir da leitura dos poemas em cordel analisados.

3.2 Composições monotemáticas

De acordo com a versão eletrônica do dicionário Aurélio, o item lexical ‘biográfico’ tem sua significação relacionada ao verbete ‘biografia’, palavra classificada como um substantivo feminino que designa a “descrição ou história da vida de uma pessoa”. Já no *Dicionário de gêneros textuais*, de Sérgio Roberto Costa (2014), o termo ‘biografia’ está definido como uma “narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem (gênero literário ou não) em livro, filme, texto teatral etc. Quanto à forma, pode ser elaborada em ordem cronológica ou em forma narrativa”. (COSTA, 2014, p. 50). Para efeito conceitual, essas acepções fornecem a ideia básica e necessária do que possa ser considerado biografia, narrativa sobre a vida de uma pessoa.

A partir dessas definições básicas faz-se necessário depreender certa noção que encaminhe para aquilo que Bakhtin (2011) trata por diretriz semântica da personagem, em contexto de gênero literário, percepção resultada das significações das palavras e que permite uma postura valorativa proporcionada por parte de quem escreve uma narrativa biográfica, pela escolha e emprego dos termos lexicais que constituem o valor biográfico no texto. Esse é um componente importante para compreender a intenção discursiva mediada pela prática narrativa – uma forma de dizer – na composição dos poemas biográficos *Luisa Mahin*, *Tia Simoa* e *Antonieta de Barros*.

Embora a biografia ou autobiografia seja discutida em Bakhtin (2011) sob o viés da produção literária, o autor também parte da concepção de biografia como um ato de dizer sobre a trajetória de uma pessoa e, como resultado disso, suas colocações acerca da biografia levam à compreensão do que venha a constituir o valor biográfico depreendido por intermédio do processo narrativo organizado com a estruturação das palavras a fim de compor a história da vida de um alguém. Essa é, portanto, uma percepção de leitura constituída por intermédio dos

poemas biográficos enquanto narrativas sintetizadoras de algumas trajetórias de vida de mulheres negras que em algum momento fizeram parte da história brasileira.

Marcuschi (2008) afirma que definir o nome de um gênero textual não é uma tarefa muito fácil, às vezes isso acontece de modo intuitivo, e que os gêneros textuais não têm uma forma fixa pré-determinada. Segundo o linguista, isso fica mais evidente quando um gênero textual assume a função de outro gênero textual. Considerando esse posicionamento, no conjunto da composição, os aspectos de uso da linguagem estudados nos poemas sinalizam para dois eixos de análises: o que será apresentado como eixo narrativo-descritivo e eixo narrativo-discursivo.

Essa bipartição, no entanto, torna mais difícil empregar um termo para designar aquilo que nos gêneros literários têm a ver com a voz narrativa e é conhecido por narrador. Com isso, ao ser constatada intergenericidade como característica composicional dos poemas biográficos, percebe-se a funcionalidade de uso da linguagem. Desse modo, para sinalizar as pessoas gramaticais a partir de exemplos observados nos eixos estruturantes das composições, as referências serão feitas da seguinte forma: quanto ao eixo narrativo-descritivo, a voz que narra também será denominada narrador e quando for constatada a intenção discursiva, nesse caso, o tratamento será feito por emissor ou locutor, conforme Martins (2012), pois devido à proporção de itens linguísticos explicitados em primeira e segunda pessoa, pelo contexto, ao suscitarem sentido atribuído ao uso das funções da linguagem, essas formas gramaticais puderam denotar intenção discursiva.

Apesar de estarem sendo narradas como personalidade históricas, para efeito de estudo da narrativa e ilustração dos eixos estruturantes do texto poético em cordel, essas mulheres, narradas em terceira pessoa, serão referenciadas por personagens, pois a escolha desses três poemas biográficos em estudo tem por intuito ilustrar uma linha temporal que possa simbolizar a trajetória de escravização de povos africanos trazidos para terras brasileiras. No quadro abaixo estão listadas palavras, sintagmas e versos observados na composição de cada poema biográfico que, quanto às suas significações, são palavras utilizadas para simbolizar a progressão histórica depreendida como símbolo na apresentação de referencialidade positiva quanto à cultura afro-brasileira em contextos educacionais visando a formação de estudantes no Ensino Fundamental.

Luisa Mahin	Tia Simoa	Antonieta de Barros
no século 19, Luísa Mahin nasceu, com origem africana, vinda da Costa da Mina, princesa, escrava, alforriada, quituteira, morou em Salvador, rebeliões, escravos da Bahia, revolta dos Malês, origem dos nagôs, revolta Sabinada, mãe de Luís Gama, poeta e abolicionista, sobre ela registrou	preta, seu relato não se viu, José Luiz Napoleão, com quem era casada, greve deflagrada, incitou os jangadeiros, em três dias de janeiro, pela gente escravizada, na história cearense, famosa revolta, jangadeiros conscientes, se recusaram, mais escravos transportar, ajudaram a transformar, fim da escravidão	história inspiradora, preta forte, batalhadora, nordestadora, catarinense, origem pobre, vida permeada, escola normalista, dedicar, aperfeiçoar, estudar, desbravar, alfabetizar, prosperar, lecionar, assunto cultural, trabalhou, protagonizou, pioneira, educadora, jornalista, deputada, ensinadora, exemplar, inspiradora

O intuito é propor uma leitura dos poemas, resultante de uma referencialidade que possa ser vista como parâmetro para estudantes em formação escolar. Sobre *Luisa Mahin*, a trajetória reconfigurada simbolizaria a partida do continente africano, sobre *Tia Simoa*, a conquista da liberdade do povo escravizado em uma das províncias do nordeste brasileiro e sobre *Antonieta de Barros*, a possibilidade de formação socioeducacional. Tudo isso para promover um meio de estudo da linguagem que dê sentido a uma diretriz semântica dessas biografias e instaure consciência sobre o protagonismo ou participação dessas mulheres na construção de sua própria historicidade. Quanto à formação, a expressividade disso pode ser a construção simbólica da referencialidade positiva como exemplo de uma trajetória atuante e de expressão da cultura sócio-histórica sobre figuras femininas e negras. Assim, isso poderia ser comparado ao que Bakhtin chama de estética da vida:

Entendo por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida. Vamos examinar a forma da biografia apenas naqueles sentidos em que ela pode servir para a auto-objetivação, isto é, ser autobiografia, ou seja, do ponto de vista de uma eventual coincidência entre a personagem e o autor nela, ou melhor (porque coincidência entre personagens e autor é *contradictio in adjecto*, o autor é elemento do todo artístico e como tal não pode coincidir dentro desse todo com a personagem, outro elemento seu. A coincidência pessoal “na vida” da pessoa de quem se fala com a pessoa que fala não elimina a diferença entre esses elementos no interior do todo artístico. Pode-se perguntar como eu represento a mim mesmo diferentemente da pergunta: quem sou?), do ponto de vista do caráter particular do autor em sua relação com a personagem (BAKHTIN, 2011, p. 139).

A partir desse fragmento fica evidente a importância do léxico nas composições biográficas para a descrição da trajetória da vida de alguém, inclusive para a construção da referencialidade positiva pretendida para as séries da segunda etapa do Ensino Fundamental. A noção referencial para cada um dos poemas começa com os próprios títulos, nomes substantivos próprios. Tendo-os como título nos poemas, a percepção alcançada com uma pré-leitura deve ser a de que no texto elaborado em versos, cada um dos nomes refere-se a alguém cujo nome é o próprio título do poema, pois em algum nível de habilidade leitora isso há de ter chance de

ser percebido, mesmo por um leitor que não tenha muito conhecimento para perceber a finalidade da produção textual como sendo um texto biográfico. Talvez esse possa ser um exemplo clássico de intuição discursiva e que todo o falante alfabetizado e com algum grau de letramento em um sistema linguístico seja capaz de perceber: associar o título ao texto ou, ao final da leitura, avaliar se houve coerência entre o título e o texto.

Embora esteja bem delimitado para esse estudo o que Bakhtin declara como sendo os valores artísticos biográficos, um ponto a ser ressaltado aqui é que normalmente há certa expectativa por parte de um agente leitor mais experiente quanto às propriedades semânticas que constituem a significação de um determinado texto em produção biográfica. Essa expectativa pode ser relacionada àquela competência metagenérica mencionada por Koch e Elias (2018). Em se tratando dessa competência leitora, além dos elementos linguísticos que constituem e marcam a estruturação, principalmente quanto ao eixo narrativo-descritivo em um texto biográfico, a expectativa leitora normalmente é de que seja um gênero textual elaborado em prosa, e esse não é o caso dos textos biográficos cordelísticos.

É justamente a forma de versar a narrativa biográfica que vem sendo analisada como sendo um componente de valor artístico nos textos biográficos em cordel. Portanto, o modo híbrido com que as composições são apresentadas para demonstrar o estilo de elaboração poética resultante da estruturação ritmada para compor a narração de trajetórias expressas em versos e estrofes. Essa característica híbrida pode ser verificada quando, ao ler produções literárias em cordel, percebe-se que esse é um tipo de produção poética em que tradicionalmente aparecem diversos conteúdos temáticos, sendo a biografia uma das mais recorrentes seja para expressar personalidades lendárias ou mesmo a trajetória de personalidades históricas.

Nesse aspecto, a área de estudo da linguagem auxilia para o entendimento sobre questões composicionais referentes às especificidades estruturais, demonstrando linguisticamente como as narrativas biográficas se estabilizam explicitando funções da linguagem que, convencionadas, proporcionam a percepção para o modo de dizer a biografia. Para o caso da reconfiguração apresentada a partir da trajetória das três personagens narradas, evidencia-se que a busca pelo entendimento do fazer biográfico tratado por Bakhtin pode ser um mecanismo para a compreensão do conteúdo temático da unidade textual.

Entre todos os valores artísticos, o biográfico é o menos transgrediente à autoconsciência; por isso na biografia o autor está mais próximo do herói desta, os dois como que podem trocar de lugar, e por esta razão é possível a coincidência pessoal entre personagem e autor além dos limites do todo artístico. O valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento

da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha vida.

[...] Os valores biográficos são valores comuns na vida e na arte, isto é, podem determinar os atos práticos como objetivos das duas; são as formas e os valores da *estética da vida* (BAKHTIN, 2011, p. 139-140).

Com isso, reitera-se que apesar de Bakhtin reconhecer que o autor de uma obra de arte nunca coincide com a(s) personagem(ens) dessa obra, ele também parece deixar subentendido que há uma linha tênue entre o autor e aquilo que ele propõe como valores biográficos. Se esses valores biográficos forem equivalentes aos valores semânticos para a composição da biografia e essa chamada de estética da vida, serão os mesmos que trarão a noção sobre a vida das personalidades narradas e possibilitarão meios de verificação da função referencial da linguagem. Nisso, apesar do sobretítulo nas capas dos livretos em que as personagens narradas são tidas como heroínas negras, o estilo da autora Jarid Arraes sinaliza para o que Bakhtin propõe como valor biográfico do tipo social-de-costumes (não aventureSCO), uma espécie de contraponto ao modo heroico do fazer biográfico.

O estilo de Jarid Arraes, no modo de expressar a trajetória das personalidades nas biografias, também expõe um posicionamento crítico da autora. Junta-se a isso a intenção explícita para interagir com seu leitor. Nesse caso, cabe ao próprio agente da leitura perceber essa intencionalidade que, discursivamente, marca o lugar do narrador/locutor, o lugar da personagem e o lugar do leitor/interlocutor. Fatores associados à funcionalidade da linguagem por um viés discursivo pelo qual, a depender do assunto, o interlocutor pode discursivamente compreender ou não a finalidade proposta pela autora em trazer o relato narrativo biográfico em versos para a composição do gênero cordel.

Essa equiparação entre o modo do fazer biográfico da autora e os valores artísticos que compõem a estética da vida pela perspectiva de Bakhtin se faz necessária devido à coincidência que pode suscitar o uso do termo *narrativa* quanto às suas próprias finalidades associadas aos usos da linguagem verbal em modalidade escrita, pois esse termo normalmente pode ser empregado tanto como sinônimo de produção literária quanto para se referir ao modo de organização dos elementos linguísticos na estruturação textual ou, ainda, pode denotar a própria intenção de relatar fatos ocorridos. Essas noções, em tese, podem ser discutidas a partir da definição dada pelo *Dicionário de linguística* ao termo ‘narrativa’, conforme fragmento abaixo:

chama-se *narrativa* ao discurso que se refere a uma temporalidade passada (ou imaginada como tal) com relação ao momento da enunciação. A oposição entre *discurso* (enunciação direta) e *narrativa* (enunciado relato) manifesta-se, no

português, por diferenças no emprego dos tempos (pretérito perfeito simples no discurso, pretérito mais-que-perfeito na narrativa) (DUBOIS *et al.*, 2006, p. 427).

O importante a ser ressaltado em função dessa citação neste estudo é que servirá para examinar o estilo de elaboração dos poemas biográficos. O uso do termo *narrativa* pode levantar alguma confusão conceitual para este estudo, tendo em vista principalmente a comparação desse termo *narrativa* à produção textual como produto acabado comparado a produções estéticas na literatura de ficção, à narrativa de acontecimentos com propósito de relato discursivo e à característica de organização composicional discursiva no próprio texto, pois seja em textos de modalidade oral ou escrita, seja em textos literários ou não literários, em quaisquer desses contextos os itens linguísticos da composição textual como verbos, advérbios, por exemplos, tornados fatos da língua podem expressar ato de narrar e com intenção discursiva.

Diante dessas possibilidades, considerando o estilo empregado para a estruturação composicional híbrida dos poemas, a significação desse termo foi explicitada em dois eixos, o narrativo-descritivo e o narrativo-discursivo para a compreensão da noção sobre a intergenericidade percebidas nas composições poéticas e inferida como sendo atrelada à escolha volitiva do sujeito do discurso, pois, nos poemas biográficos analisados, o tempo pretérito foi identificado como a forma verbal predominante para fornecer noção de temporalidade ao leitor e perante contexto de enunciação resultante da leitura. Por essa perspectiva, a organização dos elementos lexicais pôde ser compreendida como uma progressão de acontecimentos relacionados e resultantes da historicidade das personagens, por isso associada tanto ao eixo narrativo-descritivo quanto ao eixo narrativo-discursivo.

Tendo em vista a grande quantidade de itens linguísticos que denotam o que tem sido compreendido como subjetividade, que, em contexto de produção literária, define o foco narrativo em primeira pessoa, os itens linguísticos que possibilitaram a identificação de pessoas gramaticais, 1ª e 2ª pessoas (esta última referenciada por pronomes de tratamento¹⁰ / indefinido), são tratados como indicações de intenção discursiva da autora. O eixo narrativo-discursivo foi apresentado para demonstrar a volição interacional discursiva percebida na leitura. A ilustração disso está explicitada abaixo pelas estrofes do poema *Antonieta de Barros*, com as quais são propostas indicações para sinalizar funcionalidade para os eixos narrativo-descritivo

¹⁰ De acordo com Bechara (2009, p. 165), há “formas substantivas de tratamento indireto de 2ª pessoa que levam o verbo para a 3ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*”, referindo-se ao item linguístico ‘você’, termo gramatical ao qual a função conativa vem sendo associada para o desenvolvimento deste estudo.

(totalizando referência explícita à personagem – FUNÇÃO REFERENCIAL) e narrativo-discursivo (predominância da interação emissor/leitor – INTERAÇÃO E/L):

<p>Conto aqui neste cordel Uma história inspiradora De uma preta muito forte Que foi tão batalhadora E com sua inteligência Se mostrou norteadora.</p> <p>(REFERENCIAL/INTERACIONAL)</p>	<p>Para que a população Pudesse alfabetizar Foi que Antonieta fez Esse curso prosperar Cheia de dedicação Colocou-se a lecionar.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Já na década de 30 Se juntou ao movimento Por Progresso Feminino Exigido no momento Era o FBPF Que obteve envolvimento.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>As palavras que usou Espalhou pela nação E com tudo semeou A melhor revolução Pelo espaço feminino Pela sua Negra Ação.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>
<p>Era uma catarinense De Antonieta nomeada Sendo de origem pobre Teve a vida permeada Por muita dificuldade E por luta semeada.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Tinha muito envolvimento Com o assunto cultural E ainda em vinte e dois Ela fundou um jornal Que chamou de A semana Escrevendo para o tal.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Conto ainda mais um fato Que ela protagonizou E marcou a nossa história Como líder de valor Pois abriu mais uma porta Pro futuro que chegou.</p> <p>(REFERENCIAL / INTERACIONAL)</p>	<p>É por isso que eu digo: Antonieta é exemplar E além de inspiradora Pode muito desbravar Foi abrindo os caminhos Pra gente também passar.</p> <p>(REFERENCIAL / INTERACIONAL)</p>
<p>Ela ainda era criança Quando órfã se tornou O seu pai que faleceu E na vida lhe deixou Com a mãe que a criava E que muito lhe inspirou.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>De política falava Com bastante habilidade Também sobre educação E sobre a desigualdade Na denúncia do machismo E ao racismo no combate.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Deputada federal Antonieta se tornou A primeira do estado Como assim se registrou E foi a primeira negra Que o país efetivou.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Pras mulheres brasileiras Ela é grande liderança Deve ser muito lembrada De adulto até criança Pela sua honestidade Por sua perseverança.</p> <p>(REFERENCIAL / INTERACIONAL)</p>
<p>Tinha dezessete anos Quando conseguiu entrar Na escola normalista Para mais se dedicar Aos estudos que gostava Querendo aperfeiçoar.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Ela também dirigiu Uma revista semanal Intitulada Vila Ilhoa Como mais novo canal Trabalhou diariamente E rompeu com o banal.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Com essa grande conquista Chegou a se transformar Na primeira mulher negra Com um mandato popular Pelo Partido Liberal Pela educação lutar.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Nas escolas não ouvimos Essa história impressionante Mas eu uso o meu cordel Que também é importante Para que você conheça E não fique ignorante.</p> <p>(REFERENCIAL / INTERACIONAL)</p>
<p>No entanto, é preciso Uma coisa mencionar Inda era os anos vinte Quando ela foi estudar Veja só que grande feito Ela estava a desbravar!</p> <p>(REFERENCIAL / INTERACIONAL)</p>	<p>Já alguns anos depois Quis um livro publicar E usou um outro nome Para enfim concretizar Como Maria da Ilha Escreveu seu exemplar.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Então veio a ditadura De Estado Novo conhecida E depois de sua queda Ela fez-se embravecida Conquistando muito mais Grandemente merecida.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Que você também espalhe Isso que acabou de ler Para que muitas pessoas Tenham a chance de saber Quem foi essa Antonieta Como foi o seu viver.</p> <p>(REFERENCIAL / INTERACIONAL)</p>
<p>Pois não era só mulher O que era já difícil Era negra num passado De racismo, de suplício Bem pior que atualmente E sem sucesso propício.</p> <p>(REFERENCIAL / INTERACIONAL)</p>	<p>Foi também profissional De grande orientação Professora e diretora Com convicta intenção Foram várias as escolas Onde pôs a sua mão.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Antonieta foi incrível Na política um destaque Foi a pura pioneira Sempre pronta pro combate A primeira mulher negra Para vários dos debates.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Esse é o nosso papel Considero obrigação Pra acabar o preconceito Pra espalhar informação Destruindo esse racismo E gerando inspiração.</p> <p>(REFERENCIAL / INTERACIONAL)</p>
<p>No ano de vinte e dois Antonieta então fundou Um Curso Particular Onde ela ensinou Por toda a sua vida Como muito acreditou.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Pelo seu grande caráter Era muito admirada Pelos seus jovens alunos Ela era celebrada Porque era obstinada Coerente e respeitada.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Por inteira a sua vida Viveu como educadora Jornalista ou deputada Se manteve ensinadora Com lições educativas E também libertadoras.</p> <p>(REFERENCIAL)</p>	<p>Eu e todas as mulheres Nesse verso agradecemos E esperamos que em frente Sempre juntas caminhemos E lembrando Antonieta Certo que nós venceremos.</p> <p>(REFERENCIAL / INTERACIONAL)</p>

Fonte: ARRAES, Jarid (Obs.: Não há indicação de ano de publicação no folheto da autora)

Em turmas do Ensino Fundamental em que estudantes desconheçam as variações quanto ao emprego do termo *narrativa* ou para aquelas situações em que já tenham assimilado o emprego desse termo para significação de outro tipo de composição com característica estética literária, primeiramente, é importante mencionar que um contexto não anula o outro. Mesmo outros gêneros de produção podem apresentar estruturação composicional em que os itens lexicais são utilizados como propriedades linguisticamente estruturadas para compor a narração de acontecimentos. Assim mesmo, numa etapa de inserção sobre o trabalho com a linguagem em aulas sobre os modos de organização discursiva é importante fazer essa comparação e destacar que, a depender do contexto de produção, ora aquilo que se trata por *narrativa* (conto, novela, romance, ficção, dentre outros) está para a produção em si como expressão literária intencionalmente produzida para fins estéticos ora a significação constitui plano narrativo da linguagem na composição (uma parte do todo) para denotar fatos ou acontecimentos narrados a fim de compor o modo de dizer em relação ao texto produzido como relatos biográficos, por exemplo, pois, considerando resultados sobre avaliação no domínio da leitura, nessa fase escolar, é possível que a grande maioria de estudantes ainda não consiga diferenciar tampouco reconhecer os modos de organização do discurso ou mesmo os gêneros textuais que permeiam a esfera literária e a não literária.

Junto aos itens linguísticos denotativos do ato de narrar, expressos normalmente por verbos no tempo simples do pretérito perfeito, auxilia na estruturação do plano de enunciação para o eixo descritivo, compondo significação para a valoração do conteúdo temático nos poemas, os substantivos, os adjetivos, os pronomes, os artigos e os advérbios.

Alguns desses aspectos, para efeito de compreensão da significação da unidade global do texto, são detalhados ao longo deste estudo, tanto para a compreensão do estilo composicional da autora, como para indicação de etapas em que os itens linguísticos empregados como recursos estilísticos servem como mecanismo para o aprimoramento da habilidade leitora, constituindo etapa para atividades de mediação conforme perspectiva de Vigotsky quanto ao aprendizado sistematizado para a formação e desenvolvimento da criança em idade escolar.

3.3 Composição do conteúdo temático com base nos fatos linguísticos

Traçar a linha de raciocínio sobre o que possa ser a *práxis* da linguagem verbal muitas vezes desencadeia o entendimento sobre a real aplicação do processo composicional tornado texto e por intermédio do qual muitos fenômenos linguísticos tendem a ser evidenciados. Em outras palavras, a unidade textual reflete o processo de sua elaboração por meio de propriedades da linguagem verbal que vão dando o tom de sua significação geral.

Inicialmente é preciso levar em conta o lugar do leitor, um agente que precisa estar atento ao encadeamento das propriedades da linguagem como mecanismos linguísticos de organização para a composição temática de uma produção textual, o que, ao final, torna-se critério para evidenciar ou não a intenção do autor. Foi esse aspecto o fio condutor do estudo da característica híbrida verificada como unidade de composição e significação temática dos três poemas biográficos em cordel *Antonieta de Barros*, *Luisa Mahin* e *Tia Simoa*.

Como estratégia de leitura, esse tipo de composição demonstra uma relação de construção de sentido entre o título e o conteúdo temático que compõe a narrativa desenvolvida e expressada pelos versos da produção poética em cordel. Os itens linguísticos vão sendo organizados e dando unidade de sentido ao texto durante o processo de leitura. É importante situar os eixos que foram tratados aqui para identificar a característica monotemática dos textos, relacionando-os às categorias já conceituadas como tipos textuais, conforme Marcuschi:

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou expositivo ou descritivo ou injuntivo (MARCUSCHI, 2008, p.154-155).

Para efeito de detalhamento do conteúdo biográfico, foi possível perceber, por intermédio da leitura dos poemas, a predominância de dois eixos para constatação da característica composicional híbrida. A opção em considerar concomitantemente os dois eixos, narrativo-descritivo e narrativo-discursivo, ocorre porque o plano de organização do texto conhecido como narração está relacionado ao plano de descrição apresentado no texto, isto é, a narração está em relação de proporcionalidade com o modo de organização da descrição. Já o eixo narrativo-discursivo foi demonstrado devido aos fatos de linguagem que denotam a percepção de interação discursiva entre emissor/leitor presentes na composição.

O modo de organização textual do tipo narração para exposição dos acontecimentos, estado de ser, denotando a sucessão de acontecimentos discursivamente organizados não ocorre apenas em produção com finalidade estética, “mas também se realiza em situações funcionais e contextos comunicacionais como os gêneros textuais de narrativa de imprensa: notícia, reportagem..., historiografia, relatórios diversos, anedotas etc.” (COSTA, 2014, p. 174). Não estando restrita às produções romanescas, a narração também foi fator para a composição e para a atribuição de sentido sobre os relatos constituídos textos biográficos.

Partindo do ponto de vista do leitor, a significação geral mostrou que os textos poéticos em cordel serviram à função comunicativa da linguagem, pois expuseram a diretriz semântica para composição biográfica da personagem expressando a história de vida das personalidades.

Para começar a tratar das características que compõem a sequência tipológica a partir de uma perspectiva narrativa, faz-se necessário destacar, no primeiro verso da primeira estrofe do poema *Antonieta de Barros*, o verbo ‘contar’ flexionado ‘conto’. Esse verbo, no contexto de produção do cordel, expressa uma noção para significação que poderia torná-lo duplamente funcional. Esse item verbal pode apresentar a intenção discursiva vinculada à narrativa, principalmente quando se considera a presença de um leitor. Por outro lado, também indica significação para a dimensão narrativa da linguagem.

Essa dupla funcionalidade foi inferida a partir de definições sobre a identificação do foco narrativo tratado em outros tipos de produções literárias. No contexto do primeiro verso da estrofe abaixo, pela própria tradição da produção em cordel, o verbo também pode ser compreendido como uma ação de contar, relatar, narrar a história sobre a vida da personagem título do poema.

Conto aqui neste cordel
 Uma história inspiradora
 De uma preta muito forte
 Que foi tão batalhadora
 E com sua inteligência
 Se mostrou norteadora.
 (*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 1)

A estrofe apresenta-se cumprindo função metalinguística e, ao mesmo tempo, o primeiro verso parece expressar traço de função emotiva indicada subjetivamente pela forma verbal ‘contar’ flexionada em primeira pessoa do singular no presente do indicativo. Apesar do pronome pessoal ‘eu’ encontrar-se elíptico, é possível identificar a pessoa gramatical pela desinência modo temporal do verbo em ‘conto’. Há, ainda nessa estrofe, outros itens, como o

advérbio ‘aqui’ e o pronome demonstrativo ‘seu’ que, cumprindo função referencial dêitica, reforçam a ideia apresentada pela noção da significação do verbo ‘contar’, conjugado na primeira pessoa do presente do indicativo, referindo-se ao próprio ato de narrar, significação relacionada ao item lexical ‘cordel’. O uso do advérbio ‘aqui’ atribui função metalinguística à estrofe. Entendido como palavra gramatical, o advérbio tem função de “relacionar o enunciado com a situação de enunciação, indicando os participantes da comunicação, o espaço e o tempo em que ela se dá” (MARTINS, 2012, p. 99). Desse modo, seu emprego no contexto de produção parece fazer autorreferência ao próprio ato de narrar.

A personalidade referenciada em terceira pessoa, para estudo e descrição da composição com característica poética é tornada personagem. Nesse caso, a ação de contar sobre a vida de alguém para alguém vai sendo compreendida pelas referências feitas à personalidade título do poema, à figura do narrador e à figura do leitor na maioria das vezes referenciado por pronome de tratamento ou pronome indefinido. O resultado disso, no contexto da produção textual, parece compor fator para a função conativa da linguagem. Os dois primeiros versos destacados da estrofe do poema *Tia Simoa* sintetizam bem isso.

Eu saúdo quem me lê
Para aqui poder contar
A história duma preta
Que preciso aqui lembrar
Na história do Brasil
Seu relato não se viu
Para enfim se memorar.
(*Tia Simoa*, ARRAES, sem data, p. 1)

Desse modo, apresenta-se um padrão enunciativo presente nas composições desses textos biográficos, ilustrando o fato linguístico para o eixo narrativo-discursivo. Por comparação, a mesma noção significativa de dizer, contar algo está expressa pela noção do verbo ‘mencionar’ no primeiro verso da estrofe do poema *Luisa Mahin*, apresentado abaixo:

Importante mencionar
Que foi mãe de Luís Gama
Poeta e abolicionista
De imensurável chama
E por ele foi citada
Respeitando sua fama.
(*Luisa Mahin*, ARRAES, sem data, p. 4)

Esses exemplos ilustraram que, além dos verbos no pretérito, verbos no presente do indicativo ou mesmo o verbo em sua forma nominal de infinitivo serviram ao propósito de elaboração da narrativa e à compreensão do eixo narrativo-discursivo. Isso demonstra que “verbos, advérbios e conjunções (tempo, lugar...); verbos no presente ou pretérito perfeito do indicativo” servem para “relatar fatos, acontecimentos, ações, numa sequência temporal” (SANTOS, 2012, p. 36). Reforça-se, com isso, a importância de atribuir essas funções ao próprio contexto de produção textual. Exemplo disso é o emprego da forma nominal do verbo ‘viver’, destacado no último verso da estrofe a seguir.

Que você também espalhe
 Isso que acabou de ler
 Para que muitas pessoas
 Tenham a chance de saber
 Quem foi essa Antonieta
 Como foi o seu viver.
 (Antonieta de Barros, ARRAES, sem data, p. 7)

Embora a palavra ‘viver’, pela sua terminação em -ER, apareça no dicionário sendo classificada como verbo, no contexto em que está sendo analisada, sua significação converge com a função de substantivo, referindo-se desse modo ao percurso de vida da personagem narrada no poema biográfico. Essa significação pode ser inferida devido ao emprego de dois itens gramaticais que cumprem a função de determinantes ‘o’ e ‘seu’, respectivamente classificados artigo e pronome, responsáveis, nesse caso, pela substantivação do verbo ‘viver’. Pode-se chegar a essa conclusão pelo contexto de significação da própria estrofe, especificamente pelos dois últimos versos: “quem foi essa Antonieta” e “como foi o seu viver”. Portanto, o modo de sequenciação desse tipo de abordagem pode ser melhor compreendido em contexto de aula que associe a abordagem de assuntos sobre itens gramaticais à composição textual, ao tipo ou modo de organização discursiva a partir da leitura de textos.

Ainda tendo como referência a proposta de Santos *et al.* (2012), além dos verbos e dos adjetivos, os substantivos também constituem marcas linguísticas que podem ser atribuídas ao eixo da descrição empregados para “identificar, localizar e qualificar seres, objetos, lugares, apresentando características físicas ou ‘psicológicas’” (SANTOS *et al.*, 2012, p. 36). Para ilustrar melhor o plano de estruturação textual em que a tipologia descritiva cumpre função significativa na caracterização da personagem, podem ser observados nas estrofes do poema biográfico *Luisa Mahin*, termos que auxiliam na identificação da personagem, como alguns substantivos: ‘origem’, ‘história’, ‘gana’, ‘princesa’, ‘escrava’, ‘proeza’, além da referenciação

ao lugar de origem de Luisa Mahin, ‘Costa da Mina’. Há também o item lexical ‘africana’ que está funcionando como adjetivo no verso “com origem africana”.

No século 19
Luísa Mahin nasceu
Com origem africana
Sua história aconteceu
E com incessante gana
Seu nome prevaleceu.

Vinda da Costa da Mina
Afirmava ser princesa
Mas vendida como escrava
Teve na luta a certeza
Depois de alforriada
Demonstrou sua proeza.
(Luisa Mahin, ARRAES, sem data, p. 1)

Esse vocábulo em função de adjetivo, além de estar se referindo à personagem *Luisa Mahin*, também apresenta informação sobre a origem da biografada. O leitor pode inferir, a partir da semântica da palavra ‘africana’ *Luisa Mahin*, como uma pessoa proveniente da África, mais especificamente da Costa da Mina, conforme explicitado no primeiro verso da segunda estrofe acima, “Vinda da Costa da Mina”. Esses nomes, um em função de adjetivo e o outro apresentado como substantivo vão participando das referencialidades descritivas da personagem, informando sua origem para a formação da identidade de Luisa Mahin. Em contexto de produção literária, Garcia (1971) atribui ao modo de descrição a seguinte definição:

representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem) através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem. Isto não significa que descrever consiste em enumerar o maior número possível dos detalhes que compõem o objeto. É preciso apenas assinalar os traços mais singulares, os mais salientes, dispondo-os de tal forma que do conjunto ressalte uma impressão dominante e singularizante (GARCIA, 1971, p. 215).

Para a representação verbal, em que as palavras vão compondo a personalidade histórica pela escrita, a descrição da personagem denota a função de linguagem referencial, pois possibilita destacar aspectos que trazem noções sobre quem foi a personalidade título narrada. Servirão de exemplos para a compreensão dessa tipologia descritiva algumas palavras do poema *Luisa Mahin*, destacadas abaixo como exemplos de itens linguísticos com os quais é possível alcançar certa percepção quanto ao plano da descrição para composição do eixo narrativo-descriptivo articulado a compreensão da significação geral do texto como uma narrativa biográfica em cordel.

Luísa Mahin / africana / princesa / escrava / alforriada / quituteira /
 degredada / forte / referência / mãe / sofrida / altiva / generosa /
 laboriosa / guerreira / rebelde / mulher / memorada

sua / seu / ela / uma / muito / sempre / tão

Há duas questões que precisam ser consideradas a partir desse grupo de palavras. Primeiramente, foram destacadas apenas para ilustrar como seus respectivos aspectos expressivos combinados às suas características morfológicas e semânticas constituem função para a linguagem verbal, pois mesmo sendo ilustrado por palavras destacadas do texto, a premissa para alcançar a significação geral durante a leitura é a de que cada um desses itens linguísticos participe do estabelecimento da significação da unidade textual. A segunda questão é quanto à identificação de dois grupos de palavras nesse quadro, pois, partindo do ponto de vista da estilística, conforme já mencionado, no léxico da língua há palavras identificadas como palavras gramaticais e aquelas identificadas como palavras lexicais, segundo Martins (2012).

Entre as palavras tidas como gramaticais aparecem alguns vocábulos que cumprem função adverbial: as palavras ‘muito’, no verso “muito altiva e generosa”, ‘sempre’ e ‘tão’, no verso “sempre tão laboriosa” que compõem a estrofe apresentada a seguir e intensificam a significação dos nomes ‘altiva’, ‘generosa’ e ‘laboriosa’ na organização e composição da descrição da personalidade título, conferindo valor ao eixo narrativo-descritivo para a caracterização da personagem.

Era uma mulher sofrida
 Muito altiva e generosa
 Também boa quitandeira
 Sempre tão laboriosa
 Das origens convencida
 Era delas orgulhosa
 (Luísa Mahin, ARRAES, sem data, p. 5)

Por outro lado, quanto aos vocábulos tidos como palavras lexicais, são essas palavras que constituem o elemento chave para o tema deste trabalho enquanto um estudo proposto para pensar atividades que sirvam ao aperfeiçoamento da habilidade de leitura e compreensão textual, pois as palavras tidas como lexicais, pela perspectiva da Estilística, partem da noção de significação estável de seus termos, sem a qual o processo de comunicação a depender da intenção torna-se, por vezes, incompreensível ou no mínimo comprometido em sua eficácia comunicativa.

É com base nesse conceito de palavras lexicais que os vocábulos inseridos no quadro apresentado acima estão sendo estudadas. Substantivos e adjetivos, que junto aos termos verbais expressam significação básica para compreensão do plano denotativo de significação da linguagem compartilhada socialmente para aquelas interações sociocomunicativas que precisam ser feitas sem comprometer a compreensão da informação. Escolha quanto ao modo de estruturação para a expressão da linguagem comunicativa que leve em conta questões sobre adequação e o propósito de uso da linguagem, mas sobretudo o nível de proficiência leitora do leitor. É nesse sentido, portanto, que o processo de leitura e compreensão do contexto de produção em questão vem sendo tratado, considerando que:

as palavras lexicais, também chamadas lexicográficas, nocionais, reais, plenas, mesmo isoladas, fora da frase, despertam em nossa mente uma representação, seja de seres, seja de ações, seja de qualidade de seres ou modo de ações. Diz-se que elas têm significação extralinguística ou externa, visto que remetem a algo que está fora da língua e que faz parte do mundo físico, psíquico ou social (MARTINS, 2012, p. 104).

Outro exemplo de palavra lexical pode ser ilustrado pelo item linguístico ‘forte’, adjetivo que acompanha o substantivo ‘referência’ no penúltimo verso da estrofe a seguir:

Há autores que afirmam
Que Mahin desenvolveu
Dança tambor de crioula
E então permaneceu
Como forte referência
Ao redor do povo seu.
(*Luisa Mahin*, ARRAES, sem data, p. 4)

De acordo com os gramáticos, a partir do plano semântico o adjetivo é um termo essencialmente modificador do substantivo e serve para:

1º) para caracterizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes: uma qualidade (ou defeito); o modo de ser; aspecto ou aparência; o estado.
2º) para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 238).

O item lexical ‘forte’, que está acompanhando o substantivo ‘referência’, é classificado pela gramática como adjetivo primitivo cumprindo a função sintática de adjunto adnominal. Como item modificador, existe uma relação direta entre o adjetivo e o substantivo, pois “formam ambos um conjunto significativo, marcado pela unidade de acento e entoação e pela identidade de função sintática” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 255). O adjetivo pode aparecer

anteposto ou posposto ao substantivo. Sob a perspectiva da Estilística, essa possibilidade de variação constitui fato estilístico:

Um fato importante de estilo, sobretudo em português, é a posição do adjetivo qualificativo [...]. Podemos, pois, desde já enunciar esta regra de estilo português: quando o adjetivo está logo depois do substantivo, tende a conservar o valor próprio, objetivo, intelectual; quando está antes, tende a embrandecer-se, adquirindo matização afetiva (LAPA, 1982, p. 104 -105).

Se, na perspectiva da Estilística, as palavras lexicais são aquelas que apresentam valor nocional e despertam significação básica em nossa mente, no verso “era uma mulher sofrida”, a palavra ‘sofrida’ parece ter uma relação de significação com o verbo ‘sofrer’, trazendo a noção da forma verbal em particípio, “o particípio é a forma nominal que participa ao mesmo tempo da natureza do verbo e do adjetivo” (INFANTE, 1996, p. 214).

Era uma mulher sofrida
 Muito ativa e generosa
 Também boa quitandeira
 Sempre tão laboriosa
 Das origens convencida
 Era delas orgulhosa
 (Luisa Mahin, ARRAES, sem data, p. 5)

Ao compartilhar das mesmas propriedades flexionais do substantivo e de outros adjetivos, variando em gênero e número, essa forma nominal também parece comparar-se aos chamados particípios variáveis, conforme tratado em Azeredo (2018). É da leitura decorrente do conjunto de todas as estrofes do poema biográfico, em que a história de Luisa Mahin é narrada, que a noção do termo pode ser melhor compreendida. Com isso, diferentemente da relação entre o adjetivo ‘forte’ e o substantivo ‘referência’, a relação entre o termo lexical ‘sofrida’ e o substantivo ‘mulher’ não parece partir apenas de uma simples atribuição de qualidade ou caracterizadora do ser típica dos adjetivos. Considerando a totalidade do texto como (mini)biografia da personalidade narrada, é possível perceber a importância do trabalho do estudo linguístico feito a partir do texto, pois a noção atribuída pela forma nominal do verbo, suscita, inclusive, a possibilidade de estudo daquilo que a gramática trata por aspecto observado como atributo do processo verbal. Essa conjectura poderia ser vista a partir do que Azeredo (2010) trata por categoria do aspecto verbal.

Outra categoria de palavras lexicais que compõe o plano descritivo da composição em cordel diz respeito aos substantivos, que em sua maioria auxiliam na referenciação das personalidades títulos dos poemas para a composição e manutenção do conteúdo temático.

Embora a função coesiva em um texto não possa ser atribuída apenas às palavras lexicais que funcionem como substantivos, alguns desses termos podem ser demonstrativos para a sequenciação enunciativa da narrativa biográfica, proporcionando a leitura sobre a trajetória da personagem, além de facilitar a compreensão do eixo narrativo-descritivo. Exemplos de substantivos com essa finalidade podem ser: o próprio título, identificando o nome próprio Luisa Mahin, assim como a sequência de palavras lexicais, princesa, escrava, mãe, mulher, palavras nocionais que vão proporcionando o entendimento sobre quem foi Luisa Mahin.

Para a composição do texto, as palavras do léxico da língua, classificadas como palavras gramaticais e palavras lexicais, pela perspectiva da estilística, foram consideradas elementos linguísticos estruturadores dos modos de organização composicional com o intuito de detalhar o que foi considerado eixo narrativo-descritivo, demonstrando a função referencial da linguagem na composição do gênero textual biográfico.

4 FUNÇÃO DOS POEMAS ANALISADOS

Os níveis fonético-fonológico (fônico¹¹), morfológico, semântico e sintático constituídos níveis do sistema linguísticos estão sendo voltados para a compreensão do que Jakobson (1974) dispôs sobre as funções da linguagem, e destacados para a análise dos poemas biográficos em cordel. Portanto, sendo o cordel uma expressão cultural, realizada pela linguagem como sistema de signos linguísticos, é difícil desvincular de sua análise o aspecto cultural que emerge do contexto social de sua produção. A essa característica sociocultural associa-se a língua enquanto código da escrita.

Uma abordagem social dos fatos de língua – é bem disso que se trata - supõe, num primeiro momento, que se possa *descrever e explicar* o funcionamento de um código, isto é, ir, nesse primeiro nível, mais longe do que o estruturalismo que se contenta na maioria das vezes em descrever, e procurar no modelo gerativo a solução temporária de um problema permanente. Efetivamente, em todos os casos, o resultado final de uma tal abordagem, por mais fina e exaustiva que ela seja, encontra-se claramente acima da comunicação, prática eminentemente social. Importa, então, num segundo momento, passar do *código à produção linguística*, da frase nua à frase socializada, e tentar destacar as determinações múltiplas que pesam sobre essa prática social, sobre essa operação social do código (CALVET, 1975, p. 86).

Os vários usos da linguagem verbal, suas várias aplicações, a variedade de gêneros textuais, tudo isso é passível de constituir estudo e pode suscitar aplicabilidade para as funções da linguagem apresentadas por Jakobson (1974). Para o autor, cada uma das funções da linguagem – referencial, conativa, emotiva (expressiva), poética, metalinguística e fática – implica uma funcionalidade específica, que não necessariamente é invalidada em um contexto de produção textual, onde pode haver a predominância de uma ou mais dessas funções. Ao contrário, elas podem interatuar mutuamente mesmo que a produção textual final apresente-se com uma finalidade em que algumas ou apenas uma dessas funções seja predominante.

De acordo com Martelotta (2020), a *função referencial* “está centrada no contexto já que reflete uma preocupação em transmitir conhecimentos referentes a pessoas, objetos ou acontecimentos” (p.33), a *função emotiva* “consiste na exteriorização da emoção do remetente em relação àquilo que fala de modo que essa emoção transpareça no nível da mensagem. Essa função está centrada no próprio remetente” (p. 34), a *função conativa* está relacionada ao destinatário, a *função fática* ocorre quando a linguagem é utilizada para estabelecer ou recuperar

¹¹ Em referência à técnica de metrificação pelos recursos sonoros – estilística fônica.

contato, a *função metalinguística* “consiste em usar a linguagem para se referir à própria linguagem” (p. 34) e a *função poética* “consiste na projeção do eixo da seleção sobre o eixo da combinação dos elementos. Centrada na mensagem, essa função caracteriza-se pelo enfoque na mensagem e em sua forma” (MARTELOTTA, 2020, p. 34).

A forma de composição do cordel exemplifica a função poética. O procedimento para o reconhecimento de sua estruturação foi concentrado em suas propriedades fônicas, expressas na composição dos pares de rima, em seu esquema métrico e na leitura ritmada como símbolo de expressão cultural. A função referencial foi articulada à significação global, relacionada ao conteúdo biográfico, destacando os planos da narração e da descrição e as funções emotiva e conativa da linguagem que, integradas, compuseram o aspecto da linguagem na averiguação da intenção de interação discursiva percebida no ato da leitura.

4.1 Intergenericidade: o cordel biográfico e a matéria didática no ensino

No que se refere à noção de intergenericidade – intertextualidade intergêneros –, termo depreendido em Marcuschi (2008), antes mesmo de apresentar uma reflexão pretendida sobre essa noção, será preciso fazer algumas ponderações a respeito das propriedades constituidoras dos gêneros textuais considerados neste estudo, visando a compreensão da configuração composicional híbrida dos textos pré-selecionados.

A fim de colaborar com o aprimoramento da competência metagenérica de estudantes sem, no entanto, desconsiderar que ao chegarem às séries finais do Ensino Fundamental já estejam munidos de habilidades discursivas, é preciso ter em mente que algumas vezes lhes falta consciência teórica sobre as funcionalidades discursivas dos gêneros textuais com os quais normalmente se deparam em seus cotidianos e em suas interações sociocomunicativas.

O desconhecimento pode ser maior quando se trata do uso da linguagem verbal voltada para áreas mais específicas que contemplam outros domínios de relações discursivas, considerando que “os diferentes gêneros discursivos pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes” (BAKHTIN, 2016, p. 26). Muitas vezes, são justamente essas confluências de práticas discursivas que constituem o “repertório das formas do discurso” (ALVES, 2014, p.101), a torre de babel erguida nas relações sociocomunicativas, que histórica e culturalmente constituem os gêneros textuais. Matéria

dinâmica que representada como linguagem apresenta-se para aquilo que Bakhtin (2016) define serem as formas relativamente estáveis do enunciado.

falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do conjunto*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). *Em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência (BAKHTIN, 2016, p. 38).

Em síntese, “gêneros do discurso são as formas como se concretizam os textos, que possuem diferenças específicas; eles dão forma às atividades de linguagem; gêneros do discurso são a forma de dizer em círculo social, o repertório das formas do discurso” (ALVES, 2014, p. 101). Desse modo, é da relativa estabilidade que, em contexto de leitura, advém a percepção para o reconhecimento das especificidades que podem condicionar e balizar a compreensão e o reconhecimento dos gêneros de produção textual vinculados à função sociocomunicativa de uso da linguagem verbal convencionalizada entre interlocutores. Elementos estruturantes organizados textualmente e que definem a intencionalidade discursiva concebida pela escolha dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, configurando, assim, aquilo de Bakhtin (2016) define como conteúdo temático para a produção composicional.

Toda produção textual parece ser motivada por um posicionamento ativo que fornece os meios de sua realização mediante a escolha dos atributos linguísticos que vão definindo a forma de dizer para o círculo social pretendido, como também pode constituir o gênero textual. As peculiaridades estilísticos-composicionais organizadas mediante escolhas feitas por quem escreve podem, no momento da leitura, suscitar em outra pessoa, como um leitor mais atento, uma compreensão textual que pode levar a uma interação discursiva.

Nos textos biográficos em versos, essa observação analisada pela perspectiva da estilística pressupõe meio para destacar a expressividade discursiva que, neste estudo, está sendo relacionada à função emotiva de uso da linguagem verbal, evidenciada pela escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais. Nesse sentido, esses aspectos influenciam a constatação da característica composicional híbrida dos textos poéticos analisados como um arquétipo para ilustrar a técnica de textualização dos versos em forma fixa, conforme o gênero literário em cordel, visto como símbolo de expressão de identidade cultural.

As características do plano fônico na estruturação dos versos confundem-se com as propriedades fonético-fonológicas no estabelecimento do plano sonoro e acústico, para efeito da percepção da estruturação em versos em uma leitura ritmada e expressiva, na qual a entonação natural do segmento da leitura de cada verso pode ser reconfigurada para uma espécie

de leitura expressiva feita conforme a métrica e a disposição dos pares de rima. Esses, alternadamente, constituem um paralelismo entre os versos com sons coincidentes entre si, em uma referência à prática tradicional de declamar versos ou mesmo às cantigas outrora cantadas em versos, em uma referência à cultura dos povos tradicionais.

O estilo empregado na composição das biografias analisadas também pode rememorar a prática de contação de histórias, a recitação de versos e a própria tradição da expressão literária em cordel como meio propagador de fatos históricos, de biografias, de críticas a inovações ou mesmo a costumes tradicionais que podem ser relacionados a temas educacionais. Nas composições em cordel, o estudo da subjetividade explícita do emissor da mensagem e da referencialidade sobre a personagem narrada leva a destacar um propósito discursivo com fins de aplicação didática sobre o gênero textual biografia.

O conteúdo que trata da biografia das personalidades título dos poemas favorece um trabalho interdisciplinar. No entanto, tratando-se da área de estudo da linguagem, a ênfase recai sobre uma perspectiva intradisciplinar iniciada pela leitura, seguida da análise dos itens linguísticos, levando à compreensão da temática biográfica. Quanto ao seu desenvolvimento, esse constitui referencialidade ao título, por tratar do nome das personalidades narradas.

Esse tipo de aplicação tem por intuito demonstrar a possibilidade de levar para aulas de estudo da linguagem produções textuais que proporcionem o conhecimento histórico e cultural a fim de colaborar com o letramento discursivo dos estudantes sobre os bons feitos históricos de personalidades negras, na pretensão de diluir alguns embates acerca da discriminação racial, potencializados nas sociedades do mundo contemporâneo e que podem, inclusive, impedir ações educacionais de ensino que visem o aprimoramento da competência discursiva da grande maioria de crianças e de jovens que se encontram excluídos do ambiente educacional.

Desenvolver meios de melhorar a compreensão leitora sobre assuntos que interessam à capacitação e à formação do estudante, visando o aprimoramento para a eficiência na interação discursiva e para as relações sociocomunicativas, pode ser uma abordagem profícua para a área de estudo da linguagem na contemporaneidade. Estimular a leitura compreensiva, que auxilie na identificação dos vários tipos de organização textual e dos diversos gêneros de produção textual, propor estratégias para a compreensão e interpretação de textos, detalhar as especificidades das produções textuais que podem influenciar na compreensão da leitura parecem ser atribuições pertinentes às aulas de Língua Portuguesa.

Esta proposta de abordagem didática, sugerindo a utilização de textos biográficos elaborados em cordel para aulas em turmas do Ensino Fundamental, pode inserir-se em uma

das categorias de cordéis que compõem o levantamento feito por Morgana Ribeiro dos Santos (2018) em sua tese de doutorado. Nesse estudo, os cordéis didáticos são apresentados com fins educacionais, visando a difusão de conhecimento sobre determinado assunto. Para o caso específico dos cordéis analisados neste estudo, os textos em cordéis biográficos sugerem uma perspectiva de estudos linguísticos que partem da leitura e levam as especificidades dos gêneros textuais, as mesmas que compõem a característica composicional híbrida denominada intergenericidade.

A proposta dispõe os poemas biográficos escritos em formato de cordel como matéria didática para o estudo da função referencial e da função poética da linguagem, bem como das funções emotiva e conativa. Essas foram as características predominantes destacadas como parâmetros elementares na identificação dos artifícios que orientam o estudo dos textos biográficos em cordel e analisados pela perspectiva composicional híbrida.

Há também a possibilidade de estudos voltados à variação dos termos linguísticos e relacionados à constatação da harmonização estrutural de superfície, ou seja, à estruturação do padrão métrico atribuído às produções poéticas em versos de forma fixa no cordel. Ainda, é possível, a partir dos textos analisados, fazer referência à categorização das palavras em lexicais e gramaticais, para tratar do plano de significação denotativo de uso da linguagem verbal. Nesse contexto de produção, os itens linguísticos constituídos fatos da língua e concebidos fatos estilísticos sinalizadores das funções da linguagem, demonstram propriedades funcionais, estruturantes, composicionais e discursiva.

Dessa forma, foi a confluência entre os aspectos destacados que levou à compreensão sobre a intertextualidade entre gêneros, ou seja, a intersecção entre finalidades composicionais, destacadas pela estruturação e pelas funções da linguagem predominantes, características concebidas pelos itens lexicais que auxiliaram no entendimento sobre a noção de intergenericidade.

A unidade de partida foi o texto em sua modalidade escrita e o processo de leitura tornou-se a principal atividade para a constatação da interação entre emissor/locutor e o seu interlocutor/leitor. A identificação do gênero textual em cordel é parte do processo de compreensão do texto em versos. Nesse caso, foi considerada a retórica sociocultural em relação às produções em cordel como identidade de expressão cultural, que, de alguma maneira, rememora a tradição desse gênero de produção textual quando destaca o elo entre a oralidade e a escrita, o que pode ser comparado à transição entre o repente e o cordel como meio de expressão cultural na região nordestina.

Essa comparação simboliza uma espécie de apelo sob o ponto de vista da leitura no que se refere à tradição de contação de histórias, bem como quanto à historicidade do cordel em relação à tradição de narrar histórias em versos sobre variados temas. Considerando o aspecto linguístico, nessa recorrência quanto aos gêneros textuais, é possível considerar que:

as formas tornam-se convencionais e com isto genéricas precisamente em virtude da recorrência das situações em que são investidas como ações retóricas típicas. Os gêneros são, em última análise, o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura (MARCUSCHI, 2010, p. 34).

Feitas essas observações, é preciso compreender o estilo composicional disposto pelos poemas biográficos em cordel como uma maneira de despertar a consciência e a curiosidade analítica de estudantes para o aperfeiçoamento da própria competência metagenérica sobre o que compõe ou serve à definição de um gênero textual com fins discursivos. Essa prática, vinculada ao processo de ensino e aprendizagem, pode auxiliar no reconhecimento das especificidades próprias da elaboração das produções textuais com finalidade sociocomunicativa, contudo, conforme palavras de Marcuschi:

embora os gêneros textuais não caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sociocomunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá que em muitos casos são as formas que determinam o gênero, e em outros tantos serão as funções. Contudo haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero (MARCUSCHI, 2010, p.22).

Isso reforça, portanto, a motivação para este estudo em propor estratégias que levem estudantes das séries finais do Ensino Fundamental a aprimorarem aquilo que foi designado por Koch e Elias (2018) como competência metagenérica. Em consequência, a expectativa de que seja um meio de colaborar no processo de aprendizado e na formação de estudantes quanto ao aprimoramento de suas práticas enunciativo-discursivas, principalmente para o reconhecimento das especificidades que levam àquilo que Bakhtin (2016) dispôs sobre aspectos relativamente estáveis e que configuram textualidade nos gêneros textuais.

Em síntese, essas exposições encaminham para a compreensão do termo ‘intergenericidade’ e para o entendimento de que a configuração híbrida observada dos textos em versos, selecionados para o desenvolvimento desta dissertação, foi assim considerada por “designar o aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função

de outro” (MARCUSCHI, 2010, p. 33), conforme são exemplificados pelos textos biográficos em cordel durante o desenvolvimento deste estudo.

Dessa forma, fica apresentada a noção do que foi tratado como intergenericidade nas composições selecionadas para este estudo. A fim de evidenciar e de estabelecer os eixos inter-relacionados à função sociocomunicativa (narração e descrição) e à intencionalidade discursiva, serão feitas algumas análises das características composicionais, mediante a análise dos textos para ilustrar assuntos relacionados à área de estudo da linguagem verbal.

4.2 Análise da intencionalidade comunicativa por um viés narrativo-discursivo

Esta etapa do estudo segue detalhando observações provenientes dos poemas biográficos para destacar a simultaneidade de funções da linguagem atuantes no processo comunicativo em contexto de produção textual para as relações socio discursivas. Segundo Machado,

gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra. A partir dos estudos de Bakhtin foi possível mudar a rota dos estudos sobre os gêneros: além das formulações poéticas, Bakhtin afirma a necessidade de um exame circunstanciado não apenas da retórica, mas, sobretudo, das práticas prosaicas que diferentes usos da linguagem fazem do discurso, oferecendo-o como manifestação de pluralidade (MACHADO, 2008, p. 152).

Da mescla entre a formulação poética e o conteúdo biográfico, é que foi possível, portanto, perceber o estilo empregado nas composições em que a intenção discursiva, explicitada e representada pelos itens linguísticos, estabelece função emotiva, aquela atribuída ao emissor. Como ilustração, primeiramente segue o exemplo do verso de uma estrofe do poema *Antonieta de Barros*.

É por isso que eu digo:
Antonieta é exemplar
E além de inspiradora
Pode muito desbravar
Foi abrindo os caminhos
Pra gente também passar.
(*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 6)

A relação apresentada entre o primeiro verso, “é por isso que eu digo”, e último verso dessa estrofe, “pra gente também passar”, destaca-se como marca de interação discursiva em

função do uso do pronome pessoal ‘eu’ como marca gramatical de primeira pessoa no singular no verbo ‘dizer’, flexionado em “é por isso que eu digo”, e o pronome indefinido ‘a gente’. O primeiro indica a pessoa gramatical, atribuída ao lugar do narrador/emissor/locutor, e o segundo termo gramatical refere-se ao leitor.

O emprego desses pronomes tende a demonstrar uma espécie de subjetividade, um índice estilístico. Essa denominação se deve ao fato de que explicitamente esses pronomes desempenham função na comunicação. O pronome pessoal de primeira pessoa, ‘eu’, explicita a função emotiva e constitui subjetividade singular. O pronome ‘a gente’ pode constituir a inter-relação entre a função emotiva e a conativa, além de explicitar subjetividade plural, que pode sugerir um plural de modéstia, de cortesia ou “pode indicar a subjetividade singular que engloba o ouvinte” (SILVA, 1981, p. 98).

Em seguida, outro fato linguístico destacado para demonstrar função emotiva é o primeiro verso da estrofe abaixo, em que a forma flexionada do verbo ‘contar’ apresenta-se apenas indicada pelo morfema de primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Flexão verbal que, em contexto de aula, pode ser uma oportunidade para abordar assuntos sobre conjugação verbal, vogal temática, desinências modo/temporal, desinências número/pessoal; contexto de pronome pessoal elíptico, pois, apesar de não estar explícito, pode ser identificado pela forma verbal e isso pode constituir um fato estilístico para a manutenção da métrica do verso em heptassílabo.

Conto aqui neste cordel
 Uma história inspiradora
 De uma preta muito forte
 Que foi tão batalhadora
 E com sua inteligência
 Se mostrou norteadora
 (*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 1)

Ainda quanto ao aspecto narrativo-discursivo, eixo discutido em função da perspectiva de leitura do poema, há mais uma observação a ser demonstrada. Trata-se da subjetividade expressamente marcada em plural. Para destacá-la, segue abaixo a última estrofe do poema biográfico *Antonieta de Barros*.

Eu e todas as mulheres
 Nesse verso agradecemos
 E esperamos que em frente
 Sempre juntas caminhemos
 E lembrando Antonieta
 Certo que nós venceremos.

(*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 8)

Ainda pode ser destacado do último verso, “certo que nós venceremos”, o item gramatical ‘nós’, explicitando primeira pessoa do plural, para indicar subjetividade plural já apresentada no primeiro verso, “eu e todas as mulheres”. Nesse contexto de elaboração, o item pronominal ‘nós’ constitui variação para o item pronominal ‘a gente’, mencionado anteriormente, mantendo a mesma intenção discursiva. Estilisticamente, esses itens sinalizam para a expressão subjetiva do plural de modéstia, pois “na linguagem coloquial, a subjetividade plural tende a assumir a impessoalidade da forma ‘a gente’” (SILVA, 1981, p. 98).

Como última análise para apresentar a função conativa estudada no poema, a mesma que orienta para a intenção de interação sociocomunicativa no uso da linguagem verbal, é destacado o pronome de tratamento ‘você’ no primeiro verso da estrofe abaixo.

Que você também espalhe
 Isso que acabou de ler
 Para que muitas pessoas
 Tenham a chance de saber
 Quem foi essa Antonieta
 Como foi o seu viver.
 (*Antonieta de Barros*, ARRAES, sem data, p. 7)

Esse pronome de tratamento, conforme quadro pronominal apresentado em Lopes (2011), é um pronome sujeito, utilizado para se referir à pessoa com quem se fala. Representa forma pronominal que pode ser um atributo linguístico para indicar função da linguagem conativa e expressar intenção discursiva por parte do emissor. Pelos versos “que você também espalhe / isso que acabou de ler”, percebe-se uma intenção dessa interação sócio discursiva em que a biografia sobre a trajetória de personalidades negras torna-se assunto para divulgação.

Acrescenta-se a isso o fato de que o pronome de tratamento ‘você’ gramaticalmente é uma variação de uso para o pronome ‘tu’, quando se refere a segunda pessoa do quadro pronominal dos pronomes da gramática tradicional, ou seja, a pessoa com quem se fala, a chamada forma pronominal de tratamento, conforme Bechara (2009). Desse modo, demonstra-se linguisticamente os fatos da língua cumprindo uma finalidade sociocomunicativa e socio discursiva.

5 FORMAÇÃO CIDADÃ PELA LEITURA: UMA ABORDAGEM DE ENSINO

O progresso tecnológico tem facilitado o acesso a informações e, por vezes, tem se tornado uma ferramenta de auxílio e de complementação à formação de estudantes que, passam a ter uma participação mais ativa no próprio processo de aprendizagem. Exemplo disso pode ser a busca pelos nomes das personalidades título dos poemas biográficos tratados neste estudo em um ambiente digital como a internet. Isso faz com que as tecnologias digitais da informação e da comunicação proporcionem condições para a ampliação das fontes de informações.

É nesse cenário de grandes transformações que os estudantes estão imersos e a todo o tempo sendo confrontados com o que há de mais moderno em termos de variedades de produção de linguagens, mas talvez isso não signifique que tenham completa *expertise* para compreender todas as formas de linguagem que circulam em ambiente de tecnologia da informação e comunicação a que eventualmente estejam expostos em seu dia a dia.

Apesar do ambiente digital facilitar a interação e o acesso a muitas formas de linguagens, nem sempre todas as expressões de linguagens, mesmo sendo em ambiente de tecnologia digital, são devidamente compreendidas quanto às suas especificidades, pois é possível haver ineficiência quanto à compreensão leitora de textos, estejam eles impressos ou em ambientes digitais. Por isso, apesar de todas as inovações tecnológicas, há perspectivas de estudos que ainda podem contribuir para o desenvolvimento e o aprimoramento da compreensão leitora, conforme aquelas que se referem à estruturação composicional dos textos.

Em uma abordagem na qual a análise de funcionamento do sistema linguístico for associada ao texto tratado como exemplo de situação sociocomunicativa, há maior chance para que a noção sobre gêneros textuais possa ser estudada por uma perspectiva enunciativo-discursiva, pois o texto como exemplo básico de comunicação feita pela modalidade escrita, torna-se elemento de estudo relacionado a situações sociocomunicativas em que a língua como código, e tornada instrumento linguístico convencionado entre os falantes, é vista como elemento básico de uso da linguagem verbalizada, portanto, sendo utilizada como meio de interação discursiva e formação leitora.

A expectativa de que a língua, como meio de expressão da linguagem verbal, seja um instrumento facilitador para a interação discursiva entre falante/ouvinte ou entre escritor/leitor nem sempre ocorre plenamente, sem que seja levado em conta a funcionalidade do código linguístico. Isso porque,

um estudo acurado da linguagem é importante simplesmente porque ninguém pode ser considerado realmente culto se não tiver um bom conhecimento sobre o instrumento de grande parte de sua instrução. Uma vez que a língua participa virtualmente de todas as atividades humanas e é central em muitas delas, um conhecimento a seu respeito dificilmente poderá ser considerado periférico. Uma introdução à linguagem não necessita realmente de nenhuma outra justificação. Uma pessoa que deseje conhecer-se e compreender-se a si mesma deve até certo ponto chegar a compreender a natureza do sistema linguístico que tem papel tão fundamental em sua vida mental e social (LANGACKER, 1972, p. 13).

Em um cenário em que a maioria das atividades tem demonstrado o quanto a língua, como código linguístico, faz parte do cotidiano das atividades humanas e sociais de uso da linguagem verbal, no que se refere ao contexto de ensino, o estudo desenvolvido sobre intergenericidade pode ser um mecanismo para dar ciência ao estudante sobre a forma da estruturação e da composição do texto, o que pode ser feito por intermédio de assuntos didáticos da área de estudos da língua a partir do texto, promovendo a metodologia intradisciplinar de estudo do código linguístico desenvolvido a partir da leitura.

Na pretensão de associar os resultados deste estudo ao uso das ferramentas digitais, um primeiro passo poderia ser a busca na internet por vídeos que apresentem os diferentes sotaques de povos tradicionais do norte e do nordeste do país, em que possam ser demonstrados os diferentes modos de expressão da língua falada. Por exemplo, vídeos em que pessoas declamem textos que, de alguma maneira, expressem a diversidade linguística e cultural entre as regiões. Essas expressões culturais poderiam ser cantigas populares ou mesmo a declamação de textos em cordel que tratem de temáticas que possam ser atribuídas a assuntos didáticos. Essa poderia ser uma primeira etapa para apresentar os textos biográficos produzidos em cordel a turmas do Ensino Fundamental.

Um segundo passo seria providenciar a transcrição do texto oralizado / cantado para que fosse lido em voz alta em outro momento da aula. Após a leitura, a proposta seria sondar se as crianças compreenderam o assunto tratado no texto, para, depois disso, iniciar as atividades de estudos linguísticos. Como procedimento de leitura compreensiva quanto à finalidade do estudo da linguagem referencial como matéria didática, a sugestão é destacar durante uma segunda leitura, por exemplo, itens lexicais de coesão, assunto relacionado à linguística textual. Isso para que as crianças percebam, empiricamente, como o tema identificado por elas foi linguisticamente construído durante a composição do conteúdo temático do texto.

Dependendo do resultado da etapa anterior, ou seja, se todas as estratégias didáticas para a compreensão leitora já tiverem sido cumpridas, seria interessante solicitar que as crianças

redigissem um texto opinativo sobre o assunto abordado, para a verificação do grau de compreensão, pelos estudantes, do assunto tratado no texto. Dessa maneira, avalia-se também se foram capazes de empregar em sua produção textual conteúdos linguísticos ministrados anteriormente em outras aulas. É, pois, a partir da sondagem que podem surgir novas estratégias para o ensino, por exemplo, em aulas intradisciplinares, em que há possibilidade de se aplicar atividades que incluam leitura, estudo linguístico e produção textual.

Sendo a escola uma instituição responsável por propagar estudos que atendam às necessidades de formação educacional, profissional, mas sobretudo de formação cidadã, se ficar constatada a necessidade de aperfeiçoamento da competência leitora para incutir qualidade discursiva e diversificar as leituras em prol do desenvolvimento da competência discursiva sobre assuntos relacionados ao conteúdo temático que também envolve questões étnico raciais, por exemplo, para a melhoria da compreensão leitora e do desenvolvimento integral do estudante, o estudo do sistema linguístico pode ser considerado um mecanismo para a abordagem de uma perspectiva de ensino que considere o que está sendo tratado como exemplo para referencialidade afirmativa a partir da leitura dos poemas biográficos selecionados.

Para o encerramento dessa proposta de atividade, outro passo seria: estimular atividades em grupo que privilegiassem a modalidade oral do código linguístico como incentivo à produção artística, propondo a escrita de um roteiro para a produção de uma peça teatral que levasse em conta a sequência hipotética apresentada no quadro abaixo. Propõe-se, com isso, enfatizar a linearidade histórica, compreendida como um *continuum* sociocultural simbolizado pelas conquistas atribuídas aos feitos narrados em *Luisa Mahin*, *Tia Simoa* e *Antonieta de Barros* e que compõem matéria textual para a compreensão do gênero biografia utilizado para demonstrar aplicabilidade do estudo sobre as funções da linguagem e destacar a noção monotemática para uma referencialidade afirmativa a partir dos poemas biográficos, conforme proposto a seguir:

Luisa Mahin	Tia Simoa	Antonieta de Barros
no século 19, Luísa Mahin nasceu, com origem africana, vinda da Costa da Mina, princesa, escrava, alforriada, quituteira, morou em Salvador, rebeliões, escravos da Bahia, revolta dos Malês, origem dos nagôs, revolta Sabinada, mãe de Luís Gama, poeta e abolicionista, sobre ela registrou	preta, seu relato não se viu, José Luiz Napoleão, com quem era casada, greve deflagrada, incitou os jangadeiros, em três dias de janeiro, pela gente escravizada, na história cearense, famosa revolta, jangadeiros conscientes, se recusaram, mais escravos transportar, ajudaram a transformar, fim da escravidão	história inspiradora, preta forte, batalhadora, nordestadora, catarinense, origem pobre, vida permeada, escola normalista, dedicar, aperfeiçoar, estudar, desbravar, alfabetizar, prosperar, lecionar, assunto cultural, trabalhou, protagonizou, pioneira, educadora, jornalista, deputada, ensinadora, exemplar, inspiradora

Uma alternativa para quem, eventualmente, não queira participar da atividade cênica, seria a produção textual de uma crônica ou de qualquer outro gênero textual que já tenha sido estudado em outras aulas e que permitisse tratar da ideia de uma referencialidade construtiva sobre a historicidade das personagens narradas nas composições biográficas em cordel lidas em sala de aula, por exemplo.

A estimativa de tempo para a realização desse planejamento de atividades poderia ser de um bimestre em turmas das séries do Ensino Fundamental, a depender do planejamento escolar, programando-se a exibição da peça para outras turmas dessa etapa de ensino ao final do ano letivo ou em alguma data comemorativa que aborde assuntos relacionados à cultura afro-brasileira.

Esse planejamento foi sugerido com o objetivo de apresentar formas diferenciadas de atividades, vinculando-as a temas da contemporaneidade, possibilitando a abordagem de assuntos que contribuam para o aperfeiçoamento das próprias relações sociais pelo uso da linguagem e a partir do estudo de assuntos didáticos, destacando-se as funções da linguagem como prática sociocomunicativa de aperfeiçoamento da habilidade discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo partido da constatação sobre a inabilidade leitora de estudantes egressos da primeira etapa do Ensino Básico a partir de programas de avaliação de estudantes como o PISA, o resultado deste estudo sugere que os textos biográficos, versados em forma fixa, demonstrada por exemplos de metrificacão e paralelismo construído pelos efeitos sonoros dos pares de rima, têm na leitura vozeada um meio para identificar alguns fenômenos relacionados à fala – também presentes na versificação do gênero textual cordel – direcionados para a abordagem sobre variaçãõ linguística. Acrescentado a isso, as análises detalharam o padrão métrico dos versos, o que proporcionou atribuir funcionalidade poética aos textos biográficos, tratados pela sua característica estrutural de produção elaborada em cordel. Quanto ao conteúdo desses textos, se aplicado ao contexto de ensino e aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa em uma perspectiva de estudo da linguagem voltada para a formação cidadã, como parte da formação integral, no que se refere à percepção leitora, a unidade de significacão semântica dos poemas biográficos serviu ao estudo da função referencial da linguagem, o que levou à proposição de estudo sobre as características do gênero textual biográfico.

Destacados para tratar assuntos sobre funções da linguagem, a forma de estruturação textual e os planos de organizaçãõ que constituem narraçãõ e descriçãõ para a função enunciativo-discursiva foram características analisadas para proporcionar um entendimento sobre o aspecto macroestrutural da produção poética e o aspecto composicional do gênero biográfico, dupla funcionalidade que compôs a noçãõ de intergenericidade, discutida neste estudo para compor estratégia de ensino e aprendizagem relacionada à linguística textual como meio para o aperfeiçoamento da habilidade leitora de estudantes.

Nesse sentido, a produção literária em cordel possibilitou tratar a narrativa biográfica como assunto didático conjugado a outros assuntos sobre tipologia textual ou modo de organizaçãõ do discurso (quanto aos eixos analisados), referenciação coesiva para construção do campo semântico de descriçãõ das personagens, tempos/modos verbais e pronomes para identificar as pessoas gramaticais (quem fala, com quem fala, sobre o que se fala) ou pessoas discursivas (locutor/interlocutor), conforme eixo narrativo-discursivo. Além disso, foi possível estabelecer função para os termos lexicais enquanto fato linguístico no próprio contexto de produção textual.

O aperfeiçoamento da habilidade discursiva foi proposto com base no estudo das características das funções da linguagem observadas nos poemas, destacadas pelos itens linguísticos que, quanto ao plano fônico, compuseram fatos estilísticos, manifestando assim artifícios retóricos para a intenção de elaboração poética. Quanto ao plano lexical, os itens lexicais foram ressaltados como fatos linguísticos para a constatação dos eixos narrativo-descritivo e narrativo-discursivo. Desse modo, além de expressarem artifícios poéticos de uso da linguagem verbal, os itens lexicais também tiveram como atributo, a partir de suas propriedades semânticas, evidenciar finalidade de composição textual sociocomunicativa, destacada pela predominância das funções referencial, emotiva, conativa e poética.

O detalhamento da característica estrutural serviu para evidenciar o gênero cordel como macroestrutura, configurada com base nos próprios versos, destacada pela metrificação e pelos pares de rima como aspectos evidenciados na leitura expressiva das estrofes. Já a característica relacionada à funcionalidade tratou da compreensão textual relacionada à percepção leitora com finalidade comunicativa para o conteúdo temático relacionado às narrativas biográficas. Uma vez tendo sido detalhada a intergenericidade como objeto de análise, essa noção foi tratada como mecanismo para a inserção de assuntos relacionados ao modo de organização textual. Sendo assim, o plano discursivo, atrelado à forma de expressão da linguagem verbal em sua modalidade escrita, proporcionou meio de relacionar os níveis de descrição da língua quanto à sua gramaticalidade, à leitura de biografias de personalidades que referenciam histórias sobre a vida de mulheres negras que protagonizaram ações pela liberdade da condição de escravizada ou pela própria progressão socioeducativa, propondo, com isso, simbolizar referencialidade afirmativa que trate do tema étnico racial e agregar algum nível de qualidade à formação escolar. Tudo isso, levando-se em conta a prática de leitura e a análise do código linguístico, no que diz respeito ao uso da linguagem verbal nas aulas de Língua Portuguesa para as séries do Ensino Fundamental, a partir de um tema considerado transversal, se for proposto conforme recomendações dos PCN.

Isso pôde ser demonstrado pelo manejo e pelo estudo dos itens lexicais, considerando o plano de significação denotativo das palavras nas composições biográficas em que a função referencial foi composta, sobretudo pelo sequenciamento da narração e da descrição, para demonstrar como as palavras da língua especificaram semanticamente a composição.

Esse estudo foi desenvolvido pensando mecanismo para ensino e aprendizagem, sugerindo articulação entre propostas didáticas intradisciplinares associadas ao tema que trate de assuntos sobre o estudo da linguagem para a formação cidadã pela leitura. Levou-se em

conta que, embora essa articulação pareça não ser função da escola, no mundo contemporâneo discussões sobre discriminação, preconceito e racismo estão propagadas em vários setores da sociedade letrada e não letrada. Por isso, esta proposta foi desenvolvida tendo em vista o planejamento de atividades que considerem o estudo da narrativa biográfica como uma etapa da atividade escolar, com base na leitura dos cordéis biográficos, apresentados para informar a trajetória histórica de *Luisa Mahin, Tia Simoa e Antonieta de Barros*.

Ressaltou-se que, pelo plano de significação denotativa dos itens lexicais, foi possível demonstrar a composição de uma sequenciação monotemática atribuída a uma ideia de referencialidade afirmativa para simbolizar o protagonismo de personalidades negras na atuação de sua própria historicidade. Esse tipo de abordagem, atrelada ao estudo linguístico de uso da linguagem verbal com fins de desenvolver atividades didáticas de estudo linguístico para turmas do Ensino Fundamental, propõe estratégia da disciplina centrada na área de linguagem como instrumento no aperfeiçoamento da habilidade leitora e, por consequência, no aprimoramento da competência metagenérica, com fins de propor melhorias da formação educacional.

Essa proposta foi desenvolvida com base na leitura de textos biográficos, destacando-se aspectos das produções poéticas elaboradas em versos em que o empenho pela manutenção do ritmo proporcionado com a métrica e com os pares de rima compõe o estilo de elaboração da estrutura composicional já convencionalizada como gênero cordel. Além disso, os elementos linguísticos, constituídos recursos estilísticos, puderam auxiliar no entendimento sobre as funções da linguagem, nos modos narrativo e descritivo de organização do discurso e na compreensão da noção sobre intergenericidade como instrumento didático para a área de estudos da linguagem verbal relacionada aos gêneros textuais.

O estudo também pôde traçar alguns direcionamentos para a abordagem do gênero cordel como estratégia para tratar assuntos didáticos relacionado ao estudo linguístico em aulas de Língua Portuguesa, o que foi feito com base nos níveis fonético-fonológico, no morfológico, no semântico e sintático, a partir das categorias de palavras como substantivos, adjetivos, verbos, pronomes, advérbios, preposições, componentes de estruturação da unidade textual, consideradas, quanto à sua significação, como lexicais e gramaticais, conforme perspectiva de estudos relacionados à Estilística.

Este estudo coloca-se como um trabalho finalizado, porém seus resultados não incluem aplicações de atividades práticas em salas de aula do Ensino Fundamental, conforme estimado, todavia, está posto como proposta, no intuito de promover mecanismos de aperfeiçoamento da

leitura, a partir de textos com características composicionais híbridas – ou intertextualidade intergêneros – vistos como estratégia para o estudo das especificidades quanto à elaboração de gêneros textuais analisados como forma de uso da linguagem exemplificada para favorecer à interação discursiva e sociocomunicativa, associadas ao estudo dos itens lexicais contextualizados.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria R. N. R. Gêneros textuais no Ensino Médio em uma abordagem interdisciplinar. *In*: APARÍCIO, Ana S. M.; SILVA, Sílvia Ribeiro da. (org.). **Gêneros textuais e perspectivas de ensino**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 99–120. (Coleção novas perspectivas em linguística aplicada, v. 36)
- ANTUNES, Irandé. As funções do léxico na construção do texto. *In*: ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo. Parábola Editorial, 2009.
- ARRAES, Jarid. **Antonieta de Barros**. São Paulo: [s.n., 201-].
- ARRAES, Jarid. **Luisa Mahin**. São Paulo: [s.n., 201-].
- ARRAES, Jarid. **Tia Simoa**. São Paulo: [s.n., 201-].
- ASCOT, Avram; FREITAS, Abrahão Costa de; SARAÍBA, Jussara; SCARPELLINI, Márcio. O reconhecimento do cordel. **Conhecimento prático: língua portuguesa e literatura**. 73. ed. São Paulo: Editora Escala, 2018.
- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Publifolha; Instituto Houaiss, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. O todo semântico da personagem. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Org. e tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BILAC, Olavo; PASSOS, Guimarães. **Tratado de versificação**. 1905. Disponível em: https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0042-01168.html. Acesso em: 27 set. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694/Lei_diretrizes_bases_4ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 09 jul. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996. Inclui a temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino. Disponível em:

http://bibliotecadigital.mpf.mp.br/bdmpf/handle/11549/5396/browse?rpp=20&sort_by=2&type=dateissued&offset=206&etal=-1&order=ASC. Acesso em: 09 jul. 2021.

BRASIL. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394/1996, modificada pela Lei nº 10.639/2003. Inclui a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo oficial da rede de ensino. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10101-lei-11645-10-03-2008&Itemid=30192. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamenta. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Relatório Brasil no Pisa 2018**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, MEC, 2020. Disponível em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa/resultados>. Acesso em: 07 jun. 2021.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CALVET, Louis-Jean. **Saussure: pró e contra: para uma linguística social**. Tradução: Maria Elizabeth Leuba Salum. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do português contemporâneo**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CINTRA, Lindley; CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

DANTAS, Janduhi. Literatura de cordel: das feiras livres às salas de aula. In: CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima *et al.* (org.). **Língua portuguesa: tradições e modernidade**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário eletrônico**: 6. ed. rev. e atual. [S.l.]: Editora Positivo, 2006. CD-ROM.

GUIRAUD, Pierre. **A estilística**. Tradução: Miguel Maillat. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel**: do sertão à sala de aula. São Paulo: Paulus, 2013.

HENRIQUES, Cláudio César. **Estilística e discurso**: estudos produtivos sobre texto e expressividade. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HENRIQUES, Cláudio César. **Geo-história do português**: estudo sobre a história e geografia do português na perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Editora Scipione, 1996.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. *In*: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução: Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1974.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

LANGACKER, Ronald W. **A linguagem e sua estrutura**: alguns conceitos linguísticos fundamentais. Tradução: Gilda M. Corrêa Azevedo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

LAPA, Manoel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

LOPES, Célia R. Pronomes pessoais. *In*: BRANDÃO, Silvia F; VIEIRA, Silvia R. (org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LOPES, José R. Folhetos e exemplares comentados. *In*: LOPES, José R. **Literatura de cordel**: antologia. 2. ed. Fortaleza: Banco do nordeste do Brasil S. A, 1983.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Funções da linguagem. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade da língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MELO, Gladstone Chaves. **Novo manual de análise sintática**: racional e simplificada. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1967.

MELO, Veríssimo de. Literatura de cordel: visão histórica e aspectos principais. *In*: LOPES, José de Ribamar (org.). **Literatura de cordel**: antologia. 2. ed. Fortaleza: Banco do nordeste do Brasil S. A, 1983.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. O continuum afro-brasileiro. *In*: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando R. (org.). **África-Brasil**: caminhos da língua portuguesa. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2009.

PORTAL DO GOVERNO BRASILEIRO. **Literatura de Cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro**. IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 22 fev. de 2021.

PRADO Jr., Bento. Apresentação. *In*: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Tradução: Fulvia M. L. Moretto. 3. ed. Campinas,SP: Editora da UNICAMP, 2008.

SAFADY, Naief. **Introdução à análise do texto**: curso de iniciação aos estudos de comunicação literária. Belo Horizonte: Edições Júpiter, 1972.

SANTOS, Leonor W.; RICHE, Rosa C.; TEIXEIRA, Cláudia S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, Morgana Ribeiro dos. **Perspectivas da literatura de cordel no Ensino Fundamental II**. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.dbtd.uerj.br:8443/handle/1/6178>. Acesso em: 06 jul. de 2021.

SILVA, Antonio Manoel dos S. **Análise do texto literário**: orientações estilísticas: Curitiba. Criar Edições, 1981.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português**: roteiros de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia**: aprenda e pratique os fundamentos dos sons da fala. 2021. Disponível em: <https://fonologia.org/>. Acesso em: 04 nov. de 2021.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. Interação entre aprendizagem e desenvolvimento. *In*: COLE, Michael *et al.* (org.). **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Mena Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANEXO A - Cordel biográfico *Luisa Mahin*

No século 19 Luísa Mahin nasceu Com origem africana Sua história aconteceu E com incessante gana Seu nome prevaleceu.	Se fosse vitoriosa A revolta organizada Luísa Mahin seria De rainha coroada No Estado da Bahia Ela seria aclamada.	Luís Gama que escreveu Sobre ela registrou: Era magra e muito bela E retinta a sua cor Dentes alvos e brilhantes De um gênio vingador.	Gostaria que Luísa Fosse muito mais lembrada Nas escolas brasileiras Fosse sempre ali citada É por isso que lutamos Pra que seja memorada.
Vinda da Costa da Mina Afirmava ser princesa Mas vendida como escrava Teve na luta a certeza Depois de alforriada Demonstrou sua proeza.	Mas Luísa se envolveu Na revolta Sabinada Muito foi auxiliar Com mensagem repassada Pela sua inteligência Ela deve ser lembrada.	Era uma mulher sofrida Muito ativa e generosa Também boa quitandeira Sempre tão laboriosa Das origens convencida Era delas orgulhosa.	E para as mulheres negras Mahin é uma referência Um espelho poderoso Dessa forte resistência É coragem feminina E também resiliência.
Viveu como quituteira E morou em Salvador Usou com inteligência Seus talentos de sabor Pois usava o tabuleiro De mensagens portador.	Lá também foi descoberta Perseguida e encontrada Dizem que fugiu pro Rio Onde então foi degredada Enviada para Angola Mas não foi documentada.	O pai branco de Luís O vendeu quando criança Separando de sua mãe Na racista pobre herança De ser branco dominante Indigno de confiança.	Agradeço essa Luísa E espero que hoje seja Como foi na sua África Novamente então princesa Ou melhor, uma rainha Com a chama sempre acesa.
Nos quitutes que vendia Ela neles enrolava As mensagens escondidas Que em árabe espalhava Ajudando nos motins Que também organizava.	É por isso que existe Quem pesquise diferente E afirme que Luísa Foi bem mais eficiente Fugindo pro Maranhão Onde foi muito influente.	Mas Luísa era guerreira A rebelde sem igual Fez ainda de sua casa Como um quartel general Onde eram planejadas As revoltas sem igual.	Esperamos que um dia De você saibamos mais E talvez nos encontremos Com os nossos ancestrais Com respeito e reverência Nas raízes culturais.
Muitas das rebeliões Dos escravos na Bahia Tinham a participação Que Luísa oferecia Sua contribuição Era de grande valia.	Há autores que afirmam Que Mahin desenvolveu Dança tambor de crioula E então permaneceu Como forte referência Ao redor do povo seu.	Apesar de tudo isso E de tudo que lutou Essa mulher importante Muito se silenciou Pois ainda não se conta Tudo que realizou.	
A revolta dos Malês Ocorreu em Salvador Foi a mobilização Com origem nos Nagôs Os escravos muçulmanos Ajuntados com fervor.	Importante mencionar Que foi mãe de Luís Gama Poeta e abolicionista De imensurável chama E por ele foi citada Respeitando sua fama.	Mas apenas sua memória É forte o suficiente Pra mexer na estrutura Dessa gente incoerente Que não fala a verdade Sobre o negro insurgente.	

Fonte: ARRAES, Jarid (Obs.: Não há indicação do ano da publicação no folheto)

ANEXO B - Cordel biográfico *Antonieta de Barros*

Conto aqui neste cordel Uma história inspiradora De uma preta muito forte Que foi tão batalhadora E com a sua inteligência Se mostrou norteadora.	Para que a população Pudesse alfabetizar Foi que Antonieta fez Esse curso prosperar Cheia de dedicação Colocou-se a lecionar.	Já na década de 30 Se juntou ao movimento Por Progresso Feminino Exigido no momento Era o FBPF Que obteve envolvimento.	As palavras que usou Espalhou pela nação E com tudo semeou A melhor revolução Pelo espaço feminino Pela sua Negra Ação.
Era uma catarinense De Antonieta nomeada Sendo de origem pobre Teve a vida permeada Por muita dificuldade E por luta semeada.	Tinha muito envolvimento Com o assunto cultural E ainda em vinte e dois Ela fundou um jornal Que chamou de A semana Escrevendo para o tal.	Conto ainda mais um fato Que ela protagonizou E marcou a nossa história Como líder de valor Pois abriu mais uma porta Pro futuro que chegou.	É por isso que eu digo: Antonieta é exemplar E além de inspiradora Pode muito desbravar Foi abrindo os caminhos Pra gente também passar.
Ela ainda era criança Quando órfã se tornou O seu pai que faleceu E na vida lhe deixou Com a mãe que a criava E que muito lhe inspirou.	De política falava Com bastante habilidade Também sobre educação E sobre a desigualdade Na denúncia do machismo E ao racismo no combate.	Deputada federal Antonieta se tornou A primeira do estado Como assim se registrou E foi a primeira negra Que o país efetivou.	Pras mulheres brasileiras Ela é grande liderança Deve ser muito lembrada De adulto até criança Pela sua honestidade Por sua perseverança.
Tinha dezessete anos Quando conseguiu entrar Na escola normalista Para mais se dedicar Aos estudos que gostava Querendo aperfeiçoar.	Ela também dirigiu Uma revista semanal Intitulada Vila Ilhoa Como mais novo canal Trabalhou diariamente E rompeu com o banal.	Com essa grande conquista Chegou a se transformar Na primeira mulher negra Com um mandato popular Pelo Partido Liberal Pela educação lutar.	Nas escolas não ouvimos Essa história impressionante Mas eu uso o meu cordel Que também é importante Para que você conheça E não fique ignorante.
No entanto, é preciso Uma coisa mencionar Inda era os anos vinte Quando ela foi estudar Veja só que grande feito Ela estava a desbravar!	Já alguns anos depois Quis um livro publicar E usou um outro nome Para enfim concretizar Como Maria da Ilha Escreveu seu exemplar.	Então veio a ditadura De Estado Novo conhecida E depois de sua queda Ela fez-se embravecida Conquistando muito mais Grandemente merecida.	Que você também espalhe Isso que acabou de ler Para que muitas pessoas Tenham a chance de saber Quem foi essa Antonieta Como foi o seu viver.
Pois não era só mulher O que era já difícil Era negra num passado De racismo, de suplício Bem pior que atualmente E sem sucesso propício.	Foi também profissional De grande orientação Professora e diretora Com convicta intenção Foram várias as escolas Onde pôs a sua mão.	Antonieta foi incrível Na política um destaque Foi a pura pioneira Sempre pronta pro combate A primeira mulher negra Para vários dos debates.	Esse é o nosso papel Considero obrigação Pra acabar o preconceito Pra espalhar informação Destruindo esse racismo E gerando inspiração.
No ano de vinte e dois Antonieta então fundou Um Curso Particular Onde ela ensinou Por toda a sua vida Como muito acreditou.	Pelo seu grande caráter Era muito admirada Pelos seus jovens alunos Ela era celebrada Porque era obstinada Coerente e respeitada.	Por inteira a sua vida Viveu como educadora Jornalista ou deputada Se manteve ensinadora Com lições educativas E também libertadoras.	Eu e todas as mulheres Nesse verso agradecemos E esperamos que em frente Sempre juntas caminhemos E lembrando Antonieta Certo que nós venceremos.

Fonte: ARRAES, Jarid (Obs.: Não há indicação do ano da publicação no folheto)

ANEXO C – Cordel biográfico *Tia Simoa*

Eu saúdo quem me lê Para aqui poder contar A história duma preta Que preciso aqui lembrar Na história do Brasil Seu relato não se viu Para enfim se memorar.	No entanto, infelizmente Pouco dela se conhece A exemplo de Dandara O machismo é que aparece As mulheres apagadas Nem sequer foram citadas E assim delas se esquece.	Pra falar mais da Simoa Agressilva concendeu* Uma rica entrevista Onde tudo escureceu* E falando da história Espalhou essa memória Que jamais se esqueceu.	É por isso que eu faço Essa humilde homenagem E no verso aqui registro Minha base de ancoragem Que é pensar na união E na mobilização Das Simoas de coragem.
José Luiz Napoleão Com quem era ela casada Conhecido o lutador Pela greve deflagrada Incitou os jangadeiros Em 3 dias de Janeiro Pela gente escravizada.	Chamada “Tia Simoa” Ela foi negra liberta Forte de convicção Sua luta foi oferta Pelo fim da escravidão Por total libertação Pela mente bem desperta.	Vejam só que importante Que foi ser entrevistada Pois na fala de Agressilva Já pode ser encontrada A história da Simoa Com a força de leoa Que deve ser propagada.	Pois ao lado dessas pretas Me senti fortalecida E em todas as palavras Me senti compreendida Mesmo na dificuldade Tive minha identidade Com certeza defendida.
A Simoa é esquecida Do relato oficial Mas merece reverência Pala força maior Pelos atos corajosos Bravos e impetuosos Que se fez o seu sinal.	Até pouco tempo atrás Simoa eu desconhecia Mas na luta organizada O seu nome aparecia Através da companhia Que rompeu essa fronteira E de um pouco conhecia.	Basta usar a internet E “Simoa” ali buscar Pois existe sua história Que precisa se espalhar É de fácil entendimento Pra acabar o esquecimento Devemos compartilhar.	Pelas nossas diferenças Muito eu pude aprender Pois nossa diversidade Jamais pode esmorecer Qualquer desentendimento Fez o brilho do momento E a semente fez crescer.
Na história cearense É famosa uma revolta Jangadeiros conscientes Indicaram a resposta É preciso se informar Também para divulgar Essa greve contraposta.	O seu nome é Agressilva Karla Alves registrada Uma preta referência Corajosa e informada Que contou essa história Resgatando essa memória Da Simoa retratada.	O bonito nisso tudo É que dá pra perceber Que a força ancestral Continua a se mover Através do coletivo Que é bastante efetivo Pra Simoa reviver.	Pela Karla Agressilva Tenho imensa gratidão Porque me reconheceu Me puxou da solidão Pelo que me enegreceu Pelo que me estremeceu Com sua fala de trovão.
Pois assim se recusaram Mais escravos transportar E por causa dessa greve Ajudaram a transformar Uma vil realidade Nesse porco disparate Do racismo a dominar.	Foi na busca de um nome Para um grupo de ativismo Que Agressilva encontrou Combatendo o sexismo A Simoa inspiração Para a tal nomeação E lutar contra o racismo.	Pois tem Karla e tem Daiane Tem Karina e tem Tatá Yasmin, Dayze, Michelle Tem Marlúcia pra citar Com a Dávila e a Amanda O discurso se levanta Com Pricila e Jessyca.	Que daqui a muito tempo Seja Karla memorada Assim como foi Simoa Pela Karla resgatada Sua luta em dor parida Seja a sólida guarida De mais preta empoderada.
Essa história é conhecida Mas esconde a personagem A mulher fortalecida Que nos é a forte imagem Feminina a negritude Rica força de atitude Coroadas com coragem.	Convidando outras pretas Agressilva então fundou Grupo de mulheres negras Que com força se formou E o título escolhido Para o grupo reunido Esse nome então levou.	Nelas todas ainda vive Esse ar de resistência De Simoa é a bandeira Alta de resiliência É a marca do passado No presente demonstrado Pela luta tão intensa.	Então tenha o interesse De buscar e pesquisar Essas pretas que citei Fontes são de inspirar São mais bela negritude Feminina plenitude Pra mudar e conquistar.
Pois Simoa lá estava Quando a greve começou Muito além do que parece Ela assim participou Pois ao lado do marido Ela fez muito bonito E a greve liderou.	Pretas Simoa foi chamado Esse grupo relevante E com orgulho eu afirmo Que também fui integrante Partilhando essa luta Com a garra resoluta Que nos é preponderante.	Pelo tempo que passei E no Cariri estive Meu espírito encontrou Algo que jamais contive O amor que é ancestral É feroz e visceral Na partilha eu obtive.	A Simoa ainda existe Nessa irmã sinceridade Que supera esquecimento E enfrenta o disparate Destruindo o sexismo Acabando com o racismo Sempre na assertividade.

* Provavelmente algum erro de digitação, pois essas palavras aparecem impressas dessa forma no folheto.

Fonte: ARRAES, Jarid (Obs.: Não há indicação do ano da publicação no folheto)

ANEXO D – Legislações citadas

Art. 26 LDB 9.394/1996. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 1º Os currículos a que se refere o *caput* devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 2º O ensino da arte, especialmente e suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.

...

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

LEI Nº 10.639/ 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências.

LEI Nº 11.645/2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Art. 1º O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos,

a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

Art. 26-a da LDB 9.394/1996. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.